

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE – UNICENTRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LETRAS  
NÍVEL DE MESTRADO EM LETRAS ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:  
INTERFACES ENTRE LÍNGUA E LITERATURA**

**UMA ESCUTA NECESSÁRIA: A DOR DA FOME EM (DIS)CURSO NO *PODCAST*  
“ENTRE VOZES”**

**ALINE APARECIDA DA SILVA**

**GUARAPUAVA**

**2023**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE – UNICENTRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LETRAS  
NÍVEL DE MESTRADO EM LETRAS ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:  
INTERFACES ENTRE LÍNGUA E LITERATURA**

**UMA ESCUTA NECESSÁRIA: A DOR DA FOME EM (DIS)CURSO NO *PODCAST*  
“ENTRE VOZES”**

Dissertação apresentada por ALINE APARECIDA DA SILVA ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra CÉLIA BASSUMA  
FERNANDES

GUARAPUAVA

2023

Catálogo na Publicação  
Rede de Bibliotecas da Unicentro

S586e Silva, Aline Aparecida da  
Uma escuta necessária : a dor da fome em (dis)curso no Podcast "Entre  
Vozes" / Aline Aparecida da Silva. -- Guarapuava, 2023.  
xiii, 126 f. : il. ; 28 cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste,  
Programa de Pós-Graduação em Letras. Área de Concentração: Interfaces  
entre Língua e Literatura, 2023.

Orientadora: Célia Bassuma Fernandes  
Banca examinadora: Alexandre Sebastião Ferrari Soares, Maria Cleci  
Venturini

Bibliografia

1. Discurso. 2. Fome. 3. Podcast. 4. Espaço Digital. I. Título. II. Programa  
de Pós-Graduação em Letras.

| CDD 400



## TERMO DE APROVAÇÃO

ALINE APARECIDA DA SILVA

### **UMA ESCUTA NECESSÁRIA: A DOR DA FOME EM (DIS)CURSO NO PODCAST ENTRE VOZES**

Dissertação aprovada em 06/03/2023 como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no curso de Pós-graduação em Letras, área de concentração Interfaces entre Língua e Literatura, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, pela seguinte banca examinadora:

Prof.(a) Dr.(a) Célia Bassuma Fernandes (UNICENTRO) - Presidente/Orientador(a)

Prof.(a) Dr.(a) Alexandre Sebastião Ferrari Soares (UNIOESTE) - Membro Titular

Prof.(a) Dr.(a) Maria Cleci Venturini (UNICENTRO) - Membro Titular

GUARAPUAVA-PR  
2023

***Aos sujeitos que,  
em algum momento,  
sentem ou sentiram  
a dor da fome neste país.***

***Gente é pra brilhar  
Não pra morrer de fome  
(Caetano Veloso)***

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é um dos verbos mais fortes em minha vida. Ele é, sem dúvidas, para mim, a união da partilha e da ação. Partilhar emoções e ser grata por todas as ações que chegam até mim, me deixa emocionada. Escrevo com os olhos marejados, pois estar na escrita do agradecimento de minha dissertação é, sobretudo, um momento de catarse.

Agradeço à Célia Bassuma Fernandes, minha orientadora, mulher que me acolheu desde o momento da entrevista. Sem me conhecer, me ligou assim que soube o resultado, me motivou em momentos únicos dessa minha trajetória “dissertativa”. Como professora, conselheira, e orientadora foi humana e gentil em seus diversos gestos, com olhar minucioso de carisma e sabedoria.

À banca examinadora, professores Doutores Alexandre S. Ferrari e Maria Cleci Venturini pelas sugestões, leitura, tempo e atenção, sou muito grata, pois todas as contribuições foram importantes para meu processo de escrita.

Aos meus familiares, Junior, Anna Clara, Amanda, Pedro e César agradeço de coração, o incentivo de sempre, a paciência, a torcida por minhas conquistas da vida. Agradeço a memória de meu pai Joel Roque da Silva e de minha mãe Girlaine G. Sabino, que se fez “ausente presente” em meu processo de escrita. Em especial, agradeço à Lourdes Sabino, tia querida e amorosa sempre presente em meu processo escolar e em minhas escolhas. À Ana Maria, minha irmã, serei grata todos os dias de minha vida, por me mostrar que a “estrada vai além do que se vê”.

Às minhas amigas, Manu, Zuza e Renata a escuta, presença, paciência e amor de vocês me manteve viva nos dias mais difíceis. Thaise, Andrieli, Gabriela, Emmanuele e Cris, obrigada por compartilharem momentos de estudos, diálogos intermináveis, dúvidas e risos, vocês são únicas.

Por fim, agradeço ao programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro Oeste, UNICENTRO por terem aberto uma porta de estudos, tornando o meu desejo uma realidade. Por último, sou grata ao Grupo de Estudos e Pesquisas: Discurso e/no Espaço Digital e E-URBANO por tantos ensinamentos.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Logo de plataformas populares de <i>podcast</i> -----	34
FIGURA 2: Otimização do tempo-----	37
FIGURA 3: Canais de <i>podcasts</i> -----	38
FIGURA 4: Plataformas de <i>Podcast</i> mais Utilizadas-----	39
FIGURA 5: Países que mais consomem <i>podcast</i> -----	40
FIGURA 6: Página da CNN, que discursiviza o retorno do Brasil ao mapa da fome-----	41
FIGURA 7: Capa de Jornal em 1963-----	51
FIGURA 8: Capa da revista Extra, em 2021-----	52
FIGURA 9: Betinho de Souza em uma ação contra a miséria-----	53
FIGURA 10: Evolução da fome no Brasil-----	55
FIGURA 11: Gráfico sobre a população em insegurança alimentar-----	56
FIGURA 12: Percentual de pessoas em insegurança alimentar, por região no país -----	57
FIGURA 13 : Pessoas “catando” alimento em caminhão de lixo-----	78
FIGURA 14: Os Retirantes. Pintura de Candido Portinari -----	84



## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Principais plataformas de <i>podcast</i> -----	35
QUADRO 2: Trajetória de Betinho de Souza -----	54

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1: Formações imaginárias-----</b>	<b>66</b>
<b>TABELA 2: Formações imaginárias, jornalista Luciana Barreto-----</b>	<b>68</b>

## SUMÁRIO

<b>PALAVRAS INICIAIS</b>	14
<b>CAPÍTULO I</b>	
O ESPAÇO DIGITAL E O PROCESSO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS	18
1.1. Ordem e (des)organização do espaço urbano	19
1.2. <i>Podcasts</i> : uma das novas formas de resistência no e-urbano	28
<b>CAPÍTULO II</b>	
A FOME TEM UMA SAÚDE DE FERRO: AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DOS DISCURSOS SOBRE A FOME NO BRASIL	45
2.1. Condições de produção dos discursos sobre a fome no Brasil	46
2.1.1. O funcionamento da memória e a inscrição do sujeito em diferentes/mesmas regiões do saber	58
2.1.2. Relações de sentido e relações de força em funcionamento no discurso	63
2.1.3. O jogo imaginário em confronto no <i>podcast</i>	65
<b>CAPÍTULO III</b>	
A FOME: TESTEMUNHO DA DESIGUALDADE	69
3.1. Caminho metodológico	70
3.2. Movimento analítico	71
<b>EFEITO DE FECHAMENTO</b>	116
<b>REFERÊNCIAS</b>	122
<b>ANEXO</b>	126

SILVA. Aline Aparecida, “**UMA ESCUTA NECESSÁRIA: A DOR DA FOME EM (DIS)CURSO NO PODCAST “ENTRE VOZES”**”. Dissertação de Mestrado em Letras – Universidade Estadual do Centro-Oeste. Orientadora: Célia Bassuma Fernandes. Guarapuava, 2023.

### RESUMO:

A fome é um problema social que coloca em jogo a sobrevivência da espécie humana e vem se abrindo nas casas dos brasileiros como flagelo permanente. O aumento do número de pessoas que passam fome, no Brasil, trouxe à tona campanhas já esquecidas, que destacaram as mazelas decorrentes da falta de alimentos no território nacional, nos últimos anos. Diante deste panorama, o objetivo maior desta pesquisa é investigar como são produzidos os sentidos sobre a *fome* no episódio de *podcast* intitulado “Entre Vozes: o fantasma da fome volta a assombrar o Brasil”, produzido pela CNN Brasil, pensando o funcionamento discursivo do *podcast*, que circulou no espaço digital, por meio de plataformas de *streaming*, a partir de 2021. A questão de pesquisa que nos mobiliza é, portanto, como são produzidos os discursos sobre a fome no *podcast* recortado para análise? Como objetivos específicos, elencamos: a) compreender o *podcast* como uma das novas tecnologias da informação e comunicação que vem afetando o modo como o sujeito se relaciona com o mundo e com o outro; b) investigar quais formações discursivas entrecruzam o discurso jornalístico sobre a fome, bem como quais efeitos de sentido produzem; c) analisar a voz, nos *podcasts*, como processo de subjetivação do sujeito e como acontecimento único, que não se repete (SOUZA, 2018). O aporte teórico-metodológico no qual a pesquisa está respaldada é a Análise do Discurso franco-brasileira, tendo como principais referências Michel Pêcheux (1997, 2014 e 2015), Eni Orlandi (2007, 2004), Pedro de Souza (2018) e Dias (2011; 2016; 2018). Após o movimento analítico, podemos afirmar que por falta de políticas públicas a fome é um problema social e que é discursivizada espaço digital. Assim, o espaço digital modifica o espaço urbano tanto quanto o espaço urbano é capaz de marcar o espaço digital.

**Palavras-chave:** Discurso; Fome; *Podcast*, Espaço Digital

## **ABSTRACT**

Hunger is a social problem that puts the survival's human species at stake and has been taking shelter in Brazilian homes as a permanent scourge. The increased number of people who suffer from hunger in Brazil has brought to light already forgotten campaigns, which highlighted the ills arising from the lack of food in the national territory in recent years. Given this panorama, the main objective of this research is to investigate how the meanings about hunger are produced in the podcast episode entitled "Among Voices: the ghost of hunger returns to haunt Brazil", produced by CNN Brazil, thinking about the discursive podcast functioning, which circulates in the digital space, through streaming platforms, from 2021. The research question that mobilizes us is: how the speeches about hunger have been produced in the podcast analyzed? As specific objectives, we list: a) understand the podcast as one of the new information and communication technologies that has been affecting the way the subject relates to the world and to the other; b) investigate which discursive formations intersect the journalistic discourse on hunger, as well as which effects of meaning; c) analyze the voice, in podcasts, as a process of subjectivation of the subject and as a unique event, which is not repeated (SOUZA, 2018). The theoretical-methodological support on which the research is based is the Franco-Brazilian Discourse Analysis, having as main references Michel Pêcheux (1997, 2014 and 2015), Eni Orlandi (2007, 2004), Pedro de Souza (2018) and Dias (2011; 2016; 2018). After the analytical movement, we can say that, due to the lack of public policies, hunger is a social problem and that it is a digital discursive space. Thus, the digital space modifies the urban space as much as the urban space is able to mark the digital space.

**Keywords:** Discourse; Hunger; Podcast, Digital Space.

## PALAVRAS INICIAIS

*Pobre só pensa no arroz e no feijão,  
pobre só pensa no arroz e no feijão,  
pobre não envolve nos negócios da nação,  
pobre não tem nada com a desorganização  
(Carolina Maria de Jesus)*

Quando Carolina Maria de Jesus escreveu estes versos para uma canção, em 1961, não sabia que sua escrita, mais tarde, materializada em um disco, com doze composições, estariam, um dia, em plataformas digitais de músicas, sites de pesquisa, e num *podcast* que trata da “dor” da fome no Brasil. Dizemos que a fome “dói”, porque conforme Carolina dizia: a “fome nos faz tremer” e “é horrível ter só ar dentro do estômago”. (JESUS, 2014, p.38)

O dizer “*pobre só pensa no arroz e no feijão*”, que tomamos como epígrafe deste trabalho, recortado do livro *Quarto de despejo*, em que a autora fala sobre a dor da fome e que retorna na letra da canção que também aparece no início do *podcast* “Entre vozes: o fantasma da fome volta a assombrar o Brasil”, objeto deste estudo, direciona para um trajeto de significação que vai além da poesia, ecoando memórias sobre um mal que sempre assolou o país. A fome é um grave problema social, que tem ganhado contornos ainda mais trágicos nos últimos anos, em razão da desigualdade social e da pobreza extrema, agravadas pela pandemia de COVID-19 e pelo desmonte das políticas públicas, as quais visavam, ao menos, amenizá-la e que foram silenciadas pelo governo Bolsonaro.

De forma geral, pode-se dizer que o *podcast* é uma mídia em forma de áudio, que funciona de modo semelhante ao rádio, contudo, à diferença deste, fica disponível todo o tempo, para que seja possível acessá-lo a qualquer momento e pode-se ouvi-lo, ainda que o sujeito esteja desempenhando outras atividades cotidianas.

Compreendemos, todavia, que seria ingênuo pensar que todo e qualquer sujeito tem acesso e interesse a essa mídia, mesmo porque estar disponível não significa que haja uma cultura de acesso, ou dispositivos adequados para tal, como o acesso à *internet*, por exemplo. Assim, os sujeitos podem acessar o *podcast* se tiverem um *smartphone*, se tiverem acesso à rede de dados ou *wifi*, e por último, se tiverem o interesse pelo canal. Portanto, são várias as condições

para se chegar ao acesso de um *podcast*, que vão além da existência desta materialidade, mesmo que seja gratuito.

No *podcast* a ser analisado, entrecruzam-se trechos de entrevistas, intercalando as falas dos sujeitos participantes, com vozes dissonantes, como é comum na formação discursiva jornalística. Com relação aos discursos que faz circular, normalmente, esse arquivo de áudio dá voz àqueles que resultam de uma demanda social, ou seja, que tem por objetivo disseminar informação e/ou denunciar/alertar para um tema de interesse coletivo.

O funcionamento do *podcast* se diferencia de outras mídias não apenas pela praticidade de poder ouvi-lo ao fazer outras atividades, mas também pela subjetividade que o sujeito ouvinte encontra com os temas presentes na mídia em áudio. Assim, pensar o funcionamento do *podcast* é também pensar a materialidade do digital, um dos pontos discutidos neste trabalho.

Durante a pandemia da COVID-19, os *podcasts* se tornaram ainda mais populares, devido à busca por informações e maior acesso aos meios de comunicação de massa. Isso porque os sujeitos ficaram reclusos, em quarentena, por orientação da OMS (Organização Mundial da Saúde) e, por consequência, tiveram de buscar meios de entretenimento sem sair do espaço seguro de seus lares. Dessa forma, não só as plataformas de *streaming*<sup>1</sup> tiveram um número elevado de adesão pela população enclausurada devido ao vírus letal, mas também os canais de *podcasts* tiveram maior acesso. Dentre esses canais, os *podcasts* que fazem circular o discurso jornalístico ficaram em evidência, como o “Entre vozes: o fantasma da fome volta a assombrar o Brasil”, que a discursivizou como um grave problema social, que, de acordo com pesquisas, não assombrava mais o Brasil desde 2014.

Segundo relatório elaborado pela rede Penssan, com apoio da Oxfam Brasil<sup>2</sup> – sociedade civil brasileira, sem fins lucrativos e independente, criada em 2014 para a construção de um Brasil com mais justiça e menos desigualdades” – e outras organizações, a fome piorou muito desde a publicação dos primeiros

---

<sup>1</sup> Essas plataformas configuram-se como ferramentas de transmissão de um arquivo de mídia, em um fluxo contínuo de dados que podem ser processados de maneira *online*, isto é, sem ser necessário fazer um *download*. É, portanto, uma maneira de realizar a distribuição digital de conteúdo multimídia. (SILVA e DALL'ORTO, 2017).

<sup>2</sup> Disponível em: [https://www.oxfam.org.br/especiais/olhe-para-a-fome-2022/?qclid=Cj0KCCQjwmouZBhDSARIsALYcoup3HMOg26vDu2IqWkJcTzfakh4WsICkQNTKyUJDOHqLK-0\\_ icfZocYaAi2\\_EALw\\_wcB](https://www.oxfam.org.br/especiais/olhe-para-a-fome-2022/?qclid=Cj0KCCQjwmouZBhDSARIsALYcoup3HMOg26vDu2IqWkJcTzfakh4WsICkQNTKyUJDOHqLK-0_ icfZocYaAi2_EALw_wcB). Acesso em 15 de set. de 2022.

dados, em 2021 e segundo dados obtidos pelo novo *Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar*<sup>3</sup> no Contexto da Pandemia de Covid-19, já atinge 33,1 milhões de pessoas. Esses dados alertam para o fato de que apenas 4 entre 10 famílias têm pleno acesso à alimentação no país. Isso significa que o Brasil voltou a figurar, novamente, no Mapa Mundial da Fome<sup>4</sup>.

Neste trabalho, ancorado na teoria materialista do discurso, nosso objetivo principal é investigar como a fome foi discursivizada em um episódio do *podcast “Entre Vozes”*, produzido pela CNN e encabeçado pela jornalista Luciana Barreto. De acordo com o *site* da CNN Brasil, o novo produto digital da emissora, lançado em 16/03/2021, “convida os ouvintes a conhecerem histórias e relatos de especialistas que tratam de temas urgentes, que precisam ganhar cada vez mais espaço no debate público, como questões de classe, gênero, raça e tantas outras.” De acordo com a âncora, o “Entre Vozes” surgiu da necessidade de tratar de “pautas negligenciadas” nas redações da grande mídia, dando-lhes um olhar mais acurado.

O episódio recortado para análise foi: *“Entre Vozes: o fantasma da fome volta a assombrar o Brasil”*, lançado em 11/05/2021 e no qual se entrecruzam à voz da jornalista, a voz de Vera Eunice, filha de Carolina Maria de Jesus, da economista Tereza Campello, professora da Universidade de São Paulo, que esteve à frente da pasta de Desenvolvimento Social e Combate à Fome entre 2011 e 2016 e da advogada Valéria Burity, secretária geral da FIAN Brasil, organização pelo Direito Humano à Alimentação e à Nutrição Adequadas, além da voz do ex-presidente Jair Bolsonaro.

É importante dizer que não nos detivemos em analisar os recursos sonoros, que são próprios do *podcast*, embora eles colaborem para o processo de produção de sentidos, mas concentramos nossas análises nas formulações verbais que constituem a materialidade discursiva que nos interessa. Nesse sentido, também a voz funciona como processo de subjetivação do sujeito e como acontecimento único, que não se repete (SOUZA, 2015).

---

<sup>3</sup> Compreendemos que a designação “insegurança alimentar” pode produzir o mesmo efeito de sentido de “fome”, no entanto, em alguns momentos, é necessário estabelecer as diferenças entre esses dois termos, de acordo com as Redes e *Ongs* que as utilizam.

<sup>4</sup> O Mapa Mundial da Fome é uma ferramenta criada para apontar os países que não têm acesso adequado aos alimentos. A ONU passou a utilizar a ferramenta a fim de acompanhar os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio. Disponível em <https://maisretorno.com/porta/termos/m/mapa-da-fome>. Acesso em 12 de fev. de 2023.



A questão de pesquisa que nos move, é, portanto: como são produzidos os sentidos acerca da fome no episódio de *podcast* intitulado “*Entre Vozes: o fantasma da fome volta a assombrar o Brasil*”<sup>5</sup>, produzido pela CNN Brasil, e que circulou no espaço digital, por meio de plataformas de *streaming*, a partir de 11/05/2021?

Em termos mais restritos, buscamos: a) compreender o *podcast* como uma das novas tecnologias da informação e comunicação que vem afetando o modo como o sujeito se relaciona com o mundo e com o outro; b) investigar quais formações discursivas entrecruzam o discurso jornalístico sobre a fome, no *podcast*, bem como quais efeitos de sentido produzem; c) analisar a voz, nos *podcasts*, como processo de subjetivação do sujeito e como acontecimento único, que não se repete (SOUZA, 2015).

Para dar conta desses objetivos, no primeiro capítulo, discutimos a noção de espaço digital, pela perspectiva discursiva, com vistas a ressaltar o que é e como se configura o espaço digital e a ordem e (des)organização do espaço urbano. Ademais, interessa-nos pensar o *podcast* como uma das novas formas de mídia digital e que podem funcionar como discurso de resistência no e-urbano<sup>6</sup>.

No segundo capítulo, tecemos considerações sobre a história da fome no território nacional, perpassando por programas sobre a (in)segurança alimentar, que fizeram parte da história do Brasil. Além disso, a discussão sobre as condições de produção do discurso sobre a fome também são tratadas neste capítulo, assim como o jogo imaginário em funcionamento no *podcast*.

Por fim, no último capítulo, explicitamos o percurso metodológico e procedemos ao gesto analítico, a fim de responder à questão de pesquisa proposta e de atingir os objetivos elencados para esse trabalho.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/cnn-brasil-aumenta-catalogo-de-podcasts-e-lanca-entre-vozes-com-luciana-barreto/> Acesso em 17 de set. de 2022.

<sup>6</sup> Esse conceito será discutido mais adiante, em 1.2.

## CAPÍTULO I

### O ESPAÇO DIGITAL E O PROCESSO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS

*A cultura digital traz, sem dúvida nenhuma, aspectos diferenciados, outras categorias para se pensar o sujeito.*

*(Cristiane Dias)*

Para efeito de introdução deste capítulo, é necessário antecipar que a Análise do Discurso, vista como um dispositivo teórico-analítico, se ocupa do que está além do visível e do nomeado, isto é, de tudo que é dito e também dos não-ditos, da falta e dos excessos.

Faz-se necessário atentar, também, para o fato de que o espaço digital vai além de fazer circular conteúdos, pois tem o poder de armazenar história, memória e, por consequência, discursividades. Assim como no espaço urbano, a quantidade de materialidades e, sobretudo, a efemeridade com a qual se lida com elas, nesse espaço de produção de sentidos, permite a cristalização de sentidos já dados, mas pode encaminhar também para outros sítios de significação. Isso porque, a materialidade discursiva, abrigada em espaço digital, está atravessada ideologicamente, como é inerente a todo processo de produção de sentidos.

Neste espaço em que se dão as relações sociais, e por efeito, relações de sentido, todo texto, oral ou escrito, movimenta esferas de versões possíveis que o cercam (ORLANDI, 2004). Assim, a gestão dessas versões possíveis se consolidam em um processo de significação, no qual cidade e discurso se enlaçam. A cidade, enquanto materialidade significante, significa e é significada por e para sujeitos. É lugar da inscrição dos sentidos.

A partir disso, neste capítulo, buscamos compreender o funcionamento do espaço digital, à medida que é nele e por ele que os *podcasts* circulam. É por este viés, no 1.1, que a ordem e (des)organização do espaço urbano também serão estudados, a partir das obras de Orlandi (2004; 2012). Em 1.2, daremos ênfase ao estudo dos *podcasts*, compreendidos como um lugar material em que os sentidos são formulados e circulam, com base em Dias (2011; 2016; 2018).

### 1.1. Ordem e (des)organização do espaço urbano

Prédios, casas, museus, monumentos. Ruas, avenidas, calçadas, praças e igrejas. Bares, padarias, restaurantes, fome. Dentre todos os espaços tangíveis que compõem o visível no espaço da cidade, a *fome*, da ordem do invisível<sup>7</sup>, mas do sentido, ecoa no espaço urbano, produzindo seus efeitos no corpo e na alma dos sujeitos.

A palavra “espaço” é definida, de acordo com o dicionário Aurélio, como um substantivo masculino de “extensão ideal, sem limites, que contém todas as extensões finitas e todos os corpos ou objetos existentes ou possíveis”. É no espaço urbano, portanto, que a existência de todos os corpos, sujeitos e acontecimentos se dá, e que a *fome* existe em sua (in)visibilidade e em seus sentidos.

Do ponto de vista geográfico, “a cidade é um espaço do acontecer solidário” (SANTOS, 1998 p. 32), mesmo que não seja possível que o coletivo visibilize as mazelas cidadinas solidárias. Assim, outros espaços constroem-se paralelos ao urbano, como o espaço digital. Neste viés, o entendimento da maneira pela qual o espaço urbano e o espaço digital se significam e produzem sentidos é relevante para esta pesquisa, em que pretendemos investigar como a *fome* foi discursivizada em um *podcast*, que circulou na mídia digital.

Para Calvino (1990), “a cidade é feita das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado”. Além disso, o autor afirma que ao repetir o discurso, a cidade diz tudo o que se deve pensar, em relações que “se embebem como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata” (CALVINO, 1990 p 14).

Pelo escopo teórico da Análise do Discurso, a cidade pode ser compreendida como tendo várias faces. Saber como ela significa, como os sujeitos e os sentidos se articulam, faz-se necessário para compreender o processo de produção de sentidos no espaço urbano e, em especial, no espaço digital.

Como nos diz Orlandi (2004, p. 11), “observamos, circulamos, organizamos e administramos a cidade de maneira perceptível”. Para a autora,

---

<sup>7</sup> Essa noção do “invisível”, diz respeito ao fato de que a *fome* não é palpável, mas reverbera nos corpos dos sujeitos, por efeito metonímico.

a cidade é um texto a ser lido e interpretado, constituindo-se como uma realidade que se impõe com toda sua força. Nada pode ser pensado sem a cidade como pano de fundo. Todas as determinações que definem um espaço, um sujeito, uma vida, cruzam-se no espaço da cidade (ORLANDI, 2004, p. 11). Segundo ela, o corpo do sujeito e o da cidade são indissociáveis e essa relação é permeada pelas instituições e pelos seus discursos, que, por uma engrenagem histórica, capitalista, jurídica, produz sentidos frente à existência dos sujeitos e suas posições (-sujeito) no espaço urbano.

No espaço urbano (de *urbe*, cidade), onde os corpos se encontram e produzem sentidos, os discursos irrompem e se (des)organizam. Por isso, para que haja o entendimento dos discursos sobre a fome que circularam no espaço digital, é primordial pensar em como os corpos dos sujeitos estão atados ao corpo da cidade. Ou seja, é necessário considerar como o corpo social e o corpo urbano se imbricam como uma unidade. De acordo com a autora, uma das razões que leva a estudar a cidade é a necessidade de se observar “as alterações que se dão na natureza humana e na ordem social” (ORLANDI, 2004, p. 12) e é por essa esteira que pretendemos estudar os discursos sobre a fome no espaço digital.

Outra razão para este estudo são as relações que se estabelecem entre indivíduos com outros indivíduos, pois conforme ela

Temos então a mobilidade do indivíduo no campo de um grande número de indivíduos diferentes concentrados em um mesmo espaço. Instabilidade. **Insegurança**. O indivíduo é membro de grupos bastante divergentes. Tangenciais. Do outro lado, o da produção em massa, nos encontramos com a padronização de processos e produtos. Individualidade e padronização são polos constantes na caracterização da vida na cidade (ORLANDI, 2004. p.12-13, grifo nosso).

De acordo com a autora, o espaço urbano é heterogêneo e esses diferentes modos de ser e de estar na cidade geram a instabilidade e a insegurança. Essas duas palavras apontam para o mal-estar provocado pela falta de algo ou pelo desequilíbrio social, próprio das sociedades capitalistas. Como exemplo, podemos citar a falta de segurança que assola nossas cidades e que produz suas vítimas diárias, a falta de moradia decente e, obviamente, a fome que tem afetado diariamente a vida de muitos brasileiros.

Neste trabalho, a palavra “insegurança” se entretetece aos discursos que circulam sobre a fome e que segundo pesquisas, não assombrava mais o Brasil desde 2014 (SIPIONI, 2020). Conforme o autor, já em 2017, havia indícios de que esse fantasma teria voltado a castigar o país, tanto que foram desenvolvidas campanhas como “*Natal sem fome*” e “*Quem tem fome, tem pressa*”. Ainda segundo esses estudos, em 2021, o Brasil voltou a figurar, novamente, no Mapa Mundial da Fome, em razão dos efeitos da pandemia de COVID 19, que agravou ainda mais a desigualdade social e a pobreza extrema.

Outro fator importante foi a precarização das políticas públicas do governo Bolsonaro, que poderiam, ao menos, amenizá-la (SIPIONI, 2020). Dizendo de outro modo, quando analisamos o discurso sobre a *fome*, a expressão *insegurança alimentar* é recorrente em meio a tantos dizeres sobre ela.

Quando Orlandi (2004) menciona que observar a cidade é, também, atentar-se para a mobilidade social, uma vez que o indivíduo do campo se desloca para a cidade e concentra-se em um mesmo espaço, compreende-se o acontecimento da urbanização do território nacional como um movimento que mobiliza os sujeitos e os atravessa pela história.

A história da urbanização do Brasil é extensa e pode ser observada desde o início de sua colonização. Todavia, há acontecimentos históricos que constituem marcos do processo de urbanização das cidades brasileiras e cujos efeitos ecoam, nos discursos sobre a fome. Exemplo disso, são a abolição da escravatura, que possibilitou o início dos processos de formação de comunidades marginalizadas, favelas e complexos urbanos no final do século XIX, além do longo processo de êxodo rural, nos meados do século XX.

Todos esses acontecimentos fazem parte do *status quo* da urbanização atual, configurando um espaço urbano em que os sentidos se instalam numa “difícil relação entre a cidade, o urbano e o social” (ORLANDI, 2012, p. 15). É por este e neste espaço que os sujeitos são afetados por diversas inseguranças, inclusive a alimentar, que se intensifica ainda mais nos subúrbios e favelas.

De acordo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as favelas constituem

uma forma de ocupação irregular de terrenos de propriedade alheia – públicos ou privados – para fins de habitação em áreas urbanas e, em geral, caracterizados por um padrão urbanístico irregular, carência de serviços públicos essenciais

e localização em áreas com restrição à ocupação. No Brasil, esses assentamentos irregulares são conhecidos por diversos nomes como favelas, invasões, grotas, baixadas, comunidades, vilas, ressacas, loteamentos irregulares, mocambos e palafitas, entre outros (IBGE, 2020).

Resultado da fragilização coletiva e conseqüente marginalização dos sujeitos majoritariamente negros, as favelas são parte do espaço urbano na sua iminente heterogeneidade. Após o longo processo da escravização, os filhos nascidos dos sujeitos escravizados, sem posse, sem trabalho ou meios de subsistência, buscavam em cortiços das grandes cidades, abrigo, trabalho e acolhimento, compondo a partir daí, um corpo social e urbano que se desenvolvia concomitantemente à expansão das vilas e demais comunidades.

Não há espaço urbano no Brasil de hoje que se prive de constituir-se de comunidades oriundas desse processo histórico de marginalização e pobreza. Dito de outro modo, apesar de frequentemente parecerem estar dissociadas do espaço urbano pela dicotomia cidades *versus* favelas, as favelas constituem o urbano, tanto que a cidade do Rio de Janeiro, quando capital do Império e durante o final do processo de escravatura, ficou conhecida como o “berço das favelas”.

Apesar da passagem do tempo e da mudança na forma de governo da monarquia para a república, as favelas continuam figurando no espaço urbano das grandes cidades, despertando a curiosidade de turistas que desejam conhecer mais de perto como funcionam as estruturas sociais das comunidades que vivem à margem delas. Por esse viés, as favelas constituem “um exemplo vivo da dissonante realidade da desigualdade do Brasil”<sup>8</sup>.

Além das favelas, constituem, ainda, o espaço urbano, os sem-teto, os moradores de rua, os mendigos, os indigentes, os sem-abrigo, as pessoas em situação de rua, ou qualquer que seja a designação atribuída àqueles que vivem em situação de extrema pobreza e que não conseguem, por meios próprios, obter as condições mínimas necessárias para (sobre)viver.

Na opinião de especialistas do espaço urbano, esses sujeitos provocam uma desordem no espaço urbano e na tentativa de “organização” do espaço

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.favelatemmemoria.com.br/as-favelas-e-as-suas-maravilhas-ocultas/#:~:text=Por%20ser%20um%20exemplo%20vivo,complexo%20urbano%C3%ADstico%20como%20as%20favelas>. Acesso em 16 de set. de 2022.

público, o Estado tentou por diversas vezes (e ainda tenta) higienizar espaços, como, por exemplo, extinguindo os cortiços do centro do Rio de Janeiro, no ano de 1904, com a Reforma Pereira Passos. De acordo com Silva (2019), essa foi uma tentativa de aburguesamento da cidade do Rio de Janeiro, que pretendia “reformá-la” para que parecesse arquitetonicamente, socialmente e culturalmente com Londres.

O nome Pereira Passos refere-se ao então prefeito da cidade do Rio de Janeiro e cujo mandato se deu entre os anos de 1902 e 1906. Conforme Albergaria (2010), antes da reforma, o centro antigo da cidade era misto e democrático, pois diferentes grupos sociais dividiam o espaço urbano, o que provocava epidemias recorrentes.

Boa parte da população pobre dividia os cortiços e foi alvo do discurso higienista, que “[...] misturava prescrições da ciência médica e padrões morais de convivência urbana” (ALBERGARIA, 2010). Nessa época, de acordo com o autor, foram abertas largas avenidas e demolidos os cortiços, empurrando a população que neles vivia para a periferia e para os morros. Nesse sentido, a reforma também conhecida como “bota abaixo”, organizou a cidade, dividindo-a de acordo com as classes sociais.

Segundo Ferraça (2020), algo parecido aconteceu na cidade de Campinas, onde, na segunda metade do século XX, se deram tentativas “bem-sucedidas” de higienização de espaços públicos, com a criação do bairro Itatinga, para apartar geograficamente da cidade, um lugar da prostituição (FERRAÇA, 2020).

Outra situação semelhante foi a tentativa de deslocamento da “Cracolândia”, nome dado à região central da cidade de São Paulo, em que a maioria da população em situação de rua é dependente químico. Tal ação visava à “higienização” do espaço urbano, mas os sujeitos que ali viviam, apenas se deslocaram para outras praças centrais. De acordo com pesquisas realizadas pelo Labcidade-USP<sup>9</sup>, as tentativas de extinção da Cracolândia apenas

---

<sup>9</sup> O LabCidade – Laboratório Espaço Público e Direito à Cidade – é um laboratório de pesquisa e extensão da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e atualmente é coordenado pelas professoras Paula Freire Santoro e Raquel Rolnik. O laboratório tem como foco de atuação o acompanhamento crítico das políticas urbanas e habitacionais, particularmente em São Paulo e em outras regiões metropolitanas brasileiras assim como a intervenção direta no debate público a respeito das mesmas e ações desenvolvidas em rede com

espalharam os “fluxos”, mas não resolveram os problemas daqueles que vivem à margem da sociedade.

Ou seja, o afastamento das pessoas que vivem em situação de rua do centro da cidade, o uso de tapumes em bairros inteiros, a militarização de centros, dentre outras muitas tentativas de deslocamento dos corpos, na história da sociedade brasileira, pelo poder do Estado, em nada colaboram para resolver a desigualdade social nas grandes cidades, tendo em vista que esses corpos apenas migram de um lugar para outro, a esmo.

Assim, de acordo com Orlandi (2004, p. 13), “a dessemelhança joga forte nos centros urbanos. Povos de traços diversos são aglomerados em contato físico estreito” (ORLANDI, 2004, p.13) e o poder público, tenta, de todas as formas, separar no espaço público, que é a cidade, aquilo que deseja invisibilizar. Ao invisibilizar corpos, numa tentativa de higienização do tangível, se dá o esquecimento da *fome* impelida pela miséria, pelo desemprego, isto é, pelas condições mínimas de existência. Nesses espaços ocupados pelos sujeitos nas comunidades marginalizadas, a fome em sua abstração, não se vê, mas é sentida e produz seus efeitos.

Ainda recorrendo aos acontecimentos históricos que resultaram na formação das favelas, para juntar-se ao coletivo marginalizado a partir do resquício da escravidão, estima-se que mais de 30 milhões de brasileiros migraram da zona rural para a zona urbana entre as décadas de 1960 e 1980, aumentando exponencialmente a fome no espaço urbano.

Com o processo de industrialização na zona rural, as famílias, que antes tinham na terra um espaço de plantio e sustento, evadiram do campo em busca de melhores condições de vida nas cidades. No entanto, os centros urbanos não tinham suporte para receber um contingente tão grande de pessoas naquele momento. Conforme Santos (1998, p. 107), “a organização interna de nossas cidades, grandes, pequenas e médias, revela um problema estrutural, cuja análise sistêmica permite verificar como todos os fatores mutuamente se causam, perpetuando a problemática”.

No espaço urbano, os modos como o discurso sobre a cidade e cotidiano produzem sentidos estão atrelados ao saber do urbanista e ao discurso do

---

parceiros, tanto com grupos de pesquisa de outras universidades do país, como com ONGs, coletivos, escritórios modelo e de assistência técnica, entre outros.



Estado, apagando a “experiência da cidade em seu real” (ORLANDI, 2012, p. 187). Isso significa dizer que há uma narrativa sobre a história de fundação das cidades apagada em detrimento de outra. Geralmente, se conta sobre a construção de estradas, fundações de igrejas, de forma muito mais arquitetônica e política do que social em seu real da história.

O próprio movimento de evasão rural trouxe para os centros urbanos os sujeitos que mantinham a mão de obra no campo, fato que equilibrava os níveis de produção de alimentos e de matéria-prima. Em uma escala maior, a evasão rural também contribuiu para o processo de aumento do custo de vida para os mais vulneráveis.

A experiência da cidade em seu real é afetada por todos os discursos e linguagens do urbano. Isso porque a cidade tem um “corpo significativo” (ORLANDI, 2004, p. 31), que se mostra de diferentes formas, como o *rap*, a poesia urbana, as rodas de conversa, os *outdoors*, os grafitos, as pichações, entre outras, que se (re)únem para significá-la e significar também os sujeitos que nela vivem. A autora designa de “narratividade urbana” os flagrantes que no imaginário se regem por uma relação lógica:

A narratividade urbana, enquanto fala que desorganiza, é um modo discursivo de se trabalhar a espessura semântica da cidade, atravessar o **urbano saturado** e flagrar o real da cidade de significado em clarões, relâmpagos e luminosidades que não duram senão o tempo de um flash, de uma mirada, de um lembrete. Fulgurações. Mas que ficam na retina produzindo seus efeitos. (ORLANDI, 2004. p.36, **grifo nosso**).

O termo “urbano saturado” utilizado pela autora, nos direciona para o real da cidade, para os movimentos dos territórios de pertencimento, que não pertencem, que são silenciados e mapeados por acontecimentos que evidenciam uma ordem do indizível, a fome. Os efeitos de sentidos produzidos pelas narratividades deslocam os sentidos, nos quais os sujeitos são e estão atravessados na ordem do dizer.

Ainda afirma,

A cidade não tem um seu narrador, um seu contador de histórias [...] A narratividade urbana tem vários pontos de materialização. Moventes. Fulgurações. Materialidade dispersa. E é nas suas relações que podemos compreender esses seus sentidos (ORLANDI, 2004. p.31).

Assim, o discurso urbano é um acontecimento endógeno à cidade, pois é nele que há a mobilidade e é dele que se propagam diferentes textualidades, como, por exemplo, os *podcasts*. Orlandi direciona a pensar, assim, na *ordem* do discurso urbano, preocupando-se em entender a configuração de sentidos na cidade, ultrapassando a *organização* do discurso urbano.

Para a autora, a diferença entre ordem e organização se dá pelo fato de que a organização se atenta para os arranjos das unidades, enquanto a ordem vai além, pois visa ao domínio do simbólico na relação com o real da história (ORLANDI, 2004, p.35). Segundo ela, para compreender o espaço urbano, é necessário ir além da organização imaginária proposta por especialistas do espaço urbano e atingir a sua ordem, a fim de entender como o simbólico configura sentidos para/na cidade (ORLANDI, 2004).

Ao pensar na sobredeterminação do urbano sobre a cidade, pelo viés do discurso, produz-se o que a autora designa de *verticalização* das relações horizontais na cidade, que “de espaço material contíguo, se transforma em espaço hierarquizado (vertical)” (ORLANDI, 2004, p. 35). Nesse movimento, os sujeitos se indistinguem e as diferenças verticalizadas se dão por meio de níveis de dominação, impossibilitando que uma convivência horizontal aconteça. Assim,

a organização social vai refletir essa verticalização da formação social urbana no espaço horizontal, separando regiões, determinando fronteiras que nem sempre são da ordem do visível concreto mas funcionam no imaginário sensível. Segregação (ORLANDI, 2004, p. 35).

Os discursos sobre a fome estão nas cidades, nos territórios que se organizam e se desorganizam concomitantemente. Orlandi denomina de falas desorganizadas o movimento de relações sociais, lugares onde os sentidos faltam, perturbam a ordem do discurso e a organização social. Nesse sentido, é próprio da cidade e suas instituições o surgimento das falhas, já que “as falas desorganizadas significam lugares onde sentidos faltam, incidência de novos processos de significação que perturbam ao mesmo tempo a ordem do discurso e a organização do social” (ORLANDI, 2004, p. 63). Assim, a linguagem nos move a compreender o “funcionamento do urbano, do cidadão, do social nesse espaço simbólico específico que é a cidade” (ORLANDI, 2004. p.63).

Ao passo em que há compreensão da ordem do discurso urbano, há o entendimento do discurso da cidade. De acordo com a terminologia e a história da cidade, temos a aparição da disposição espacial em divisões: o castelo, a cidade, o burgo, que, em termos sociais hierarquizados se assemelham aos modelos e arranjos espaciais que na atualidade também se configuram, ou seja, que vão do mais central aos que vivem às margens.

O que se observa nos espaços urbanos é um processo de verticalização social, nos quais os grandes centros habitados pelos pobres, moradores de ruas, comércios informais sofrem um processo de higienização, um apagamento de corpos, enquanto os ricos vivem em “nichos”, em condomínios fechados. Ou seja,

A sociabilidade fica regida pela organização urbana e não é pensada em termos da sociedade como parte da história. Desliza-se do “polido” para o “policiado”, para o controle e a manutenção da organização urbana (arranjo calculado, planejamento), está sendo significada pelo urbanístico, pelo administrativo, pelo sentido diretivo. (ORLANDI, 2012, p.189).

As relações de sentidos se estabelecem, nessas condições do espaço urbano, limitadas em seu imaginário. Como sequela, as formas de produção de sentido intrínsecas à cidade não são consideradas. Há o apagamento, por conseguinte, das falhas, espaços de equívocos e silenciamentos da vida social no espaço urbano. Nesse (entre)tecer de relações e silenciamentos, as instituições concorrem para uma homogeneização dos sujeitos, apagando o real do espaço urbano. O que funciona é a uniformização dos corpos e dos sujeitos, em detrimento do apagamento de sua história.

De acordo com Orlandi (2004), os discursos do urbano silenciam o real da cidade, produzindo, assim, uma deriva de ideologias que nivela as maneiras de significar o espaço urbano, ou seja, no embate entre simbólico e político, a ordem do discurso fulgura sentidos na cidade. Desse modo, “compreender a ordem do discurso urbano é compreender o discurso da cidade” (ORLANDI, 2005, p. 188), na qual a atividade comercial e a tecnologia regem os sujeitos e onde o espaço urbano, pautado, inclusive na economia, está sempre em movimento.

Por isso, ao dizer “*pobre não se envolve nos negócio da nação, pobre não tem nada com a desorganização*”, Maria Carolina de Jesus dá vez e voz ao

sujeito que é invisibilizado por não se envolver socialmente e politicamente com a ordem da cidade e por estar atravessado pelas ideologias que nivelam, organizam e desorganizam os espaços urbanos (ocorrência que analisaremos nas seções posteriores de maneira pertinente). Por conseguinte, o estudo sobre o espaço urbano, pelo viés discursivo, engloba a compreensão das mutações que são na ordem da natureza humana e na ordem do social.

Conforme De Certeau (1994, p. 183), a cidade é um tecido urbano no qual existe “uma rede de estadas tomadas de empréstimo por uma circulação, uma agitação através de aparências do próprio, um universo de locações frequentadas por um não-lugar ou por lugares sonhados. Como já mencionamos, Orlandi (2004) discute questões relacionadas à configuração do espaço urbano pela dimensão de um caráter ideológico, no qual a leitura desse espaço considera o fato de que os sentidos são dados como naturalizados. Isso porque o modo de organização da

polis contemporânea é fortemente marcado por relações de mercado, desde os estabelecimentos em si, passando pelas vias publicitárias, até o ato de comprar. Nesse trajeto, de dentro dos carros protegidos por insulfilme, ao estacionamento resguardado dos centros de compras, a vista humana encontra-se “protegida” da miséria que talvez não se queira ver (RASIA, 2010, p.47).

Com o advento de plataformas digitais e das redes sociais, este espaço urbano(antes) público se transmuta em espaço (agora) digital. Isto é, não é necessário, para expressar-se, mesmo que de forma anônima, pichar muros e paredes. As redes como *Twitter*, *Facebook*, *blogs* variados, *YouTube* são espaços para manifestações públicas e fazem parte do *e-urbano*. Na seção posterior, trataremos, portanto, deste espaço e suas particularidades.

### 1.2. *Podcasts*: uma das novas formas de resistência no e-urbano

Os avanços tecnológicos tomaram formato mais precisamente no século XXI. Com as mudanças advindas do uso de aplicativos, aparelhos *smartphones* e *internet*, houve um aumento na mobilidade do digital. Por consequência, ocorreu a significação desse espaço simbólico, bem como do sujeito e dos sentidos a partir do digital.

Para Orlandi (1998), o digital é matéria significativa em sua constituição dos sentidos, da linguagem e dos sujeitos. Logo, tais avanços também interferem nos modos de ser e estar dos sujeitos nas cidades. Para a autora, compreender a ordem do discurso digital implica uma compreensão simbólica, a relação com o sujeito, com o político, ou seja, com o funcionamento do real da cidade (ORLANDI, 2018).

Dias (2018) também afirma que, ao criarem novas maneiras de estarem no mundo, os sujeitos iniciam novas discursividades e transformações, que vão além da própria *forma-sujeito*<sup>10</sup>, pois elas configuram uma maneira de constituírem “as formas históricas de assujeitamento na sociedade digital e construção do conhecimento em suas formas institucionais e políticas” (DIAS, 2018, p.18).

Segundo a autora, compreender o processo discursivo da informação e da “digitalização do mundo” é importante, já que ele é processo significativo (DIAS, 2018). Do prisma teórico da Análise do Discurso, o conceito de *pré-construído*<sup>11</sup> é relevante, pois o que compreendemos atualmente como “cultura digital” aponta para uma construção anterior, ou seja, “remete ao pré-construído da sociedade da informação” (DIAS, 2016a, p.67). Conforme a autora,

A diversidade cultural entra como um elemento capaz de deslocar o próprio sentido de produção de conteúdo na internet, o que era tratado de forma ainda centralizada no início dos anos 2000, quando a produção de sentidos em torno da Sociedade da informação estava muito mais explicitamente determinada por uma demanda política econômica de implantação e gestão do acesso à internet, que diz respeito mais diretamente às relações de poder economicamente determinadas (DIAS, 2016, p.66).

Por esse viés, o processo midiático que se revela por meio da publicação de arquivos em áudio na *internet*, tem como principal característica a relação entre o arquivo de áudio e a integração com o arquivo de texto. Por isso, o digital também configura o sentido social do dizer. Há, portanto, um significado distinto nas relações no discurso digital.

---

<sup>10</sup> A ‘forma-sujeito’, de fato, é a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais” (PÊCHEUX, 2014, p.197).

<sup>11</sup> Conforme Pêcheux (2014, p. 164), o pré-construído “corresponde ao ‘sempre-já-ai’ da interpelação ideológica que fornece-impõe a ‘realidade’ e seu ‘sentido’ sob a forma da universalidade (o ‘mundo das coisas’”).

Dias (2016) anuncia o conceito de digitalidade, na qual há unidade significativa que corresponde a diferentes processos de significação, tendo o digital como matéria significante. Assim, o funcionamento do discurso digital diz respeito a diversos processos de significação, ou seja, é "incontornável" (...) o "estatuto da tecnologia na produção de discursos e na produção da ciência na sociedade contemporânea" (SILVEIRA, 2015, p. 27)

Em outras palavras, o digital produziu mudanças significativas nos sujeitos e nos sentidos, ou seja, (re)configurou os modos e as formas de o sujeito se relacionar com o outro. Com foco nesse funcionamento do digital, Dias (2011) formula o conceito de "e-urbano" e explica que o "e-" advém de eletrônico, que passa a constituir o espaço urbano em sua própria formulação.

Conforme ela, outras palavras que fazem parte do nosso cotidiano são formadas a partir desse "e", balizando esse novo modo de viver a/na cidade, como *e-gov*, *e-learning*, *e-comércio*, *e-book*, *e-compras*, produzindo o efeito de sentido de que o eletrônico tem um sentido natural para todos.

De acordo a autora, o eletrônico significa o social na ordem do discurso urbano (DIAS, 2011). É nos/pelos arranjos sociais e geográficos que se pode compreender os acontecimentos discursivos. Ou seja, é também por meio do eletrônico que circula um emaranhado de textos sobre a fome, que podem ser lidos e ouvidos, nos mais diferentes suportes de circulação como revistas e jornais eletrônicos, nas redes sociais e nas plataformas de *streaming*, que acolhem cada variedade de texto que configura o digital e agrupa diferentes materialidades. Por isso, "pensar a cultura digital, traz aspectos diferenciados para também pensar o sujeito e seu processo de interpelação e individualização" (DIAS, 2016, p 72).

É nesse espaço digital que circulam também discursos que têm como norte funcionar como forma de resistência e de denúncia. Isso significa que, de acordo com a autora, o digital, inscrito na cultura digital, se faz por meio de uma inscrição "político-ideológica". É pelo deslizamento de sentido, que a cultura digital tem seu funcionamento de modo diferente, mas carrega em sua formulação algo do mesmo. Embora haja um distanciamento por conta das formações discursivas, a cultura digital tem seu efeito de "sustentação" (DIAS, 2016, p.68).

Quando falamos em resistência, neste trabalho, estamos nos referindo à falha no ritual ideológico, isto é, naquilo que leva o sujeito a “ousar se revoltar” (PÊCHEUX, 2014, p. 281) e escapar da identificação ideológica plena. Conforme o autor, as resistências consistem em

não entender ou entender errado; não ‘escutar’ as ordens; não repetir as litanias ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio; falar sua língua como uma língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras... E assim começar a se despedir do sentido que reproduz o discurso da dominação, de modo que o irrealizado advenha formando sentido no interior do sem-sentido (PÊCHEUX, 2012, p. 17).

Durante o período da pandemia, o número de acessos à *internet* aumentou, pois em decorrência do isolamento social, a população brasileira passou a fazer compras, trabalhar e estudar em casa. Diante desse cenário, houve um aumento de 71% para 83% no número de acessos nos domicílios brasileiros. Dentre a multiplicidade de tipos de textos, de diferentes formatos que circulam no espaço digital, estão os *podcasts*, que consiste em um formato multimídia, aliado de várias marcas brasileiras, empreendedores, *influencers* digitais.

Lenharo e Cristóvão (2016) desenvolvem uma noção de *podcast* a partir de uma dúvida sobre sua própria definição. Na seção do trabalho intitulada “*Podcast: um gênero, uma mídia ou um suporte?*”, os autores recorrem à máxima bakhtiniana de que os gêneros textuais são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2003, p. 297). A partir disso, descartam a hipótese de que *podcast* seja um gênero e entendem que

em linhas gerais, o *podcast* é um arquivo de áudio disponibilizado na internet para download gratuito por qualquer usuário da rede. Suas funções são variadas, desde o entretenimento e a divulgação de informações até o seu uso para fins educacionais [...] Tomando como base os conceitos supracitados, consideramos *podcast* **uma mídia**, e não um gênero. Já o arquivo de formato MP3 é o **suporte**, ou seja, o elemento concreto que permite a existência de uma mídia (LENHARO E CRISTÓVÃO, 2016, p. 311 - *grifos nossos*).

A palavra *mídia* é uma referência aos meios de comunicação, pois é uma adaptação do vocábulo inglês *media*, originário do latim *medium*, que por sua vez, significa *meio*. Portanto, assim como afirmam os autores citados, o *Podcast* é uma mídia digital, que teve sua primeira aparição em fevereiro de 2004, no jornal britânico *The Guardian*.

O jornalista Ben Hammersley usou a palavra como sinônimo de *audioblog*, uma mídia semelhante para a publicação de arquivos de áudio na *internet*, muito próxima ao formato de *blogs* de textos. Por meio da junção do prefixo *pod-* e do sufixo *casting*, o jornalista somou o termo da nomenclatura mais popular tocada na mídia digital, *iPod* (desenvolvido pela *Apple Computer*), à ideia de transmissão pública de informação. Dessa forma, surgiu o nome inglês *broadcasting*.

Embora o *podcasting* tenha sido associado aos *audioblogs*, podemos verificar a distinção entre os dois, pois o *podcasting* têm sua própria identidade, no que se refere ao seu objetivo quanto ao seu funcionamento. Nesse sentido, o *podcasting* não tem como foco a divulgação de músicas, mas a transmissão de informações de qualquer espécie.

De acordo com Castells (1999), a mídia é a expressão de nossa cultura. Os *podcasts* são processos pautados na difusão de áudio, ou seja, o *podcast* é um processo midiático que se baseia nas emissões sonoras, que fazem uso da *internet* como suporte para compartilhamento de seu conteúdo.

Ducard (2015) define *podcast* como uma forma de transmissão de arquivos multimídia na *internet*, nos quais as pessoas disponibilizam listas de músicas, bem como expõem opiniões sobre os mais variados assuntos. O *podcast* é uma espécie de *blog*, no qual, ao invés de escrever, as pessoas se expressam por meio da fala e tem sua particularidade, uma vez que faz um “retrato da voz”, revelando as singularidades vocais, em que cada texto é introduzido por indicações sobre a tonalidade, o sotaque, o estilo, o “retrato da língua, que acompanha o retrato da voz” (DUCARD, 2015 p.114).

Além disso, os *podcasts* jornalísticos podem ser roteirizados, ou seja, escritos anteriormente, ensaiados, editados detalhadamente, com fundos musicais apropriados ao tema. Há, portanto, um processo de antecipação pelo roteiro, já que o jornalista que o conduz sabe o que vai ser dito e editado, fazendo os cruzamentos de vozes convenientes. Assim, o funcionamento do *podcast* se



dá de forma muito parecida com um programa televisivo ou radiofônico no que diz respeito à roteirização.

De acordo com Souza (2015), por uma perspectiva discursiva, a voz é instrumento que trabalha a subjetivação em sua singularidade. Quando se trata do podcast, há uma singularidade dado que é por meio da autonomia do entrevistado e entrevistador que há o acontecimento discursivo. No *podcast* há um certo tempo e espaço do dizer, “simbolicamente arrolado na análise, pode expor-se na sua derivada propriedade de produzir sentido e sujeito” (SOUZA, 2015. p. 03).

Os sentidos do *falar* e do *cantar* estão presentes logo no início do *podcast* recortado para análise nesta pesquisa. A música, que também está na epígrafe deste capítulo, se inicia apenas com o ritmo instrumental e repetitivo de batidas, uma voz mais forte que se assemelha a um sopro e respirar fadigados. Essa voz inicial inaudível traz à canção uma memória discursiva que se confirma com os dizeres seguintes. A repetição por três vezes da afirmação “Pobre só pensa no arroz e no feijão” significa também pela interpretação artística, porque a voz do sujeito cantor produz efeitos de sentido de dor, angústia e exaustão. Dito de outro modo, há um processo discursivo que torna possível sua subjetivação predominantemente operada pela voz” (SOUZA, 2015. p. 04).

Ao que concerne ao viés mercadológico, o *Podcast*, acentuadamente na última década, tornou-se uma ferramenta publicitária para muitas marcas, que abordam estrategicamente assuntos específicos de seus nichos. A título de ilustração, citamos a Natura, quarta maior empresa de produtos de beleza do mundo, que lançou, no fim de 2018, a minissérie “Viva Seu Corpo”, com o intuito de discutir os caminhos de uma relação mais saudável e positiva com o próprio corpo, em parceria com o Mamilos, canal de *podcast* brasileiro.

O Banco Bradesco, banco privado do Brasil, lançou, em 2018, a série “Histórias para Ninar de Garotas Rebeldes”, que narra o perfil de mulheres notáveis que revolucionaram suas áreas de atuação, como a jogadora brasileira Marta, a escritora britânica J. K. Rowling e a cantora norte-americana Beyoncé. A rede de *fast-food* *Mcdonald's*, a rede social *Facebook* e a empresa de *softwares* de computador e produtos eletrônicos *Microsoft*, são empresas que também utilizam *podcasts* para divulgação de suas marcas.

Ao contrário de redes sociais em que os sujeitos ordinários criam contas e se comunicam mais ativamente, não é tão simples produzir um *podcast* em comparação a outros perfis. É preciso estar logado em um agregador de *podcast*, aplicativo ou *site* que armazenam e transmitem os arquivos de áudio.

Os aplicativos/sites de hospedagem, como, por exemplo, *Soundcloud*, *Spreaker*, *Libsyn*, *Buzzsprout*, *Anchor*, dentre outros, hospedam o áudio, e, a partir daí, pode-se ter acesso ao *Feed RSS* <sup>12</sup> de um canal para compartilhar no agregador de *podcast*. A hospedagem do áudio é feita por meio do *upload* do arquivo, que já deve estar instalado em um computador ou *smartphone*, como os que seguem no quadro abaixo:

FIGURA 1: Logo de plataformas populares de *podcast*



Fonte: <https://eibox.com.br/podcast/>

Segundo pesquisas realizadas pela empresa de tecnologia em áudio *Voxnest - State of the Podcast Universe*, em 2020, o Brasil alcançou mais de 100% no número de novos *podcasts*. No que se refere ao consumo, o Ibope

---

<sup>12</sup> Trata-se de um dos métodos mais tradicionais de distribuição e acesso a conteúdo *online*. Por meio de um leitor, qualquer usuário pode receber as publicações de um *site* ou *blog* em uma única interface. É uma forma de “assinar” esses *posts* e sempre recebê-los assim que forem publicados.

aponta que 57% dos entrevistados começaram a ouvir *podcasts* durante a pandemia. Ou seja, para preencher o espaço vazio deixado pela falta do convívio social, os aparelhos ligados à tecnologia e à *internet* como celulares, computadores, *tablets* atravessaram distâncias e supriram lacunas decorrentes do processo de confinamento.

Além disso, de acordo com a pesquisa realizada pelo Cetic.br (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação), as atividades financeiras também migraram para a *internet*. Abaixo, o quadro que ilustra os nomes dos aplicativos de *podcasts* mais populares no Brasil e a descrição da plataforma.

QUADRO 1: Principais plataformas de *podcast*

Aplicativo	Descrição da plataforma
SPOTIFY	Já conhecido como <i>streaming</i> de música, tem se dedicado a agregar <i>podcasts</i> . Só em 2019, a empresa comprou a <i>Gimlet</i> , produtora de <i>podcasts</i> , e a <i>Anchor</i> , aplicativo/site especializado em hospedar áudio. No ano de 2022, o <i>Spotify</i> dedica uma aba exclusiva aos <i>podcasts</i> e tem incluído na plataforma algumas funcionalidades, como playlists e descobertas específicas para o tipo de conteúdo que você costuma ouvir. Ele pode ser acessado pelo <i>site</i> ou pelo aplicativo disponível para <i>download</i> na <i>Play Store</i> ou na <i>Apple Store</i> . A plataforma tem duas versões: uma gratuita, que permite ouvir músicas e <i>podcasts</i> apenas em ordem aleatória e com anúncios, e a outra – versão <i>Premium</i> –, que disponibiliza vários tipos de planos e com valores distintos: individual (R\$ 16,90/mês), universitário (R\$ 8,45/mês), duo (R\$ 21,90/mês) e familiar (R\$ 26,90/mês), que têm acesso livre a todas as ferramentas e não possui anúncios. Todas as versões permitem o <i>upload</i> de <i>podcast</i> .
DEEZER	É um famoso <i>streaming</i> de músicas que se tem dedicado aos <i>podcasts</i> . Parecido com o <i>Spotify</i> em termos de funcionalidade, como a utilização do <i>Feed RSS</i> para disponibilizar os <i>podcasts</i> e preço, ele conta com uma grande rede de assinantes no Brasil. O país é o segundo maior mercado global da empresa. A plataforma conta com o plano gratuito, que não possibilita pular as músicas e tem anúncios, e a versão <i>premium</i> individual (16,90/mês) e familiar (R\$ 26,90/mês), que dão o acesso a todas as ferramentas e também não têm anúncios. O <i>Deezer</i>

	pode ser acessado pelo <i>site</i> ou pelo aplicativo, encontrado na <i>Play Store</i> e na <i>Apple Store</i> .
GOOGLE PODCAST	Tem o próprio agregador de <i>podcast</i> : o <i>Google Podcast</i> . Disponível para usuários <i>Android</i> , o aplicativo é gratuito e permite pesquisar, ouvir e baixar os áudios, assim como os já conhecidos <i>streamings</i> . O <i>Feed RSS</i> também é necessário para publicar os áudios. Para acessá-lo, é necessário baixar o aplicativo na <i>Play Store</i> .
APPLE PODCAST	Com exatamente a mesma funcionalidade do <i>Google Podcast</i> , temos o <i>Apple Podcast</i> , agregador de <i>Podcast</i> da <i>Apple</i> , para os usuários <i>iOS</i> . O aplicativo é gratuito e pode ser encontrado na <i>Apple Store</i> .
CASTBO X	Alternativa às gigantes do <i>streaming</i> está o <i>Castbox</i> , empresa chinesa exclusiva para agregar <i>podcasts</i> . O diferencial desta plataforma em relação às demais é a utilização de um sistema de inteligência artificial. Com ele, é possível procurar palavras-chaves dentro do <i>podcast</i> . Os áudios são transcritos automaticamente, o que ajuda consideravelmente durante as pesquisas dos usuários na plataforma. Também é necessário o <i>Feed RSS</i> para postar <i>podcast</i> no <i>Castbox</i> . O <i>Castbox</i> pode ser acessado pelo <i>site</i> ou baixado na <i>Play Store</i> e na <i>Apple Store</i> . A versão gratuita atende a todas as necessidades do usuário. Contudo, a plataforma tem uma versão <i>premium</i> (US\$ 0,99/mês), que permite algumas comodidades, como nenhum anúncio visual ao abrir o aplicativo, assinatura de canais ilimitadas (na versão gratuita, o máximo são 100), e exclusividade ao receber novidades da plataforma.

Fonte: Revista Exame, edição 2022. 3ª Publicação (21/03/2022)

Uma característica peculiar do *podcast* é que ele é uma ferramenta que permite que se faça atividades simultâneas. Isso significa dizer que é um tipo de mídia digital que pode ser consumida quando o sujeito está se locomovendo ou realizando uma atividade manual, que lhe impossibilita de folhear as páginas de um jornal ou revista ou de fazer uso das teclas de um computador ou de um telefone.

Trata-se, portanto, de otimizar o tempo do sujeito e de colocá-lo a par de conteúdos mais profundos e divididos por nichos. Além disso, o acesso a esse

tipo de mídia permite contar o tempo *screenless*<sup>13</sup>, ou seja, o uso do digital sem o uso da tela do celular. Os *sites* hospedeiros apostam em campanhas de captação de usuários logados, como se vê abaixo, na figura 2: *Site* hospedeiro de podcast<sup>14</sup>.

FIGURA 2: Otimização do tempo

**QUANTO TEMPO VOCÊ TEM PARA OUVIR PODCASTS?**  
Marque as opções que fazem parte do seu dia

Banho (20min)	Se arrumar (20min)	Mercado (40min)	Transporte (40min)	Limpar casa (30 min)
Academia (60min)	Passeio dog (20min)	Fazer comida (30min)	Até dormir (20min)	Outro (Preencha)

Fonte: <https://euamopodcast.com.br/>

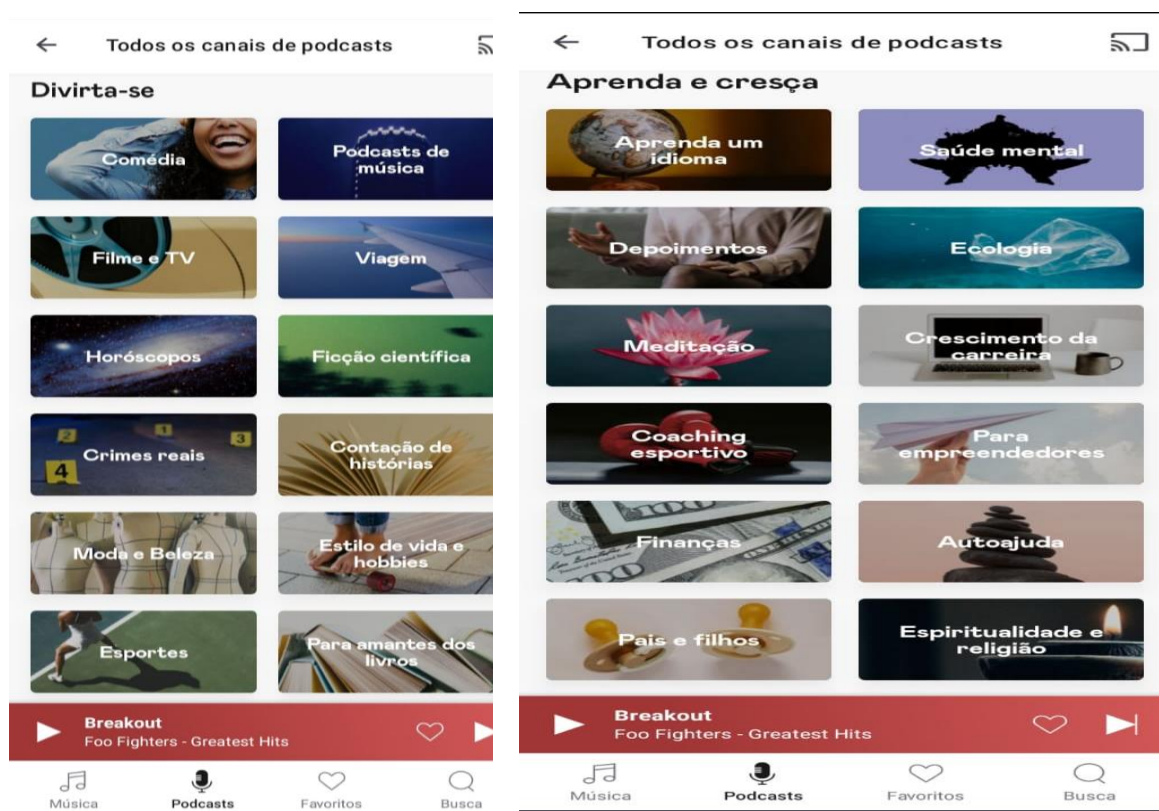
A otimização do tempo, portanto, concorre para o caráter de celeridade da vida contemporânea. Neste contexto caótico em que a fragilidade da vida e o desejo de sobrevivência foram recorrentes, outros discursos já significados antes em outros lugares, voltaram a produzir seus efeitos também no espaço digital. Ao ser discursivizada, a fome, que afeta(va) uma parcela significativa do território nacional, irrompeu em notícias, reportagens, em mapas e no *podcast*, que recortamos como objeto deste trabalho.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://ads.spotify.com/pt-BR/noticias-insights/o-que-que-o-podcast-brasileiro-tem/> Acesso em 28 de jul. de 2022.

<sup>14</sup> <https://euamopodcast.com.br/>

Interessa aqui, portanto, pensar no processo de produção de sentidos no espaço digital e, mais especificamente, na formulação e circulação dos *podcasts*, aqui compreendidos como uma mídia digital que faz circular discursos sobre política, sexualidade, entretenimento, esportes, dentre outros, e cujos episódios podem ser baixados da *internet* ou reproduzidos em ferramentas de *streaming* como *Spotify*, *Deezer* ou *Google Podcast*. A figura 3 exibe todos os canais de *podcast* que aparecem na busca nas ferramentas do aplicativo *Spotify*.

FIGURA 3: Canais de *podcasts*



Fonte: Aline Silva, 2022

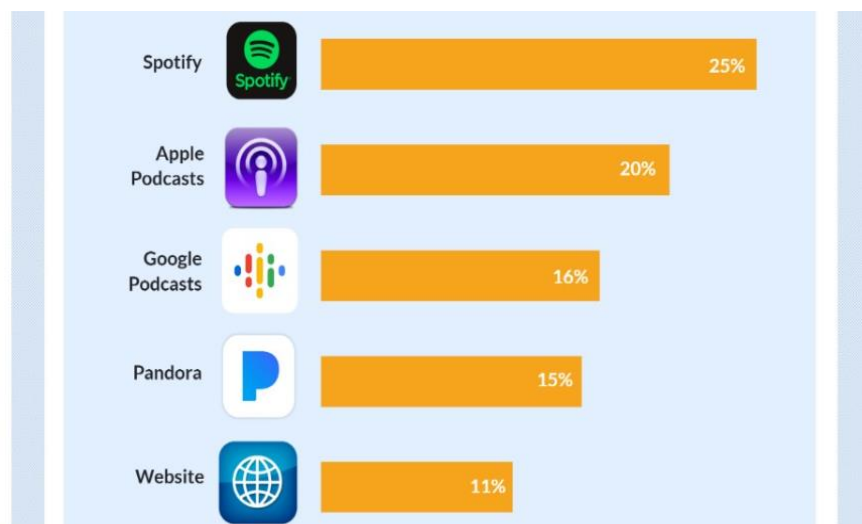
Até o advento das redes sociais pela *internet*, os veículos da imprensa tradicional eram os únicos responsáveis por distribuir informações e notícias e estas eram vistas como fonte de neutralidade, objetividade ou imparcialidade, ainda que ilusórias. Já nas conjunturas político-midiáticas atuais, é comum e sabido que nem tudo o que se diz na/em rede é verdade, haja vista a grande propagação de notícias falsas. Sabe-se, portanto, que “muito se diz, mas pouca coisa é verdade” (SILVEIRA, 2015, p.49).

O alerta das famigeradas *fake-news* se aplica, na mesma medida, a toda ferramenta que leva informações aos sujeitos, já que lhes é próprio a busca por informação e conhecimento. Na contemporaneidade, o fluxo da informação é potencialmente mais rápido, e os sujeitos, cada vez mais, como escreve Orlandi (2012, p.144), “precisam se informar sobre tudo”. Nesse sentido, o conceito de informação, na disputa daquilo que é ou não verdade, passa a ser um eixo constitutivo na relação entre os discursos e sujeitos, regendo a estabilidade em várias esferas sociais (economia, religião, ciência, por exemplo).

É decorrente disso, a necessidade de *sites* da mídia tradicional entrarem na disputa pela corrida da informação. Se antes, jornais impressos e revistas precisavam ser assinados, pagos e recebidos em endereço físico, o espaço no mercado da informação se estreitou demais com a disseminação de informação gratuita em rede.

Até o início da pandemia, a maioria dos *sites* de notícias careciam de cadastros ou pagamento de taxas para o acesso à informação. É verdade que alguns ainda resistem e solicitam taxas irrisórias de possíveis assinantes, mas a maior parte deles abriu suas janelas para o acesso a *podcasts* para não assinantes, já que não existe mais informações noticiosas que não possam ser compartilhadas livremente via rede mundial de computadores. Desse modo, houve uma relativa democratização do acesso a programas e canais via *internet*, que antes eram exclusivos para assinantes.

FIGURA 4: Plataformas de *Podcast* mais utilizadas



Fonte: Revista Exame, edição 2022. 3ª Publicação (21/03/2022)

No Brasil, são mais de 30 milhões de ouvintes, e mais de 40% dos brasileiros escutaram *podcast* pelo menos uma vez nos últimos 12 meses. Só como comparação, a Suécia (primeiro no *ranking*) possui uma taxa de somente 7% acima do Brasil – 47% no total. (EXAME, 2022)

FIGURA 5: Países que mais consomem *podcast*



Fonte: Revista Exame, edição 2022. 3ª Publicação (21/03/2022)

Ao ser compartilhado nas mídias digitais, o *podcast* pode ser acessado quantas vezes for necessário pelo ouvinte e herda o legado da experiência que o rádio deixou. Por isso,

as cibercidades devem **potencializar** trocas entre seus cidadãos e a ocupação de **espaços concretos da cidade real**, ao invés de ser uma simples substituição. O espaço de fluxos complexifica o espaço de lugar. Busca-se, com um modelo complexo, evitar o mero determinismo tecnológico que está em marcha nos trabalhos de urbanistas, arquitetos e políticos da comunicação (LEMOS, 2004 p.21, grifos nossos)

As cibercidades são entendidas, conforme Lemos (2004), como cidades nas quais a infraestrutura de telecomunicações digitais é um instrumento de interação de uma cidadania ativa e de interatividade entre os cidadãos, retratando o real da cidade, o real das discursividades. Nesse contexto de mídia



digital, o *podcast* que antes era considerado uma mídia recente, durante o período pandêmico, foi acessado e consumido com mais facilidade do que antes.

Numa primeira visada, podemos dizer, que o *podcast* que recortamos para análise funciona(ou) como um discurso de resistência, contra esse grande problema social que nos afeta em pleno século XXI.

Nele, sons, música e vozes se emaranham para dar forma à fome, que ameaça e castiga. Contudo, diferentemente do rádio analógico em que a comunicação com o ouvinte era feita via contato telefônico, os *podcasts* não exigem respostas imediatas.

Assim, os discursos que circulam no *podcast* recortado para análise têm sua relevância discursiva, porque neles, a fome é discursivizada, testemunhada e retratada no digital, configurando um discurso de resistência, que denuncia as mazelas do (re)existir.

Por meio de diversos trabalhos no viés da Análise do Discurso, que pensam o sujeito do ciberespaço, percebe-se que quando se fala de um sujeito do espaço digital, pensa-se no sujeito interpelado pelo discurso da tecnologia. Dito por outro modo por Pêcheux (2014), a técnica interpela o indivíduo em sujeito na relação ciberespacial, através do funcionamento da ideologia (SILVEIRA,2015).

FIGURA 6: Página da CNN, que discursiviza o retorno do Brasil ao mapa da fome



Fonte: Site da CNN Brasil.<sup>15</sup>

<sup>15</sup> <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/podcast-entre-vozes-fala-do-fantasma-da-fome-que-volta-a-assombrar-o-brasil/>

Na imagem do *site* hospedeiro do *podcast* ao qual esta pesquisa se dedica, podemos visualizar algumas regularidades. No topo da página, o título do *podcast*, especificando o assunto abordado e abaixo, a localização do meio jornalístico originário – São Paulo (CNN<sup>16</sup> – Brasil). Em seguida, à esquerda, a data e horário de publicação; na mesma linha, à direita, os ícones das redes para compartilhamento (da esquerda para direita: *Facebook*, *Twitter*, *Linkedin*, *Whatsapp*, *Flipboard*).

Em “ouvir a notícia”, podemos acessar a leitura em áudio do que está escrito na página, por meio de uma voz não-humana. Por fim, abaixo da imagem, há o título do *podcast* “Entre Vozes”, a foto da jornalista, Luciana Barreto, o ícone “play”, com o tempo de duração e título do conteúdo ao lado: *#09: Fantasma da fome volta a assombrar o Brasil*.

Por meio da *#09*, é possível acessar o *podcast* fora da plataforma da CNN Brasil, como, por exemplo, pelo *deezer* ou *spotify*. Paveau (2013, p.9) considera que a *hashtag* “é um elemento que possibilita o encontro da língua (palavra) com a técnica (*link* clicável), permitindo, por sua vez, a acessibilidade dos discursos”. Desse modo, o mundo digital se constitui de tecnopalavras, uma vez que utiliza “formas lineares e não clicáveis”, como as palavras, e formas “deslinearizantes”, como as *hashtags*, os símbolos e *links*, que “são todas formas clicáveis” formando o hipertexto (SILVEIRA, 2015, p. 45). Numa perspectiva linguística, portanto, as *hashtags* são “tecnopalavras clicáveis (...) (precedidas do signo #) que permitem a organização da informação pela reunião de várias mensagens [...]” (PAVEAU, 2013, p. 9).

Pela *hashtag*, o *podcast* traz ao conteúdo um deslocamento espacial (outras plataformas) e temporal, por vezes, maior que um conteúdo outro, como a reportagem e a notícia, difundidas possivelmente nos mesmos *hosts* jornalísticos. Essa regularidade interessa a esta pesquisa pelo próprio contorno que o *podcast* desenvolve, como mídia digital alternativa (no sentido de expansão e alcance de público), isso porque, a apropriação deste formato pelas mídias tradicionais (televisão, radiodifusão, revistas eletrônicas) mostra a

---

<sup>16</sup> A sigla CNN refere-se à *Cable News Network*, que em tradução livre, significa Rede de notícias a Cabo. No Brasil, a empresa de notícias iniciou suas atividades em março de 2020, mas nos Estados Unidos, foi fundada em 1980.

necessidade de expansão para atender a um mercado que acompanha o consumidor de conteúdo.

Como espaço de circulação de conteúdo, o *podcast* traz a manutenção de temas *online*, fato que o diferencia das antigas reportagens em formato jornalístico que iam ao ar apenas uma ou duas vezes, após produzidas. Além disso, aquele que ouve o *podcast*, por sua vez, não estabelece dinâmica de resposta simultânea, o que traz um caráter de recepção passiva ao formato da ferramenta, mas, por outro lado, permite assegurar a repetibilidade das produções.

Alguns canais de *podcasts* estabelecem alguma articulação ativa com seus ouvintes, propondo contato por outro aplicativo, por exemplo, pelo *Telegram*, cujo funcionamento se dá pelo pagamento de taxa de participação. Assim, o ouvinte envia um áudio com sua opinião sobre o *podcast* semanal e pode ser escolhido para ter a voz incluída na edição seguinte do programa.

As plataformas jornalísticas, como a da *CNN*, trazem gratuidade<sup>17</sup> ao acesso dos conteúdos veiculados em *podcasts*, ao contrário de alguns aplicativos, como vimos na figura 03. Quando os sujeitos acessam a página que abriga o *podcast*, eles acessam uma rede hipertextual sobre seu tema de interesse, composto por variadas reformulações das proposições construídas naquele espaço, muitas vezes, pelo mesmo jornalista.

Cabe considerar que, apesar da gratuidade do acesso às plataformas jornalísticas, como acontece com a *CNN – Brasil*, em que não há necessidade de *login*, o *podcast* ainda não é uma mídia digital de fácil acesso a todos os sujeitos, uma vez que é necessária a posse de equipamentos eletrônicos adequados, como *tablets*, *smartphones*, computadores, além de acesso à *internet*, conforme já mencionamos.

O *YouTube*, como plataforma de postagem de vídeos, tem emergido substancialmente em relação à agregação de *podcasts* em vídeo, bem como algumas rádios tradicionais brasileiras, que recorrem à imagem em vídeo dos participantes e entrevistas, por exemplo. Assim, a popularização do *podcast* e sua expressiva funcionalidade tem recorrido a ambientes digitais variados para

---

<sup>17</sup> Vale ressaltar que apesar de ser aberta, não sendo necessário *login* no *site*, o sujeito precisa ter acesso à *internet*, pela rede de dados ou *wifi*. Assim, compreendemos que essa gratuidade é relativa.

exibição de assuntos. Isso se dá tanto pelo viés técnico, quanto pelo viés discursivo, dado que os próprios nomes de canais no *YouTube* fazem menção à ferramenta *podcast*, trazendo por uma rede de memória discursiva a referência ao formato em ascensão. Por exemplo, os programas *Poddelas*, *PocCast*, *Podpah*, *Quem Pode*, *Pod*, *Ticaracaticast* são todos canais de entrevista do *YouTube* que, pela sua *hashtag*, difundem um mesmo conteúdo em várias plataformas.

## CAPÍTULO II

### “A FOME TEM UMA SAÚDE DE FERRO”: AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DOS DISCURSOS SOBRE A FOME NO BRASIL

*Passando por cima de tudo e de todos  
A fome universal sempre querendo tudo  
E com o tempo inteiro a seu favor  
Um pulo nessa imensidão de famintos*

*Sem leite nem pra pingar no expresso do dia  
Não vejo a hora de comer, já salivando  
O estômago fazendo a festa em alto volume  
Daqui da fome dá pra ver o que acontece*

*A fome tem uma saúde de ferro  
Forte, forte como quem come*

*(Fome de tudo- Nação Zumbi)*

A fome é tema de muitas músicas nordestinas, como esta que abre este capítulo, no qual, temos por objetivo compreender as condições de produção (CP) dos discursos sobre a fome no Brasil. Para tal, realizamos um percurso histórico sobre a fome no território nacional, tecendo comentários acerca das consequências da volta do país ao mapa mundial da fome.

Para tanto, organizamos este capítulo em quatro partes: na primeira, tratamos da questão da fome no Brasil, contextualizando o momento em que o assunto ganhou destaque no século XX, a partir da leitura de Brasil (2014), Castro (1980) e Vasconcelos (2005).

Na segunda e terceira parte e quarta partes aprofundamos a noção de formações imaginárias, como proposta por Pêcheux (2014) e Indursky (2011), para pensar na questão do real e do imaginário sobre a fome. Dadas essas considerações iniciais, na seção seguinte, tratamos das questões políticas e históricas do conteúdo social deste trabalho, a fome, a partir da CP no Brasil.

*A fome de tudo*, também título da música que abre este capítulo, tem relação com o tema desta pesquisa, à medida que compreendemos a fome como algo da ordem do concreto, já que atravessa sujeitos e, logo, corpos, materializando-se, no *podcast*, por meio de vozes dissonantes, porém, afetadas pela mesma memória do dizer.

## 2.1. Condições de produção dos discursos sobre a fome no Brasil

Embora sejam muitos os conceitos que traremos à tona no decorrer do texto, é necessário retomar brevemente a própria noção de Condições de Produção (CP) enquanto noção teórica da Análise do Discurso para compreender em quais circunstâncias de enunciação e em qual contexto sócio-histórico-ideológico os discursos que irrompem no *podcast* que recortamos para análise foram formulados.

É comum nos depararmos com uma definição de que as condições de produção de um discurso são referidas como sinônimo de *contexto*. No entanto, essa é uma definição rasa se considerarmos tudo o que ela abarca, dado que se trata de um todo maior em que se incluem os sujeitos, a situação discursiva (as circunstâncias da enunciação, o *aqui* e o *agora* do dizer, o contexto imediato; o contexto sócio-histórico-ideológico), a memória discursiva, o interdiscurso (ORLANDI, 2006, p. 15).

É pela noção de condições de produção que perpassam as demais categorias de análise pensadas pela Análise do Discurso e, vale dizer, que dentro da escola pecheutiana, há discordâncias epistemológicas quanto a esta noção. Courtine (2009), por exemplo, entende que o modo como Pêcheux releu os esquemas de comunicação propostos por Jakobson se aproxima muito dos estudos ora da psicologia ora da sociolinguística, dando destaque aos lugares sociais e às imagens dos sujeitos implicadas nas relações destes lugares.

A fome é um problema social que coloca em jogo a sobrevivência da espécie humana e vem se abrindo nas casas dos brasileiros como flagelo permanente. O crescente aumento do número de pessoas que passam fome no Brasil trouxe à tona campanhas já esquecidas, mobilizações para combatê-la mais frequentes e maior visibilidade, na mídia. Estima-se que no primeiro semestre de 2022, mais de 33 milhões de brasileiros passaram fome no território nacional e as sequelas decorrentes da falta de alimentos continuam crescendo.

Josué de Castro<sup>18</sup> (1908 - 1973), médico, sociólogo e geógrafo, no livro *Geografia da fome: O dilema do brasileiro: pão ou aço*, evidenciou as situações de fome e consequências da má alimentação no cenário nacional nas décadas

---

<sup>18</sup> Josué de Castro foi um ativista nordestino do combate à fome, que morreu exilado na França, durante a ditadura militar. A música citada na epígrafe deste capítulo foi declaradamente inspirada em seus trabalhos como médico e escritor.

de 40. De acordo com o autor, o termo *fome* evoca a insuficiência da quantidade de alimentos, o que ocasiona a subnutrição ou até mesmo a morte.

Após 75 anos do lançamento do livro<sup>19</sup> que mapeava a fome pelo Brasil, o cenário da escassez emerge e a fome, “com uma saúde de ferro” como afirma Chico Science, em seu álbum *Fome de tudo* (década de 90), ainda continua viva. Assim, a palavra *fome* já não basta para que sejam compreendidas todas as consequências que ela acarreta, pois a *imensidão de famintos* é vista e noticiada diariamente nos telejornais, sendo tema recorrente também nas mídias digitais.

Os discursos sobre fome têm raízes históricas, como dito no capítulo anterior, e embora os primeiros estudos sobre os hábitos alimentares dos brasileiros tenham se voltado para a formação da sociedade brasileira, no início do período colonial, foi apenas no século XIX, com apresentações de teses nas faculdades de Medicina no Rio de Janeiro e na Bahia, que o estudo sobre esses hábitos se intensificaram. Nesse sentido, entre 1880 e 1890, as publicações do farmacêutico cearense Rodolfo Teófilo<sup>20</sup> reuniam importantes considerações sobre a fome e a seca no nordeste brasileiro.

Mesmo com estudos relevantes, foi apenas entre 1937 e 1945, na Ditadura Vargas, que as primeiras políticas sociais de alimentação foram instituídas. Ainda no período de 1937-1945, houve a criação dos cursos para formação em nutrição, ciência que auxiliaria na instituição da política social de alimentação (VASCONCELOS, 2005).

Nessas condições históricas de ascensão do estudo sobre a saúde alimentar, as vidas da classe trabalhadora foram colocadas em destaque, sendo abrangentemente denunciadas as condições da má alimentação das famílias operárias na capital de Pernambuco. Isso porque, as 1.645 calorias consumidas diariamente, à base de café, charque, farinha, feijão e pão, custavam cerca de 71% do salário do trabalhador daquela região. Dito de outro modo, Castro (1980) constatou que a alimentação dos trabalhadores era pobre em sais minerais e vitaminas essenciais para a manutenção da vida humana.

---

<sup>19</sup> Em 1946, foi publicado pela editora O Cruzeiro, o livro *Geografia da fome, o dilema brasileiro: pão ou aço*, de autoria de Josué de Castro.

<sup>20</sup> Também foi um escritor nordestino, de literatura regionalista-naturalista brasileiro, nascido em 1863 e falecido em 1932. A maior parte de seus estudos foi publicado postumamente.

A partir dessas considerações sobre a alimentação da época, houve a implementação legal do salário mínimo no território nacional, a fim de combater a fome. Intervenções estatais como a Comissão Nacional de Alimentação (CNA), o Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS) e a instituição do salário mínimo ressaltaram a preocupação do Estado brasileiro em garantir uma sociedade mais hegemônica.

No início da década de 40, no governo de Getúlio Vargas, a Lei nº 2.162, de 1º de maio de 1940, foi sancionada. De acordo com essa lei, o salário mínimo passava a ser a garantia de uma remuneração equitativa, garantindo à população o sustento da própria família, aumentando os índices de saúde e solucionando problemas ocasionados pela fome no Brasil (BRASIL, 2014).

De acordo com a *British Broadcasting Corporation* (BBC), pouco mais de oito décadas depois, o salário mínimo em 2022, era insuficiente para comprar duas cestas básicas, na cidade de São Paulo, valendo ressaltar que, ao longo da história, o valor do salário mínimo nunca foi reajustado em valores suficientes para suprir as necessidades mínimas do trabalhador. Entre 1940 a 1967, foram criadas, pela área de assistência nutricional, restaurantes populares no Rio de Janeiro, São Paulo e outras cidades, para que os trabalhadores urbanos tivessem uma alimentação mais adequada e mais equilibrada, por um valor acessível.

Ainda com o objetivo de uma formação de hábitos alimentares mais saudáveis e a melhoria do estado nutricional da população, diversas ações foram criadas como atividades de educação nutricional. Em 1953, foi criado o Primeiro Plano Nacional de Alimentação e Nutrição, projeto embrionário de planejamento alimentar para o grupo materno e infantil, bem como do grupo escolar e de trabalhadores (BRASIL, 2014).

Em meio a tantos programas, as primeiras organizações não governamentais (ONGs) emergiram em um contexto mundial de combate à fome. Entre 1946 a 1963, a Associação Mundial de Luta Contra a Fome (ASCOFAM) manteve seu princípio humanitário e, com o lançamento da obra *Geografia da Fome*, as lutas e combate da miséria nutricional tiveram destaque. Em 1957, foi instituída a Associação Mundial de Luta contra a Fome, em Genebra, Suíça, para propor a organização, estudos, pesquisas e ações de



modo global, para que se pensasse na diminuição e eliminação da fome no mundo.

Nesse contexto, em 1959, a *Food and Agriculture Organization* (FAO) promoveu a ação de Campanha Mundial de Combate à Fome, que perdurou entre 1960-1965, com o objetivo de tentar minimizar a carência nutricional da população, decorrente do processo de urbanização e industrialização. A pobreza, a miséria e o atraso econômico foram pautas presentes nas agendas políticas e gestões governamentais, nessa época (BRASIL, 2014).

A década de 80 foi marcada pela continuidade de programas como *Reforço Alimentar* nas Creches e a criação do Programa de *Abastecimento Popular* (PAP), os quais mantinham as prioridades sociais. No entanto,

o aperfeiçoamento do discurso ideológico, pode ser observado a partir da incorporação de novas categorias discursivas, tais como igualdade de direitos, universalização, cidadania, opção pelos mais pobres, erradicação da pobreza e prioridade do social sobre o econômico (VASCONCELOS, 2005, p.08).

No início da década de 90, o Governo de Fernando Collor implementou uma Reforma do Estado, desencadeando considerável redução dos recursos financeiros, bem como a extinção de programas de alimentação e nutrição. Além disso, os programas tornaram-se alvo de desvios de verbas públicas, ações duvidosas e atitudes ilícitas que não tardaram a produzir seus efeitos sobre o governo. Surgiu, assim, a Comissão Parlamentar de Inquérito, ou CPI da Fome, na Câmara dos Deputados, que evidenciou irregularidades no Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), entre outros programas.

Em 1995, as ações iniciais do governo FHC (Fernando Henrique Cardoso) se embasaram na criação do Programa Comunidade Solidária, a partir do Decreto 1.366, de 12/01/95, que buscava gerenciar todos os programas sociais de modo que a vida da população mais pobre fosse melhorada (VASCONCELOS, 2005).

Entre 1999 e 2002, o Ministério da Saúde, sob o segundo governo FHC aprovou a Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN), a qual criaria o *Programa Nacional de Renda Mínima*, conhecido como *Bolsa Alimentação*. O Programa estabeleceu diretrizes para a nutrição e saúde das gestantes e

crianças de seis meses a seis anos completos, que pertencessem a famílias que não possuíssem renda, ou que recebessem até R\$90,00 *per capita* mensalmente. As famílias cadastradas recebiam de R\$15,00 a R\$45,00 por mês, de acordo com o número de integrantes beneficiados.

Em 2001, na campanha presidencial de Luís Inácio Lula da Silva, foi elaborada uma proposta de Política e Segurança Alimentar<sup>21</sup>, intitulada *Fome Zero*. O programa objetivava a erradicação da fome, no país, bem como propunha um conjunto de ações que visavam a atingir a raiz do problema da pobreza. Desse modo, o aumento da renda, por meio da criação de empregos, o incentivo à agricultura familiar, a reforma agrária, o bolsa escola e renda mínima prometiam a criação de um cenário alimentar mais seguro, no país (BRASIL, 2014).

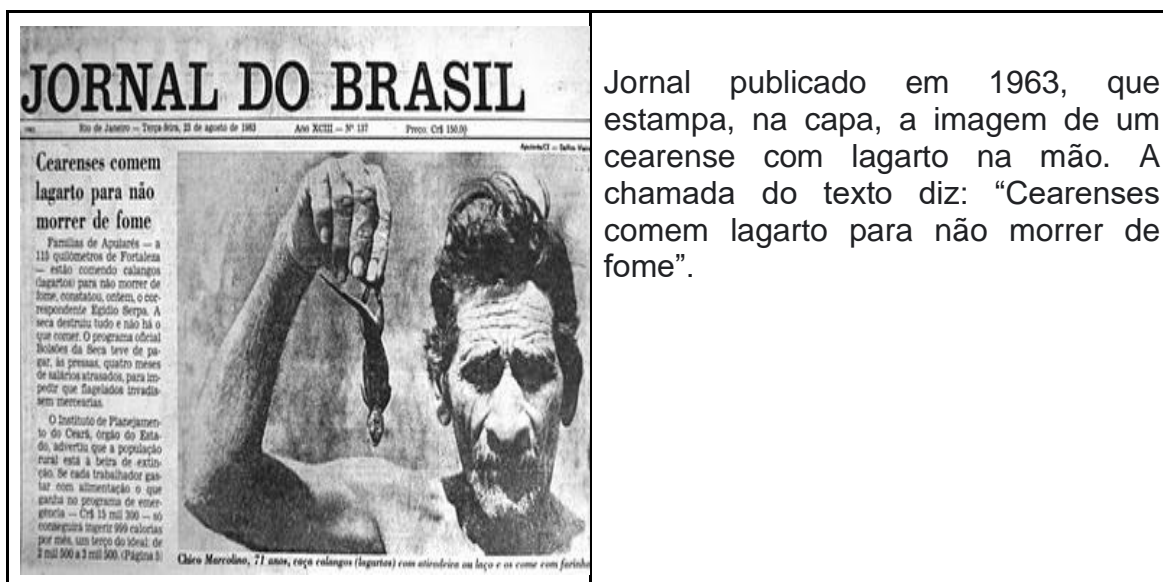
Para isso, o conceito de Segurança Alimentar e Nutricional foi definido em 2004, na II Conferência Nacional de Segurança Alimentar, em Pernambuco, evidenciando a pauta de acesso regular e permanente à alimentação e que não houvesse o comprometimento à saúde. Nesse mesmo período, foi criado o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), órgão que assumiria o comando do programa Fome Zero, associado às políticas de Assistência Social. Assim, mesmo com a crise econômica global em 2007, que atingia parte da população, em 2010, a *Food and Agriculture Organization* (FAO) afirmou que a fome no mundo diminuía, pela primeira vez, em 15 anos.

A fome, assim como os acontecimentos históricos, também apareceu em jornais e revistas e, durante décadas, circularam discursos sobre o *ser e estar* faminto. Em 1963, um cearense foi destaque ao afirmar que estava se alimentando de lagarto para não morrer de fome.

---

<sup>21</sup> Discursivamente, esta designação está filiada a uma política pública recorrente nos documentos oficiais, do governo de Luís Inácio Lula da Silva. Entendemos, porém, que o termo pode causar um efeito de sentido distinto de “fome”, embora as duas palavras se inscrevam na mesma formação discursiva, já que foram utilizadas no mesmo governo, em 2004.

FIGURA 7: Capa de Jornal em 1963



Jornal publicado em 1963, que estampa, na capa, a imagem de um cearense com lagarto na mão. A chamada do texto diz: “Cearenses comem lagarto para não morrer de fome”.

Fonte: <http://geografiadafome.fsp.usp.br/geografia-da-fome-e-da-inseguranca-alimentar/>

59 anos depois, a cena se repetiu, ainda mais cruel e a dor da fome voltou a estampar a capa do jornal Extra, que traz como ilustração a imagem de cidadãos, no bairro da Glória, no Rio de Janeiro, revirando os ossos e pelancas transportados por um caminhão. Esses restos, descartados por supermercados e açougues, iriam para fábricas de sabão e ração para cachorros, mas foram disputados por famílias que viviam em situação de insegurança alimentar grave. De acordo com o jornal, a “fila do desespero” é formada por pessoas que vêm de diferentes lugares, com o objetivo de transformar esses restos em pelo menos um prato de comida.

O título da matéria, “A dor da fome”, inscrita sob a formulação visual de pessoas vasculhando carcaças de animais em busca de restos de carne para comer, viralizou no espaço digital e na mídia, em geral e trouxe à tona a situação de muitos brasileiros, que se agravou ainda mais durante a pandemia. Juntamente à cena degradante, no lado inferior direito da página, há o relato do caminhoneiro José Divino Santos, que diz que “antes as pessoas passavam aqui e pediam um pedaço de osso para dar para o cachorro. Hoje, elas imploram por um pouco de ossada para fazer comida. O meu coração dói”.

Os advérbios de tempo “antes” e “hoje” delimitam um espaço temporal, situando duas realidades opostas: “antes” os ossos eram destinados aos cães e “hoje” são disputados por seres humanos. Além disso, o verbo “implorar por um pouco de ossada” produz o efeito de sentido de humilhação, de falta de

dignidade humana. O “coração dói”, dito pelo dono do caminhão, marca a impossibilidade de não se deixar tocar pela situação dessas pessoas.

FIGURA 8: Capa da revista Extra, em 2021



Fonte: <http://geografiadafome.fsp.usp.br/geografia-da-fome-e-da-inseguranca-alimentar/>

De acordo com a ex ministra do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Tereza Campello, em 2014, o Brasil saiu do Mapa da Fome em decorrência de ações que englobavam o aumento da renda dos mais pobres e crescimento do valor do salário mínimo, bem como a geração de emprego para 21 milhões de brasileiros. Além disso, 43 milhões de crianças e adolescentes tinham refeições nas instituições de ensino (VASCONCELOS, 2005).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, entre 2017 e 2018, 10,3 milhões de cidadãos passaram fome em todo país. Em 2017, a campanha *Natal sem fome* foi retomada após uma década e um dos organizadores, Daniel de Souza, afirmou que recebeu a notícia com muito impacto, pois o Brasil retorna ao cenário de campanhas de combate à fome já erradicadas.



A campanha *Brasil sem fome* também volta a ter destaque. Pensada e criada pelo sociólogo Herbert de Souza, mais conhecido como Betinho, a Ação Cidadania surgiu em 1993, movimentando uma imensa rede de mobilizações para ajudar mais de 32 milhões de brasileiros que estavam abaixo da linha da pobreza, de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. À frente de diversas campanhas de combate à fome, Betinho teve sua trajetória marcada por ações contra a desigualdade social, impactando mais de 20 milhões de vidas no Brasil com campanhas como *Natal Sem Fome*.

FIGURA 09: Betinho de Souza em uma ação contra a miséria



Fonte: Acervo da Rede Ação Cidadania <https://www.acaodacidadania.org.br/>

Enquanto liderava movimentos sociais, Betinho também travava lutas para assegurar o direito à existência humana com soberania alimentar e dignidade. A seguir, apresentamos um quadro com as ações mais relevantes do sociólogo que esteve à frente dos principais movimentos de Combate à Fome no Brasil. Em 2012, a trajetória de Betinho foi reconhecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), como parte importante da memória mundial.

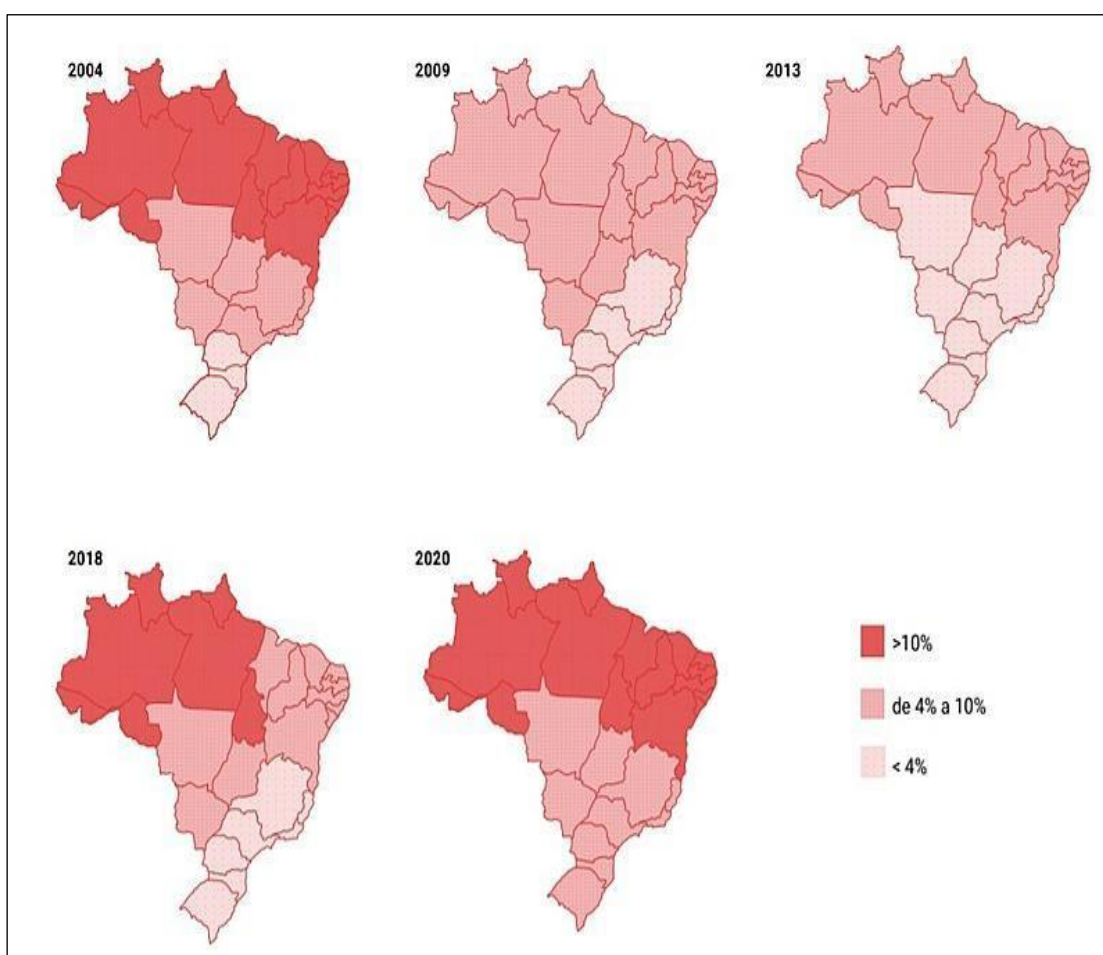
QUADRO 2: Trajetória de Betinho de Souza

ANO	TRAJETÓRIA DE BETINHO DE SOUZA
1962	Formou-se em Sociologia e engajou-se na luta pelas reformas de base do governo João Goulart.
1964	Resistiu ao golpe de 1964 e à ditadura que se instalou no Brasil.
1971	Quando a repressão se intensificou, partiu para o exílio. Morou no Chile, no Canadá e no México.
1979	Volta de Betinho, o irmão do Henfil, ao Brasil. O retorno virou marca da campanha pela anistia por causa da música "O Bêbado e a Equilibrista", de Aldir Blanc e João Bosco.
1980	Fundou o Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase). Também foi articulador da "Campanha Nacional pela Reforma Agrária".
1986	Ajudou a fundar a Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (Abia).
1990	Organizou o evento "Terra e Democracia", que levou 200 mil pessoas ao Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro.
1992	Fez parte do "Movimento pela Ética na Política", que culminou com o <i>impeachment</i> do então presidente Fernando Collor de Mello.
1993	Junto de outras personalidades, escreve a "Carta de Ação da Cidadania", que deu oficialmente origem ao movimento de <b>Ação da Cidadania Contra a Fome, a Miséria e Pela Vida.</b>
1994	Lança Uma das maiores mobilizações solidárias da sociedade civil, que já ajudou milhões de pessoas por todo o país a terem um natal digno - a Campanha "Natal Sem Fome".
1995	Assina a "Carta da Terra", que incentivava os cidadãos e a sociedade civil organizada a participar da luta pela democratização da terra.
1997	Morreu vítima da Aids.
2012	A história de Betinho foi reconhecida pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) como parte importante da memória mundial.

Fonte: <https://www.quemfoibetinho.org.br/>

De acordo com a Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar (Rede PENSSAN), criada em 2012, por pesquisadores e autônomos independentes de governos, partidos políticos e instituições privadas, cujo objetivo principal é a pesquisa cidadã comprometida com a soberania alimentar e a superação da fome, a insegurança alimentar voltou a crescer. O infográfico a seguir, mostra que a fome voltou a aumentar em 2018, na região Norte e, nos anos seguintes, no Nordeste do Brasil.

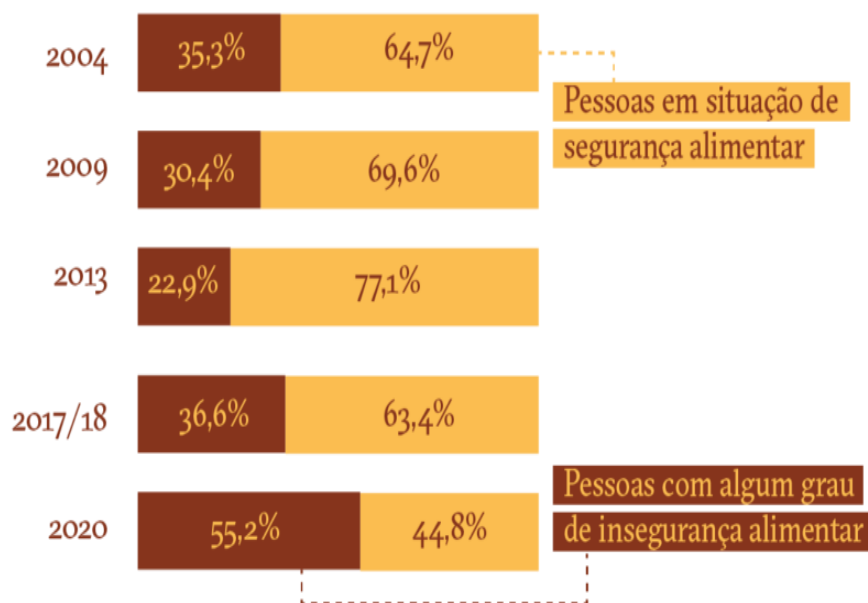
FIGURA 10: Evolução da fome no Brasil



Fonte: Evolução da fome no Brasil: porcentagem da população afetada pela insegurança alimentar grave entre 2004 e 2020 / Reprodução / Rede PENSSAN / Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e a Rede Penssan levantaram dados sobre o número de pessoas que viveram em situação de insegurança alimentar durante os anos de 2004 e 2020.

FIGURA 11: Gráfico sobre a população em insegurança alimentar



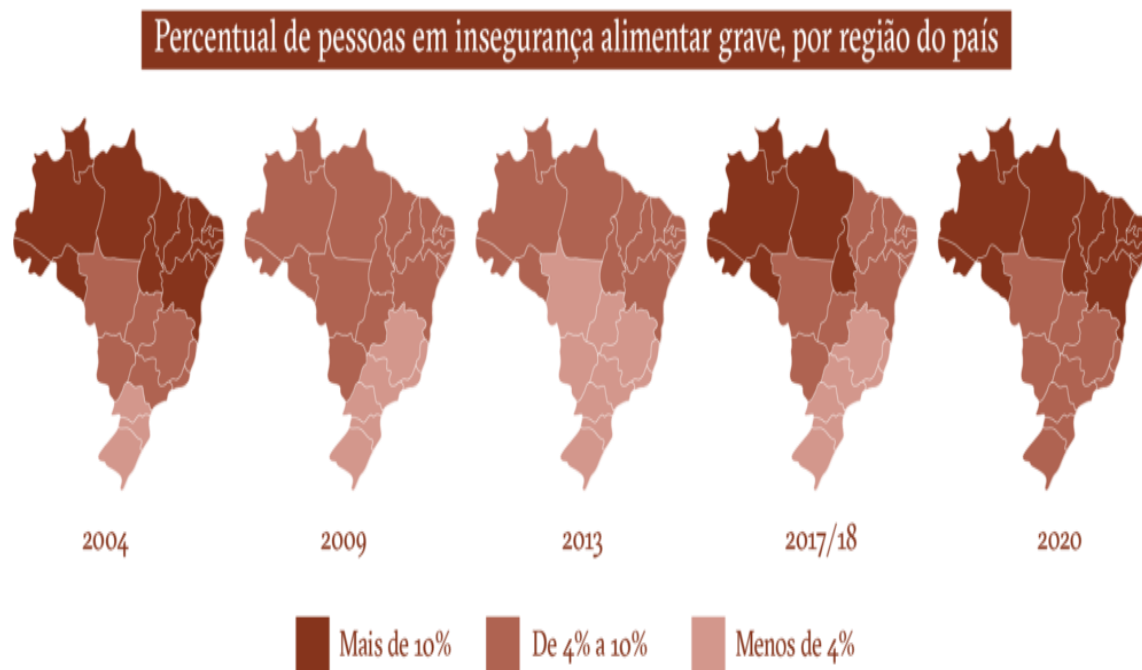
Fonte: IBGE (2015; 2019); Rede PENSSAN (2021)

Os dados revelaram que entre 2004 e 2013, o percentual de pessoas que viviam em segurança alimentar era maior e, por esse motivo, embora houvesse uma parte da população em insegurança alimentar, ainda assim era inferior, como demonstram os dados do ano de 2013, e segundo os quais 77,1% da população vivia em segurança alimentar. O infográfico evidencia que no ano de 2020, houve uma inversão, já que 44% da população estava em segurança alimentar, ou seja, mais da metade da população vivia algum grau de insegurança alimentar, um aumento de 18,6%, entre 2018 e 2020, demonstrando maior nível de insegurança alimentar até 2020.

Ao passo que o nível de insegurança alimentar crescia no território nacional, algumas regiões padeciam mais que as outras. Em 2004, as regiões mais atingidas pela insegurança alimentar grave eram a região Norte e Nordeste, sendo que ambas apresentavam mais de 10% da população em insegurança alimentar. Todas as regiões apresentaram algum grau de insegurança nutricional, sendo a região Norte a mais afetada. Durante os anos em que a pesquisa foi realizada ou a região apresentou uma fragilidade de até 10% ou maior a esse percentual.



FIGURA 12: Percentual de pessoas em insegurança alimentar, por região do país



Fonte: Vigisan

Os trabalhos, os programas, os estudos e reflexões sobre os impactos da fome, realizados por diferentes pesquisadores, ao longo de quase 80 anos, compõem o cenário que justifica o título do *podcast*, em análise e todo esse contexto histórico está sendo aqui considerado, visando a uma compreensão de que os discursos sobre a fome não irrompem temporalmente. Ao contrário disso, são atemporais e permitem compreender como a desigualdade social afeta os mais vulneráveis, modificando a paisagem urbana. Isso porque, a fome não afeta apenas o corpo físico, mas atinge, diretamente, a dignidade humana, por exemplo, quando é necessário revirar sobras de ossos que deveriam ter outro destino. São esses discursos que “doem”, que ecoam no *podcast* “*Entre Vozes: o fantasma da fome volta a assombrar o Brasil*” e que tomamos como objeto de análise.

### 2.1.1. O funcionamento da memória e a inscrição do sujeito em diferentes/mesmas regiões do saber

Também a memória faz parte das condições de produção do discurso e, de acordo com Indursky (2011), esse conceito sempre esteve presente no quadro da Teoria da Análise do Discurso, mas se pensava nela, sob outras palavras, como, por exemplo, *repetição*, *pré-construído*, *discurso transverso*, *interdiscurso*. Essas designações, conforme a autora, embora tenham funcionamentos diferentes, estão presentes no livro *Semântica e Discurso: Uma crítica à Afirmação do óbvio*, de Pêcheux (2014), e remetem, de uma forma ou de outra, à noção de *memória discursiva*.

Pêcheux compreende o interdiscurso como “‘algo fala’ (*ça parle*) sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’, isto é, sob o complexo das formações ideológicas” (PÊCHEUX, 2014, p.162). Orlandi (1999, p. 31), na esteira de Pêcheux (2014), pensa a memória como interdiscurso, definindo-o como:

aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra.

Em 1983, num evento realizado em Paris, intitulado Colóquio, História e Linguística, estudiosos de diferentes campos do saber, como da Semiótica, da Sociolinguística e da Análise de Discurso se propõem a discutir “O Papel da Memória”. Nessa ocasião, Pêcheux, entrelaçando ao seu texto os discursos dos demais componentes da sessão, se propõe a pensar nos diferentes modos como as questões linguísticas e discursivas se entrecruzam nos estudos sobre a memória, discutindo como esses estudos se relacionam com as disciplinas de interpretação. Segundo ele, a memória, enquanto materialidade discursiva complexa, seria:

Aquilo que, face a um acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 2010, p. 52)

No entanto, segundo ele, não é possível localizar exatamente onde residem esses “implícitos”, sob uma forma estável e sedimentada, mas que haveria, sob a repetição, a formação de um efeito de série pelo qual uma “regularização” (ACHARD, 2010) se iniciaria. Ainda citando Achard (2010), defende que os implícitos provêm dessa regularização sob a forma de remissões, de retomadas e de efeitos de paráfrases (PÊCHEUX, 2010, p. 52).

Desse modo, o sujeito, na formulação do discurso, mobiliza já-ditos anteriormente e que já estão disponíveis na memória discursiva, compreendida não como uma memória cognitiva ou psicologizante, mas como uma memória social, que de tanto repetir sentidos, acaba por regularizá-los. Isso significa que nenhum discurso é novo, mas tudo o que é dito já foi dito antes sob outras circunstâncias de enunciação. Nesse sentido, os discursos sobre a fome também não são novos, mas produzem sentidos em nós, porque ao retornarem, no fio do discurso, são atualizados.

Indursky (2011, p. 69), afirma que é a partir desse “jogo de repetição” que os discursos são produzidos, ou seja, todo discurso se faz pelo regime da repetibilidade. Segundo ela,

A noção de repetibilidade permite observar que os saberes pré-existem ao discurso do sujeito: quando este toma da palavra e formula seu discurso, o faz sob a ilusão de que ele é a fonte de seu dizer e, assim procedendo, ele funciona sob o efeito do esquecimento de que os discursos pré-existem (PÊCHEUX e FUCHS 1975[1990, p. 172-176), que foram formulados em outro lugar e por outro sujeito e que ele os retoma, sem disso ter consciência (INDURSKY, 2011, p. 70).

É, portanto, a noção de repetibilidade que permite asseverar que os discursos pré-existem ao discurso do sujeito, embora ele seja afetado pelo esquecimento de ordem ideológica, que o faz ter a ilusão de que aquilo que diz, nunca foi dito antes. De acordo com a autora, é pela noção de repetibilidade que chegamos à de memória:

[...] se há repetição é porque há retomada/regularização de sentidos que vão constituir uma memória que é social, mesmo que esta se apresente ao sujeito do discurso revestida da ordem do não-sabido. São os discursos em circulação,

urridos em linguagem e tramados pelo tecido sócio-histórico, que são retomados, repetidos, regularizados (INDURSKY, 2011, p.71).

A autora assevera que repetir, para a AD, não significa repetir palavra por palavra, embora isso também possa acontecer, mas também pode haver uma quebra do regime de regularização dos sentidos, isso porque, ao formular o discurso, o sujeito pode se contrair com um sentido já regularizado ou até mesmo se desidentificar com ele e se identificar com outro.

Isso significa que os sentidos podem atravessar as fronteiras da FD onde se encontram e deslizarem para outra FD, estabelecendo outras relações com a ideologia (INDURSKY, 2011, p. 71). Ou seja, de tanto se repetirem, os discursos podem ser estabilizados produzindo um efeito de série, assim como podem ruir sob o peso do acontecimento discursivo novo fazendo com que os sentidos derivem para outros sítios de significação.

Essa movimentação dos sentidos resulta, portanto, na quebra da regularização, pois como afirma Pêcheux (2015, p. 53), toda descrição está exposta ao equívoco da língua e “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”. É, portanto, lícito dizer que, para Pêcheux (1999), todo discurso se fundamenta em outro discurso já existente.

Portanto, para a teoria materialista do discurso, o sujeito não é dono de seu dizer, mas recorre, no momento da formulação, a outros discursos já ditos, inscrevendo o dizer em uma ou outra formação discursiva, embora ele tenha a ilusão de ser a origem daquilo que diz. É nessa perspectiva que Courtine (2009) critica e alerta “aos linguistas que consideram o sujeito falante como sujeito-origem, pleno e sem memória, as teses sobre existência histórica e material das ideologias lembravam a eles que há sempre já um discurso, ou seja, o enunciável é exterior ao sujeito enunciador” (COURTINE, 2009, p. 18).

Respaldado em uma (re)leitura de Althusser (1995), Pêcheux considera que a noção de ideologia é essencial para o desenvolvimento do conceito de Formação Discursiva. O autor afirma que cada formação ideológica “constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem

‘individuais’ nem ‘universais’, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas com as outras” (PÊCHEUX, 2014, p. 166).

As formações ideológicas são, portanto, componentes das formações discursivas que, por sua vez, determinam o que pode e deve ser dito, isto é, “a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico e inscrita numa relação de classes” (PÊCHEUX, 2014, p. 166).

Nas palavras de Pêcheux (2014, p. 161), “os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeitos do *seu* discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (PÊCHEUX, 2014, p. 161). Logo, a formação discursiva é o lugar em que os sentidos se constituem e significam em condições de produção determinadas.

Desse modo, de acordo com Pêcheux (2014, p. 162), toda formação discursiva dissimula sua dependência ao “todo complexo com dominante” das formações discursivas e que materializam, no discurso, as formações ideológicas. Isso é, o que determina o que cabe dizer e o que calar nas formações discursivas é o interdiscurso.

Para o autor, a interpelação do indivíduo em sujeito do seu discurso se realiza por meio do complexo das formações ideológicas e que, no discurso, se materializam por meio das formações discursivas e, mais especificamente, por meio do interdiscurso, que fornece a cada sujeito a sua “‘realidade’ enquanto sistema de evidências e de significações percebidas – aceitas – experimentadas (PÊCHEUX, 2014, p.162).

Segundo Courtine (1994), “a FD é a matriz de sentidos que regula o que o sujeito pode e deve dizer e, também, o que não pode e não deve ser dito, funcionando como lugar de articulação entre língua e discurso”. É possível imaginar a FD, portanto, como uma esfera de discursos onde se realizam dizeres específicos. Nesse sentido, existiria uma FD religiosa, uma jurídica, uma familiar, uma escolar, por exemplo, e são elas que atribuem sentidos, mas estes são sempre definidos pelo mecanismo ideológico.

A ideologia é o fator que estabelece a relação do sujeito com a língua e, por consequência, com a história, como explica Orlandi (2007):

[...] O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia (ORLANDI, 2007, p.47).

Cabe lembrar que as fronteiras das formações discursivas não são fechadas, isto é, os sentidos, ao atravessarem as fronteiras da FD, deslizam de uma formação discursiva para outra, inscrevendo-se em outra matriz de sentido. Isto é, ao migrarem de uma FD para outras, os sentidos passam a ser constituídos por outras relações com uma ou outra formação ideológica.

Desse modo, toda movência de sentidos só ocorre pelo fato de que, ao se movimentarem, os sentidos se ressignificam. Ou seja, os sentidos deslizam de uma formação discursiva para outra, possibilitando que o gesto de leitura derive para sentidos outros. Dizendo de outro modo, os dizeres, ao serem formulados, no fio do discurso, podem ser ressignificados, isto é, atualizados pelo funcionamento da memória discursiva.

Além disso, palavras iguais podem ter diferentes significados e isso vai depender da formação discursiva em que tais palavras se inscrevem. Desse modo, percebe-se que não há rigidez no fechamento das Formações Discursivas e é a porosidade que lhes é constitutiva que permite que os sentidos derivem de uma FD para outra.

As formações discursivas podem ser compreendidas, portanto, como regionalizações do interdiscurso, ou seja, como configurações específicas dos discursos em suas relações, conforme Orlandi (1999, p.43). É o interdiscurso que mobiliza dizeres, isto é, já-ditos antes e em outras circunstâncias de enunciação, e que ao retornarem no fio do discurso, definem a inscrição do discurso em uma formação discursiva em relação à outra.

Isso significa que se um sujeito, atravessado por uma formação ideológica X afirma que “a fome não existe no Brasil”, e o outro sujeito Y, formula que “o brasileiro passa fome”, eles não compactuam da mesma formação ideológica, e, portanto, os discursos que produzem se inscrevem em formações discursivas diferentes.

### 2.1.2. Relações de força e relação de sentidos em funcionamento no discurso

As condições de produção do discurso funcionam, ainda, de acordo com certos fatores. Segundo Orlandi (1999), um desses fatores é a relação de sentidos, pois não há discurso “novo”. Conforme a autora, “os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo” (ORLANDI, 1999, p. 39).

No *podcast* em análise, tudo o que já foi dito sobre a fome retorna no eixo da formulação. Por esse viés, podemos dizer que sujeito e sentido se constituem simultaneamente e que o título do *podcast* “Entre Vozes: o fantasma da fome volta a assombrar o Brasil” ressoa memórias de que essa sombra que por muito tempo pairou sobre o nosso país e já quase extinta por meio de políticas públicas e também pela ajuda de ONGS, voltou a “dar as caras” nos últimos anos.

Embora para a perspectiva discursiva as palavras não tenham um sentido literal, pensamos ser importante fazer uma busca em dicionários *online* conceituados, sobre os sentidos das palavras “fantasma” e “assombrar”. No dicionário *Online* de Língua Portuguesa, a palavra *fantasma* é significada como “imagem fantasiosa e ilusória que infunde terror; visão alucinatória, produto da imaginação; alucinação; representação de figuras medonhas, espectros, sombras, vultos de mortos, de entidades sobrenaturais; assombração, aparição”. “Assombrar” é discursivizado como “Causar assombro, deixar atônito; espantar, aterrorizar, consternar”.

O dicionário Aulete digital define *fantasma* como i) suposta aparição de pessoa que já morreu; alma penada; ii) imagem sobrenatural que alguém julga ver. iii) visão medonha que aterroriza. iv) lembrança ou possibilidade de algo ruim que atormenta alguém. O verbo “assombrar” é classificado pelo mesmo dicionário, como *transitivo direto* e cujos significados podem ser i) causar ou sentir espanto, medo, assombro; ii) cobrir(-se) de sombra; fazer sombra; iii). Fazer ficar triste, lúgubre; iv). Causar admiração; v. Manifestar-se.

Essa busca pela recuperação de significados é importante, porque embora eles estejam dicionarizados, institucionalizados, não é de maneira tão pragmática que ecoam em condições de produção específicas. Isso porque, para

a teoria da interpretação, o sentido das palavras não é literal, mas determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo discursivo.

Conforme Pêcheux (1997a, p. 160, grifos do autor), “as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam”. Isso significa que elas adquirem seu sentido em referência às formações ideológicas, nas quais essas posições se inscrevem. Ou seja, a fome é significada como algo que infunde terror, que aterroriza e que voltou a bater à porta dos brasileiros, debilitando não apenas o corpo e levando até mesmo à morte, mas também afetando a dignidade das pessoas, que impossibilitadas de terem uma refeição decente, disputam carcaças de animais que seriam destinadas às fábricas de sabão e de ração animal.

A relação de forças também faz parte das condições de produção dos discursos, uma vez que o lugar do qual o sujeito fala é constitutivo do que ele diz (ORLANDI, 1999, p. 39). No *podcast*, quem fala são sujeitos que estão autorizados a dizer o que dizem, porque sabem/conhecem sobre o que estão falando, pois são institucionalmente autorizados a fazer pesquisas, coletar e interpretar dados. Por exemplo, Tereza Campello, economista e professora titular da Cátedra Josué de Castro, da Faculdade de Saúde Pública da USP, que esteve à frente na pasta de desenvolvimento social e combate à fome entre 2011 e 2016 e Valéria Burity, que atua como secretária pela Fian Brasil, instituição pelo direito humano à alimentação e a nutrição adequadas, estão autorizadas a dizer o que dizem sobre a fome e os seus discursos têm “mais valor” do que se fossem ditos por quaisquer outros sujeitos.

Ganha voz, também, no *podcast*, Vera Eunice, filha de Carolina Maria de Jesus, que (re)lembra como a mãe lidava com a fome, discursivizada em *Quarto de Despejo*. Nesse sentido, podemos dizer que o *podcast* deixa resquícios do vivido, que ao serem interpretados, evidenciam os modos pelos quais o sujeito se significa e significa o mundo (ORLANDI, 2012). Vera Eunice não ocupa nenhum lugar de importância nas políticas públicas de combate a fome, mas mesmo assim está autorizada a dizer o que diz, porque sofreu na própria pele ou no próprio corpo, a dor da fome.

Essas vozes são entrecortadas pela voz de Luciana Barreto, jornalista e ativista política, que recebeu vários prêmios por sua luta em defesa da população



negra, conforme já mencionamos. Essa referência aos prêmios sinaliza para sentidos de que ela pode dizer o que diz, porque “conhece” as dificuldades enfrentadas pelos negros.

Cabe lembrar, também, que embora o *podcast* seja atemporal, uma vez que ele pode ser acessado diversas vezes, ele está marcado pelo tempo e espaço da narrativa que o entrevistador elabora, seguindo, na maioria das vezes, um roteiro de apresentação.

### 2.1.3. O jogo imaginário em confronto no *podcast*

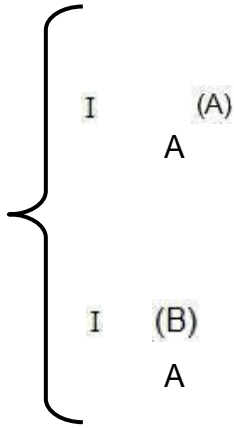
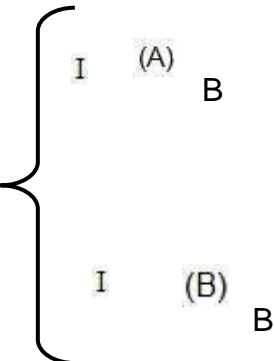
O mecanismo da antecipação também faz parte das condições de produção e de acordo com Orlandi (1999, p. 39), regula a argumentação, pois conforme ela, “todo o sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que seu interlocutor ‘ouve’ suas palavras” (ORLANDI, 1999, p. 39). Desse modo, o sujeito dirá X ou Y, de acordo com o efeito de sentido que pretende produzir no outro.

As relações de sentidos e de força, assim como o mecanismo da antecipação constituem mecanismos de funcionamento do discurso e estão englobados no que Orlandi (1999, p. 40) designa de formações imaginárias. Desse modo, não são os sujeitos físicos que funcionam no discurso, mas as imagens que os sujeitos têm de si e do outro, bem como do objeto do qual falam/ouvem que funcionam no discurso.

Pêcheux (1997) designa de *formações imaginárias* as regras de projeção que permitem estabelecer “[...] as relações entre as situações (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas situações)” no processo discursivo. (PÊCHEUX, 1997, p. 82). Essas regras de projeção implicam, portanto, o jogo imaginário do lugar ocupado pelos sujeitos, assim como pelo objeto do discurso e podem ser representadas como seguem: i) Quem sou para lhe falar assim? (imagem que o enunciador tem de si mesmo) ii) Quem é ele para que eu lhe fale assim? (imagem que o enunciador tem daquele a quem dirige o discurso) iii) Quem sou eu para ele me falar assim? (imagem que o interlocutor tem de si próprio) iv) Quem é ele para que me fale assim? (imagem que o interlocutor tem daquele que produz o discurso).

O que funciona, portanto, no processo discursivo, são essas formações imaginárias, assim descritas por Pêcheux (1997):

TABELA 1: Formações imaginárias

Expressão que designa as formações imaginárias	Significado da expressão	Questão implícita cuja “resposta” subentende a formação imaginária correspondente
	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A	“Quem sou eu para lhe falar assim?”
	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A	“Quem é ele para que eu lhe fale assim?”
	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B	“Quem sou eu para que ele me fale assim?”
	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B	“Quem é ele para que me fale assim?”

Fonte: Pêcheux (1997b, p. 93)

No *podcast*, quem organiza as falas é a jornalista e apresentadora de televisão brasileira, formada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e mestre em relações étnico-raciais pelo CEFET, Luciana Barreto. Ela é uma jornalista negra, que trabalha na CNN Brasil e que tem se destacado por seu trabalho em prol dessa comunidade. Em 2012, a jornalista ganhou o Prêmio Nacional de Jornalismo Abdias Nascimento, pelo programa “Caminhos da

Reportagem – Negros no Brasil: brilho e invisibilidade” e em 2015 foi eleita uma das Mulheres Inspiradoras do ano pelo *Think Olga*<sup>22</sup>.

Em 2018, recebeu o prêmio “Sim à Igualdade Racial”, na categoria “Em Pauta”, por seu trabalho na mídia contra o racismo. Nesse mesmo ano, foi eleita Embaixadora de Turismo do Rio de Janeiro por dar visibilidade ao Estado por meio do ativismo em prol do respeito à diversidade. Ainda em 2018, começou a carreira no cinema assinando o pré-roteiro e entrevistas do longa-metragem documental “A Última Abolição”, pela Globo Filmes. Em 2021, entrou para a lista das 100 Pessoas Mais Influentes de Descendência Africana (Mipad) na categoria Mídia. No *podcast*, a jornalista assim se apresenta:

SD 1 – Luciana Barreto: Eu sou Luciana Barreto e nesse episódio *Entre Vozes*, a gente fala do Fantasma da Fome que voltou a assombrar o Brasil.

Nessa SD, “a gente” funciona como “nós” e produz o efeito de sentido de coletividade, pois ela não fala sozinha, do lugar de jornalista e ativista, mas convoca outros sujeitos a denunciar o fantasma da fome, no Brasil, como Vera Eunice, filha de Carolina Maria de Jesus, que relembra as dificuldades pelas quais passou a mãe para alimentar os três filhos, além de Tereza Campello, economista e professora titular da Faculdade de Saúde Pública da USP, a advogada Valéria Burity, secretária da Fian Brasil, instituição que defende o direito humano à alimentação e à nutrição adequadas, todas “autorizadas” a dizer o que dizem, dos lugares que ocupam. Participam ainda, da reportagem, “outra jornalista” (sem nome) e o presidente Jair Bolsonaro.

Desta perspectiva, o que funciona *no podcast Entre Vozes*, é uma série de formações imaginárias, que designam os lugares que cada um dos sujeitos do discurso se atribuem cada um a si e ao outro, isto é, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro, no discurso, assim do objeto sobre o qual falam:

---

<sup>22</sup> A Think Olga é uma ONG que atua junto à sociedade civil enquanto a Think Eva é uma consultoria de inovação social que articula o setor privado. O resultado deste trabalho traz soluções criativas para velhos e novos problemas e colabora na construção de um mundo mais igualitário e justo. Disponível em: <https://thinkolga.com/quem-somos/> acesso em 12 de fev de 2023.

TABELA 2: Formações imaginárias, jornalista Luciana Barreto

Expressão que designa as formações imaginárias	Significado da expressão	Questão implícita cuja “resposta” subentende a formação imaginária correspondente
	Imagem do lugar que a jornalista Luciana Barreto tem de si mesma	“Quem sou eu para lhe falar assim?”
	Imagem do lugar que os ouvintes/interlocutores têm da jornalista Luciana Barreto	“Quem é ela para que eu lhe fale assim?”
	Imagem que os ouvintes/interlocutores têm de si mesmos	“Quem sou eu para que ela me fale assim?”
	Imagem que a jornalista Luciana Barreto tem dos ouvintes/interlocutores	“Quem é ela para que me fale assim?”

Fonte: elaborado pela autora, com base em Pêcheux (1997, p. 83)

Há, portanto, uma estreita relação entre os sujeitos neste jogo de projeção imaginária, que interfere no processo discursivo e afeta inevitavelmente os sentidos. Disso decorre a noção de que os sujeitos são afetados pelos sentidos tanto quanto os afetam.

Esse jogo imaginário é importante quando analisamos um texto pelo viés da teoria materialista do discurso e, em especial, para compreendermos como os *podcasts* são produzidos e circulam no espaço digital.

## CAPÍTULO III

### A FOME: TESTEMUNHO DA DESIGUALDADE

*Vida de graça. Vida sem graça,  
Vida desgraçada. Vida desigual.*

*E essa vida tem nome. Ela se  
chama: FOME.*

*A fome faz o homem procurar  
caminhos nunca andados. O que importa!  
Ele vai por aí sem saber para aonde. Sabe  
de onde veio, mas não sabe para aonde  
vai. O que importa? Ele vai por aí! Todos os  
caminhos o levam para lugar nenhum.*

*(Graciliano Ramos - Vidas Secas -  
1953)*

Se a fome faz o homem procurar caminhos, como mencionado na epígrafe de abertura deste capítulo, essa metáfora se faz válida para quem procura também pelos sentidos da *fome*, no *podcast* em análise.

Neste capítulo, mobilizamos o dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso para responder à seguinte questão de pesquisa: como são produzidos os discursos sobre a fome no episódio de *podcast* intitulado “Entre Vozes: o fantasma da fome volta a assombrar o Brasil”, produzido e organizado pela jornalista Luciana Barreto, que circulou no espaço digital, por meio de plataformas de *streaming*, a partir de 2021. Procuramos, portanto, compreender quais discursos sobre a fome irrompem no fio do discurso, com vistas a compreender como os sentidos se constituem e quais formações discursivas se entrelaçam no processo de produção de sentidos.

Durante o gesto analítico, procedemos ao batimento entre teoria e análise, tendo em vista que de acordo com Orlandi (1999), a teoria da interpretação abarca um dispositivo teórico, que engloba o conjunto de conceitos que funcionam em rede no processo de significação e um dispositivo analítico, que é de responsabilidade do analista, tendo em vista que ele mobilizará os conceitos necessários para responder a sua questão de pesquisa. Segundo a autora, trata-

se de pensar no dispositivo teórico “já ‘individualizado’ pelo analista em uma análise específica”, pois “[...] o que define a forma do dispositivo analítico é a questão posta pelo analista, a natureza do material que analisa e a finalidade da análise” (ORLANDI, 1999, 27).

### 3.1. Caminho metodológico:

Nesta parte do trabalho, fomos delimitando os caminhos para compreender o processo discursivo em funcionamento no *podcast*, mas antes de efetivamente dar início às análises, é necessário explicitar o que é arquivo e *corpus* discursivo para a teoria materialista do discurso.

Para Pêcheux (1997, p. 73), o arquivo é “um campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”. Como mencionamos no segundo capítulo, os podcasts ficam “arquivados” em plataformas de streaming, que possibilitam transmitir e acessar conteúdos pela internet em qualquer dispositivo com conexão e em tempo real sem a necessidade de download, tais como o Spotify, Deezer, Google Podcast, Apple Podcast e Castbox.

Dentre a enorme multiplicidade de arquivos existentes nessas plataformas, recortamos como *corpus* discursivo, como já mencionado inúmeras vezes, o *podcast* “Entre Vozes: o fantasma da fome volta a assombrar o Brasil”, produzido pela jornalista Luciana Barreto, que circulou no espaço digital, por meio de plataformas, a partir de 2021, ano em que a pandemia e seus efeitos foram mais agudos.

O *corpus* discursivo é compreendido por Pêcheux (1997, p. 239, nota 21), como “um conjunto de textos de extensão variável (ou sequências discursivas), remetendo a condições de produção consideradas estáveis, isto é, um conjunto de imagens textuais ligadas a um ‘texto’ virtual (isto é, ao processo discursivo que domina e engendra as diferentes sequências discursivas pertencentes ao *corpus*.”

Segundo Courtine (2009), a análise de discurso pecheutiana propõe que um *corpus* pode ter dois tipos de constituição: i) *corpora experimentais*, que são dados/fatos obtidos por meio de entrevistas, questionários; ii) *corpora de arquivos* que se referem àquilo que é preexistente, sendo este delimitado a um assunto específico. Para Pêcheux (1974 apud COURTINE, 2009, p. 77), os

*corpora* de arquivo são “[...] constituídos a partir de materiais preexistentes, como aqueles com os quais, por exemplo, os historiadores são confrontados”.

Para fins de análise, dividimos o *podcast* em 38 (trinta e oito) sequências discursivas, definidas por Courtine (2009, p. 55), como “sequências orais ou escritas de dimensão superior à frase”, isso, porque, para a teoria materialista do discurso, o que interessa não é o funcionamento interno da língua, mas o processo de produção de sentidos. Desse modo, a divisão dos enunciados em sequências discursivas não obedece aos limites da frase, mas o modo como os discursos são formulados e circulam, produzindo seus efeitos.

### 3.2. Movimento Analítico:

O *podcast*, com duração de 33 (trinta e três) minutos, como já dito, foi produzido pela jornalista Luciana Barreto, da CNN, e circulou no espaço digital, em diversas plataformas de *streaming*. Nele, o que produz o efeito de sentido de verdade e de legitimidade do dizer, são os dados relativos à fome apresentados pela jornalista e o discurso de autoridade de Tereza Campello, economista e professora titular da Cátedra Josué de Castro, da Faculdade de Saúde Pública, da USP e que esteve à frente na pasta de desenvolvimento social e combate à fome entre 2011 e 2016. No *podcast*, “falamos” ainda, Valéria Burity, à época, secretária da FIAN Brasil, instituição que defende o direito humano à alimentação e à nutrição adequadas, além da médica Denise Ornelas.

As três entrevistadas, assim como Luciana Barreto, produzem o discurso de lugares diferentes, mas os sentidos que ecoam sobre a fome e a insegurança alimentar apontam para os mesmos sítios de significação, já que todas denunciam que a fome voltou a assombrar o país e se acentuou ainda mais durante o isolamento social resultante da pandemia de COVID-19.

É importante dizer que, como veremos a seguir, todas falam da falta e/ou sucateamento das políticas públicas de combate à fome, durante o mandato presidencial de Jair Bolsonaro que, em um dos seus discursos, negou que houvesse brasileiros passando fome no país. Há, ainda, outra “voz”, possivelmente de outra jornalista da CNN, que também apresenta dados sobre a fome no mundo. Além desses sujeitos, também Vera Eunice, filha de Carolina

Maria de Jesus, dá seu testemunho, recordando os dias em que não havia nada para comer e como a mãe significava a fome.

Como o próprio nome do *podcast* sugere (“Entre Vozes: o fantasma da fome volta a assombrar o Brasil), não há uma linearidade na produção dos discursos desses sujeitos, ou seja, ao discurso da jornalista são entremeadas outras vozes, que não se confrontam, mas que apontam para os mesmos sítios de significação. As palavras “fantasma” e “assombrar” encaminham para o sentido de fantasmagórico, de algo que assusta, que aterroriza.

Além das vozes, é importante salientar a recorrência à musicalidade, que marca a transição de uma fala e de outra e até mesmo da própria jornalista. O *podcast* tem início ao som de um piano e com a jornalista Luciana Barreto dizendo:

SD 2: Luciana Barreto: Tantas caras tristes querendo chegar em algum destino, em algum lugar. Trem sujo da Leopoldina, correndo, correndo, parece dizer: - Tem gente com fome, tem gente com fome! Só nas estações quando vai parando lentamente começa a dizer: - “Se tem gente com fome, dá de comer, se tem gente com fome, dá de comer”.

Nessa SD, ressoam versos de Solano Trindade: “Tantas caras tristes querendo chegar em algum destino, em algum lugar. Trem sujo da Leopoldina, correndo, correndo, parece dizer: - Tem gente com fome, tem gente com fome! Só nas estações quando vai parando lentamente começa a dizer: - “Se tem gente com fome, dá de comer, se tem gente com fome, dá de comer”.

Engajado nas questões políticas de seu tempo, Solano Trindade foi um dos precursores do ativismo negro no Brasil, além de filiado ao Partido Comunista de Luís Carlos Prestes. Conciliando poesia e luta social, em 1944, publica “Poemas de uma vida simples”, em que narra a volta para casa dos trabalhadores, após um dia exaustivo de trabalho. No poema, ele vai narrando as estações pelas quais o trem passa até chegar no Bairro da Leopoldina, distrito localizado na subprefeitura da **Lapa, região oeste da capital de São Paulo** e que, na época em que escreveu o poema, era conhecido pela falta de infraestrutura básica e por abrigar grande parte daqueles que trabalhavam nas fábricas e indústrias da grande São Paulo.



Esse efeito de sentido de falta é (re)produzido por “trem sujo da Leopoldina”, referência às marcas nas roupas e aos cheiros dos corpos suados, após um dia extenuante de trabalho. “Tantas caras tristes querendo chegar em algum destino, em algum lugar” aponta para os sentidos de cansaço, de fome e da vontade de chegar em casa.

“Tem gente com fome, tem gente com fome” e “ se tem gente com fome, dá de comer, se tem gente com fome, dá de comer”, ao mesmo tempo em marcam a cadência do trem, produzem o efeito de sentido de urgência e de ordem. É necessário “dar de comer a quem tem fome”.

Pelo funcionamento da memória discursiva, ecoa também o poema de Manuel Bandeira, Trem de Ferro (1936), no qual se repetem os versos “café com pão, café com pão”. Entretanto, enquanto o poema de Bandeira retrata a alimentação tradicional dos brasileiros no dia a dia, os versos de Solano Trindade revelam uma forte crítica social, produzindo o efeito de sentido de urgência. Esse efeito de sentido de urgência é reforçado por “correndo, correndo” e “*se tem gente com fome, dá de comer, se tem gente com fome, dá de comer*”.

Além disso, enquanto no poema de Bandeira o trem cruza o interior, passando pelos mais diferentes lugares, o trem de Trindade é urbano, meio de transporte de massa, usado por trabalhadores da Leopoldina, para ir e voltar do trabalho, diariamente.

No seu discurso, a jornalista faz, ainda, uma referência às diversas regiões em que a fome se acentua pelo país. Para isso, cita bairros pobres e periféricos do Rio de Janeiro, de São Paulo e do Amapá. Nota-se a repetição de “tem gente com fome, tem gente com fome” e “tem ainda mais gente com fome”, em que o “ainda” funciona para reforçar o argumento de que “tem gente com fome”.

SD 3: Luciana Barreto: E como tem gente com fome! tem gente com fome na Leopoldina, no Rio de Janeiro, que foi o bairro que inspirou o artista e militante Solano Trindade a escrever esses versos há uns 70 anos. Também tem gente com fome na Brasilândia em São Paulo. Tem ainda mais gente com fome no bairro Mar à Baixo no Macapá, já que uma pesquisa de segurança alimentar divulgada em abril mostrou que esse mal castiga ainda mais quem mora no Norte e Nordeste do Brasil.

Para produzir o efeito de sentido de verdade, cita uma pesquisa divulgada em abril de 2021, que foi realizada pelo Grupo de Pesquisa Alimento para a

Justiça da Universidade Livre de Berlim, juntamente com a Universidade de Brasília (UnB) e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O estudo sobre a segurança alimentar apontou que a população mais afetada é a que mora na região norte e nordeste do país.

A expressão “segurança alimentar” começou a ser utilizada durante a Primeira Guerra Mundial, na Europa, quando ficou evidenciado que um país poderia dominar o outro controlando o fornecimento de alimentos. A alimentação seria, assim, uma arma poderosa, principalmente se aplicada por uma grande potência contra um país que não tivesse a capacidade de produzir por conta própria e suficientemente seus alimentos<sup>23</sup>.

No entanto, mais recentemente, a expressão tem sido largamente utilizada para designar o estado existente quando todas as pessoas têm acesso físico e econômico a uma alimentação que seja suficiente, segura, nutritiva e que atenda às necessidades nutricionais e preferências alimentares, de modo a propiciar vida ativa e saudável<sup>24</sup>. Nesse sentido, a fome é discursivizada como um “mal que castiga”, isto é, que maltrata os brasileiros. O verbo “castigar” entra em relação parafrástica com “punir” e na SD, “castigar ainda mais”, significa ir além dos limites suportáveis.

Em seguida, na SD4, a jornalista traz dados de pesquisas que fazem menção ao *status quo* da fome no Brasil e cita os livros de Josué de Castro, no quais ele tem “insights geniais” para acabar com a fome. Esses “insights” são uma referência às soluções simples e práticas apontadas pelo médico, escritor e ativista político, para acabar com a fome,

Apesar de não ser geógrafo de formação, Josué de Castro tornou-se referência na área. Em seus livros *Geografia da Fome* e *Geopolítica da Fome* defendia que a fome não decorre da falta de alimentos ou do crescimento populacional, mas da má distribuição de renda, concentrada nas mãos de cada vez menos pessoas. Por isso, acreditava que o problema da fome não seria resolvido com a maior produção de alimentos em escala global, mas com a

---

<sup>23</sup> De acordo com Maluf, Renato. [In: Caderno 'Segurança Alimentar'»](#) (PDF). Universidade de Brasília.

<sup>24</sup> De acordo com a **Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO, sigla do inglês *Food and Agriculture Organization*)** uma das agências das Nações Unidas, que lidera esforços para a erradicação da fome e combate à pobreza. O seu lema é *fiat panis* (do latim, que significa “haja pão”).

melhor distribuição de renda e da terra, tornando-se um ferrenho defensor da reforma agrária.

Em Geografia da Fome, o autor dividiu o Brasil em cinco regiões para mapear a distribuição e concentração da fome no Brasil, analisando as características naturais e os processos históricos de formação, como a colonização e as transformações políticas e econômicas de cada uma delas, comprovando que a ocorrência da fome e da desnutrição da população não decorre nas condições climáticas ou do ócio da população, mas da falta de políticas públicas de distribuição alimentar e da má distribuição de terras.

Em Geopolítica da Fome, Josué de Castro discute o problema da fome na América, na África, na Ásia e na Europa, confirmando a sua tese que ela decorre da má distribuição das riquezas, concentradas nas mãos de poucos e chega à conclusão de que a pobreza e a miséria extremas são o resultado dos processos de colonização, que geram dependência econômica dos países colonizados. A fome é discursivizada como “a falta de comida no prato”.

Para o autor citado, a fome não é uma “fatalidade” nem se agravou com a pandemia, mas configura “o resultado de ações humanas”, apontando para sentidos relacionados à má distribuição de renda e para a desigualdade social que atinge boa parte dos brasileiros.

SD 4: Luciana Barreto: Essa mesma pesquisa também revelou que nos últimos três meses de 2020, 19 milhões de brasileiros passavam fome no país. Como dar de comer a toda essa gente? Nos seus dois livros mais famosos, o “Geografia da Fome” e o “Geopolítica da Fome”, o escritor Josué de Castro teve um daqueles *insights* geniais, que hoje pode até parecer uma obviedade, mas, na época, revolucionou a forma como se pensava a falta de comida no prato. Ele concluiu que fome não é fatalidade, mas sim o resultado de uma porção de ações humanas. E entre as principais causas dela tá uma palavrinha, que convenhamos, o Brasil sempre conheceu muito bem, mas que ganhou uma proporção assombrosa na Pandemia, e eu tô falando da Desigualdade Social. Não é fácil concluir que em tempos de Pobreza e desigualdade recorde, a fome também cresceria.

Eu sou Luciana Barreto e nesse episódio do Entre Vozes, a gente fala do Fantasma da Fome que voltou a assombrar o Brasil.

As palavras de Josué de Castro ressoam no discurso da jornalista. Segundo Luciana Barreto, a desigualdade social aumentou em proporção

assombrosa durante a pandemia. De acordo com a Oxfam Brasil<sup>25</sup>, a pandemia constituiu o epicentro da fome no país. Em dezembro de 2020, 55% da população brasileira estava em situação de insegurança alimentar (116,8 milhões, equivalente à população conjunta da Alemanha e Canadá) e 9% passavam fome (19,1 milhões, superior à população da Holanda)<sup>26</sup>. Para a jornalista, nesse sentido, a pobreza e a desigualdade social têm uma relação de causa e consequência direta com a fome.

Depois disso, a jornalista assume que o problema da fome é apontado não apenas por ela: “A gente fala do fantasma da fome que voltou a assombrar o Brasil”, remetendo o discurso para um “nós”, para um sujeito coletivo. O uso de palavras como “fantasma da fome” e “voltou a assombrar o Brasil” sinaliza para sentidos de que esse grave problema social já havia sido erradicado no Brasil, mas voltou a assombrá-lo, produzindo o efeito de sentido de que ele deve ser combatido.

Nesse momento, a voz da jornalista (SD5) é entrecortada por um trecho da música O pobre e o rico, composta a partir da poesia de Maria Carolina de Jesus. Na música, ela canta as diferenças entre o rico e o pobre e diz que enquanto o primeiro quer/faz a guerra e vai na frente, o segundo vai sempre atrás e não sabe porque ela acontece. Enquanto “o rico ganha medalha”, “o pobre não ganha nem uma divisa no braço”. Esses versos, dão visibilidade para a desigualdade social no país (“pobre não tem dote nos negócio da nação”) e mostra que o pobre está mais preocupado com o de comer e “não tem nada com a desorganização”.

SD5: Pobre só pensa no arroz e no feijão, pobre só pensa no arroz e no feijão, pobre não tem dote nos negócio da nação, pobre não tem nada com a desorganização.
--

Essa “desorganização” seria uma referência à falta de políticas públicas para combater a miséria, a falta de emprego e a fome que, como um fantasma, voltou a assombrar as famílias brasileiras.

Após o término da música, a jornalista cita um trecho do livro “Quarto de Despejo”, de Carolina Maria de Jesus. No processo de produção de sentidos,

---

<sup>25</sup> Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/blog/a-epidemia-de-desigualdade-no-brasil/>

<sup>26</sup> Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/blog/a-epidemia-de-desigualdade-no-brasil/> Acesso em 03 de fev. de 2023.

usa as aspas para marcar o discurso da escritora negra, evidenciando o testemunho real da fome. Há, nesta SD, uma marcação temporal e espacial que ressoa a obra Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus, na qual a autora narra o seu dia a dia como catadora de lixo nas ruas da grande São Paulo, bem como a vida sofrida na Favela do Canindé. Em seu relato, ela descreve a dor da fome e sua luta diária para se alimentar e alimentar os três filhos.

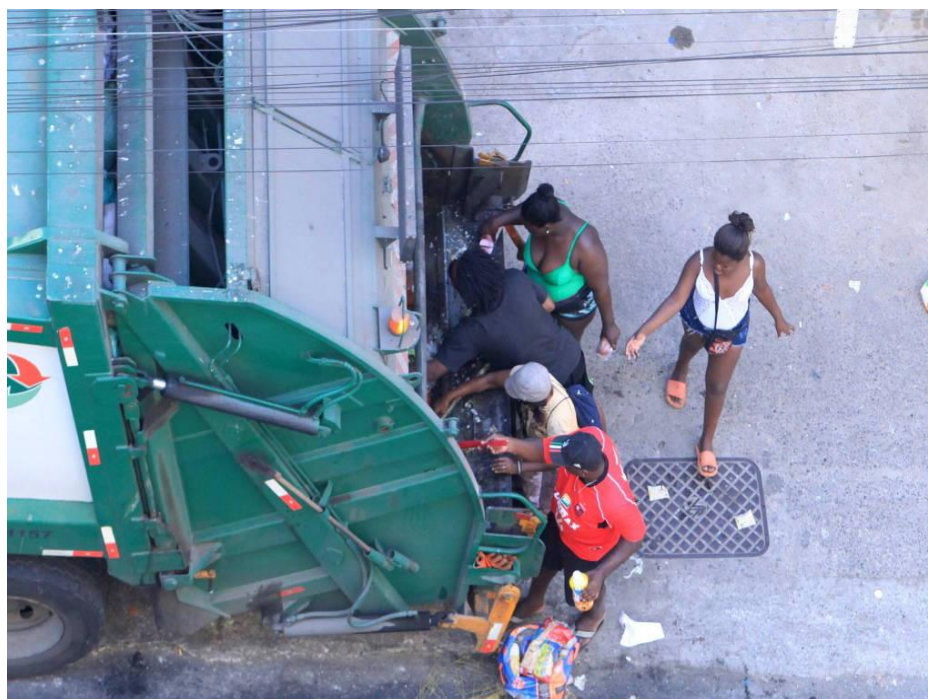
SD6: 27 de maio de 1958, favela do Canindé, zona norte de São Paulo. “Percebi que no frigorífico jogam creolina no lixo para o favelado não catar a carne para comer. Não tomei café, fui andando meio tonta. A tontura da fome é pior que a tontura do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar, mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago”.

Nesta SD, há uma tomada de consciência da autora sobre o quanto o ser humano pode ser (des)humano, pois ao jogar creolina, no lixo, tira dos catadores e dos que têm fome, qualquer possibilidade de aproveitar os restos. A creolina é um composto químico utilizado como desinfetante na área da agropecuária, mas no relato de Carolina, atua como impeditivo para o favelado “não catar a carne para comer”.

O sujeito que procura pelos restos de carne é designado de “favelado”, isto é, como o sujeito que vive em moradias populares, nas encostas dos morros, geralmente, em situação de extrema pobreza. No relato de Carolina, ele “não procura por alimentos que ainda poderiam saciar a fome, mas os “cata”. De acordo com o dicionário Aulete online (2022), o verbo *catar* tem o significado de *1. Procurar, buscar; 2. Recolher um por um entre outras coisas; 3. Procurar e retirar as impurezas e unidades defeituosas, limpar, selecionar.*

O uso desse verbo aponta para efeitos de sentido de animalização, pois o favelado, assim como os animais, separa aquilo que foi descartado daquilo que ainda pode ser consumido pelo favelado. Embora o trecho narrado no *podcast* tenha sido escrito na década de 50, os retratos da fome ainda são capa de jornais e de revistas, no século XXI.

FIGURA 13: Pessoas “catando” alimento em caminhão de lixo



Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/07/pessoas-procuram-restos-de-alimentos-em-caminhao-de-lixo-no-rio.sht>

Podemos dizer que nesta SD, ressoam outros discursos já-ditos em outras circunstâncias de enunciação, como o poema de Manuel Bandeira (1947), no qual ele diz: “*Vi ontem um bicho/Na imundice do pátio/Catando comida entre os detritos/Quando achava alguma coisa/Não examinava nem cheirava/Engolia com voracidade/O bicho não era cão/Não era um gato/Não era um rato/O bicho, meu Deus, era um homem*”. Essa relação de sentidos só é possível, porque a memória discursiva atualiza, no fio do discurso, dizeres já significados antes, em outro lugar e independentemente, nos termos de Pêcheux (1997), ou seja, todo discurso se fundamenta em outro discurso já existente.

Ainda nessa SD, Carolina diz que “*A tontura da fome é pior que a tontura do álcool*”, apontando para sentidos de que a fome, assim como o álcool, produz efeitos devastadores no organismo humano. Mas, de acordo com ela, “o álcool faz cantar” enquanto “a fome faz tremer”. O que ecoa aqui, é que tanto o álcool quanto a fome têm como efeitos a tontura, a vertigem, a falta de equilíbrio e a sensação cabeça girando. No entanto, o álcool é ingerido voluntariamente e faz esquecer, pelo menos por alguns instantes, os problemas da vida, enquanto a fome é da ordem do sentido, da falta/privação do de comer.

Esse efeito de sentido de falta/privação, é reforçado em “*Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago*”, que ecoa a dor da fome, que atinge, na grande maioria, negros e favelados, que assim como Carolina, trabalham em subempregos e nem sempre conseguem fazer as refeições diárias.

A dor da fome também ressoa na SD7, em que a jornalista narra como “Quarto de Despejo” foi escrito. Segundo Luciana Barreto, quando Carolina escreveu suas memórias, “estava com fome, muita fome”. O uso de advérbio de intensidade produz o efeito de sentido de que a fome era uma constante na vida de escritora e tudo o que conseguia para comer dividia com os três filhos. Nesse ponto, a jornalista chama a atenção para o testemunho de Vera Eunice, filha de Carolina, de 67 anos, que recorda a vida miserável que a família levava.

SD7: LUCIANA BARRETO: Quando pegou seu diário e escreveu essas palavras no fim do dia, Carolina Maria de Jesus provavelmente estava com fome, muita fome. Talvez tenha sido uns daqueles tantos dias que ela tenha ido dormir de estômago vazio, já que o pouco de comer que tinha em casa ela dividiu entre os três filhos: José Carlos, João José e Vera Eunice. Vera Eunice, que hoje tem 67 anos, lembra bem dessas ocasiões. Aliás, guarda bem essa voz, pois ela vai aparecer algumas vezes aqui no episódio.

O *podcast* prossegue trazendo a voz de Vera Eunice, que tem relação muito próxima com a fome. Por ser filha de Maria Carolina de Jesus, Vera Eunice rememora a preocupação da mãe de alimentar os filhos e que, ao fazê-lo, muitas vezes, ficava sem comer (“primeiro os filhos”) e não conseguia escrever. Essa impossibilidade de escrever em decorrência da fome é reforçada duas vezes na SD 8.

SD8: VERA EUNICE: O problema da minha mãe era que ela tinha que alimentar os filhos. A grande preocupação dela era que os filhos fossem alimentados e que como ela tinha compulsão pela escrita, pois era o alimento para a alma. Mas quando não tinha comida em casa, ela não conseguia. Quando a gente estava com fome, ela não conseguia escrever. Várias vezes ela deixava de comer, primeiro os filhos.

Como é consenso no campo da medicina, a alimentação é uma das fontes de energia do cérebro e quando o corpo é privado dela, o cérebro também sofre, perdendo sua função de comandá-lo. Sintomas como dificuldades de raciocínio, tonturas, inconsciência e náuseas são alguns desses efeitos. O que se repete no discurso da filha de Carolina é que a mãe se preocupava muito com a

alimentação dos filhos, pois sentia no próprio corpo as consequências da falta dela. Ainda segundo Vera Eunice, na falta do que alimentar o corpo, a mãe escrevia, pois a escrita era “o alimento para a alma”.

Essa escrita era, no entanto, compulsiva, isto é, Carolina escrevia para registrar/esquecer a situação de miséria em que vivia e, especialmente, da fome que afetava os filhos e que lhe consumia todas as forças. Na entrevista com a jornalista Luciana Barreto, a filha de Carolina afirma que apesar de sua família sair da favela e ter comida em casa, buscava alimento no lixo (SD9).

O verbo “catar” aparece mais uma vez, marcando a repetibilidade, no fio do discurso do *podcast* e produzindo o efeito de sentido de animalização, de que essa não deveria ser uma prática comum aos seres humanos. Na sequência, Vera Eunice continua seu discurso afirmando que ainda tem algumas “manias de favela”. A palavra “mania” aponta para sentidos de prática repetitiva, para costume esquisito, peculiar; para excentricidade.

Para Vera Eunice, “comer rápido” é uma das cicatrizes deixadas pela vida de favelada miserável na infância, quando comia rápido para poder comer o resto de comida que a mãe deixava na panela. “Manias de favela” ressoa sentidos de que a (sobre)vida de dificuldades e de fome frequentes, nas favelas, deixa marcas profundas.

SD9: Nós fomos morar numa sala de visitas, como ela dizia, era uma casa de alvenaria. Apesar de ter comida em casa, a gente ia catar comida no lixo. Eu falo que eu tenho umas manias da favela que me acompanham até hoje: por exemplo: Comer rápido. Por que comer rápido? Porque minha mãe sempre deixava um pouquinho na panela e quem acabasse primeiro poderia comer aquele restinho. Comer de colher para comer rápido.

O discurso de Vera Eunice funciona como testemunho de um sujeito que sentiu o real da fome. Para Mariani 2016, o testemunho é da ordem do memorável e “aponta para um falar urgente, para o não esquecer e para um não deixar os outros esquecerem” (MARIANI, 2016, p. 51). Desse modo, o testemunho constitui uma forma de falar sobre uma realidade que é/foi sentida e que não pode ser esquecida. No *podcast*, o discurso de Vera Eunice não somente produz o efeito de sentido de verdade, como deixa vestígios de um



passado vivido que não se quer/pode esquecer, funcionando ainda, como denúncia.

Após o testemunho de Vera Eunice, a jornalista Luciana Barreto designa o livro de Carolina Maria de Jesus como “testemunho real da fome” (SD10) e diz que ela “não viveu para “ver a fome no Brasil ser mundialmente reconhecida, em 1990”.

A partir desse momento, a jornalista passa a apresentar dados sobre a fome no mundo e diz que a partir de 1990, o Brasil passou a ser “figurinha carimbada”, no Mapa Mundial da Fome da ONU. Ser “figurinha carimbada” aponta para sentidos de algo que se repete.

De acordo com a jornalista, esse panorama só teria mudado em setembro de 2014, quando o Brasil registrou um índice de 3% de subalimentação. Nesse ano, governava o Brasil, Dilma Vana Rousseff, economista e primeira mulher a assumir a presidência do Brasil.

SD 10: LUCIANA BARRETO: Apesar de ter deixado esse testemunho real da fome, que é o livro Quarto de Despejo, a Carolina Maria morreu em 1977 e não viveu para ver a fome no Brasil ser mundialmente reconhecida, em 1990. Esse foi o ano em que a ONU divulgou pela primeira vez em quais países do mundo pelo menos 5% da população estava ingerindo menos calorias por dia do que o recomendado. Desde então, o Brasil seguiu sendo figurinha carimbada nesse mapa e as coisas só foram mudar em setembro de 2014.

Conforme a jornalista, apesar de ser um índice ainda bastante alto, representava um avanço se considerada a extensão territorial do Brasil. Segundo ela, esse era um sinal claro de que “as coisas estavam andando” (SD11) e de que era possível acabar com a fome no país. No final dessa fala, ela diz “Ou pelo menos era o que parecia”, sinalizando para o fato de que a fome voltaria a assolar o país.

SD11: LUCIANA BARRETO: Naquele ano, o Brasil registrou um índice de 3% de subalimentação, o que para um país do tamanho do nosso, ainda é bastante coisa, mas bem, as coisas ainda estavam andando e zerar a fome ainda era uma esperança um tanto palpável no horizonte. Ou pelo menos era o que parecia.

A realidade voltaria com força no governo de Jair Bolsonaro, provocada não apenas pela pandemia, mas pela extinção ou sucateamento de políticas

públicas que visavam se não erradicá-la, ao menos amenizá-la. A jornalista designa os números da fome, em 2021, época em que o *podcast* passou a circular, como “assustadores” (SD 12) e para produzir o efeito de sentido de que aquilo que diz é verdade, apresenta uma pesquisa divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE e segundo a qual, nos anos de 2017 e 2018, 10,3 milhões de brasileiros passaram fome em todo país.

Para a jornalista, desde então, o país vem “dando passos largos” de volta ao Mapa Mundial da Fome e lembra que para amenizá-la, após quase dez anos, foi retomada a campanha “Natal sem Fome”, organizada por Daniel de Souza, filho do sociólogo Beto de Souza, o Betinho.

SD12: LUCIANA BARRETO: Se a gente olhar para os números assustadores dos últimos meses que acusam que quase 20 milhões de brasileiros não tem o que comer ou que 70% de moradores das favelas não tem dinheiro para a comida, dá até pra pensar que a culpa é a crise gerada pela Pandemia. E é mesmo, mas não é só dela não. Pelo menos, desde 2017, o Brasil vem dando passos largos de volta para o Mapa da Fome. Uma pesquisa divulgada pelo IBGE, de 2017 e 2018, 10,3 milhões passaram fome em todo país. Se a ONU levasse esse dado em conta, o Brasil estaria desde lá com o pezinho de volta no mapa da fome. 2017 também foi o ano em que a campanha Natal Sem Fome foi retomada, depois de quase uma década. Um dos organizadores, o Daniel de Souza, chegou a dizer que encarou com muita tristeza esse relançamento. Parecia um termômetro e também um presságio para os dias de miséria que viriam. Ah, pra quem não sabe, Daniel é filho do sociólogo Beto de Souza, O Betinho de quem é a frase “Quem tem fome tem pressa”.

Conforme destacamos no segundo capítulo deste trabalho, Herbert de Souza, mais conhecido como Betinho, foi um sociólogo que fundou a Ação Cidadania, em 1993, formando uma imensa rede para ajudar mais de 32 milhões de brasileiros que estavam abaixo da linha da pobreza. À frente de diversas campanhas de combate à fome, Betinho teve sua trajetória marcada por ações contra a desigualdade social, como a campanha “Natal Sem Fome”.

No eixo da formulação, a jornalista retoma a frase emblemática de Betinho: “Quem tem fome, tem pressa”, usada durante a campanha da Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria, e pela Vida, desenvolvida na década de 1990 e que colocou o combate à fome no foco das manifestações populares e das políticas públicas.

A retomada da campanha funcionou, segundo a jornalista, como um “termômetro” e um “presságio” para a miséria em curso no Brasil. Isso foi

realmente comprovado quando em 2022, a campanha entregou 1.850.000 quilos de alimentos em todo o Brasil, proporcionando “qualidade de vida das pessoas: na saúde, na dignidade, nos sonhos por um futuro melhor”<sup>27</sup>. Esses números mostram que após um ano do lançamento do *podcast*, a fome se agravaria ainda mais no país, durante o governo de Jair Bolsonaro.

Após isso, é inserida uma fala do então presidente Jair Bolsonaro (SD13), que justifica a falta de políticas públicas de combate à fome, no país. De acordo com a jornalista, trata-se de uma frase “fatídica”, proferida pelo presidente em julho de 2019, quando a fome fazia muitas vítimas. Nessa fala, o ex-presidente negou que havia pessoas passando fome, embora pesquisas do II Inquérito Nacional de Insegurança Alimentar no Contexto de Pandemia da Covid-19 no Brasil, feito em 2022, apontavam que o Brasil havia voltado a figurar no mapa da fome.

SD13: JAIR BOLSONARO: Falar que passa-se fome no Brasil é uma mentira, passa-se mal, não se come bem, aí eu concordo. Você não vê gente, mesmo pobre, pela rua, com físico esquelético aqui no Brasil como se vê em alguns países do mundo.

Esse discurso causa o estranhamento, porque o presidente diz o que não deveria dizer do lugar que ocupa, isso porque, nas repúblicas presidencialistas, como é o caso do Brasil, o presidente acumula duas funções importantes: a de chefe de Estado, isto é, de representante máximo do país perante o mundo e de chefe de governo. Portanto, ele é o responsável por ações e decisões do cotidiano da nação e por gerir a administração federal, sugerir leis e criar políticas públicas e programas governamentais que visem a acabar ou minimizar grandes problemas que afetam a nação, como, por exemplo, a fome.

No entanto, segundo a revista Carta Capital<sup>28</sup>, até maio de 2022, haviam sido gastos somente 89 mil reais no Programa de Aquisição de Alimentos, rebatizado pelo governo Bolsonaro de programa Alimenta Brasil, ao passo em que, em 2012, os investimentos no programa ultrapassaram 500 milhões.

---

<sup>27</sup> Disponível em: <https://www.natalsemfome.org.br/> Acesso em 03 de fev. de 2023.

<sup>28</sup> Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/governo-bolsonaro-destroi-programa-alimentar-mesmo-com-avanco-da-fome-diz-site/> Acesso em 04 de set. de 2022.

Segundo a revista, o programa tinha como objetivo garantir a segurança alimentar das camadas mais pobres da população, que vinha sofrendo com a falta de políticas públicas do governo para combater a fome e a pobreza do país.

Ao dizer que é “mentira” que se passa fome no Brasil, o presidente apaga sentidos segundo os quais, “há gente com fome no país”. Além disso, para o presidente, a fome tem forma: “um físico esquelético”.

Embora o discurso presidencial tenha sido produzido em 2019, retorna no episódio do *podcast* em análise, evidenciando o atravessamento ideológico que se configura a partir do imaginário do sujeito que tem fome: o faminto, com ossos à mostra, tal qual discursivizado na obra intitulada “Os retirantes” (1944), em que Cândido Portinari retrata uma família nordestina que precisa abandonar sua terra para fugir da seca e, por consequência, da miséria e da fome.

FIGURA 14: Os Retirantes. Pintura de Cândido Portinari



Fonte: MASP - Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand

Na tela, os tons escuros, as figuras fantasmagóricas, os urubus no céu e a imagem da foice na mão de uma das mulheres ressoam memórias sobre a morte, discursivizada na situação de extrema miséria pela qual essas pessoas passam, abandonados à própria sorte (ou azar), sem o respaldo do Estado. Do lugar de chefe da nação, Bolsonaro nega a situação de pobreza extrema que atinge boa parte das famílias brasileiras.

No discurso do ex-presidente, “passa-se mal” e “não se come bem” entram em relação parafrástica e negam o discurso de que há cidadãos brasileiros que não têm o que comer, contrariando pesquisas, segundo as quais, durante a pandemia, a pobreza extrema e a fome aumentaram consideravelmente nos lares brasileiros. Ou seja, no seu discurso, o que fica silenciado é que a desigualdade social se intensificou ainda mais durante a pandemia de COVID-19 e durante o seu governo e estava mais evidente no cotidiano de grande parte dos brasileiros que lutavam para sobreviver com o parco amparo fornecido pelo Estado brasileiro.

Ao formular o discurso, Bolsonaro inscreve o dizer numa formação discursiva que defende que não há fome no Brasil, negando pesquisas e discursos de autoridades no assunto, que já se faziam presentes na época. O argumento utilizado por ele é o de que só há fome, quando há “físico esquelético”. Há, ainda, um jogo discursivo entre “aqui” e “lá”, já que segundo ele: “Você não vê gente, mesmo pobre, pela rua, com físico esquelético aqui no Brasil como se vê em alguns países do mundo”. Isso significa que o Brasil estaria livre do fantasma da fome, porque a maioria dos brasileiros não são esqueléticos. Porém, como se sabe, nem sempre corpos famintos são magros.

Aparentemente, numa leitura mais ingênua, poderia haver uma aproximação entre o discurso do ex-presidente e o quadro de Portinari, no que se refere ao imaginário do sujeito que passa fome. Isso significa que de tanto se repetir que quem passa fome é “esquelético”, esse sentido foi regularizado e faz parte do imaginário coletivo. Conforme Indursky (2011, p. 71), “se há repetição é porque há retomada/regularização de sentidos que vão constituir uma memória que é social, mesmo que esta se apresente ao sujeito do discurso revestida da ordem do não-sabido”.

No entanto, enquanto o discurso do presidente relaciona a fome ao “físico esquelético”, corroborando o imaginário coletivo, o quadro de Portinari retrata a

realidade de uma família de retirantes. Nesse sentido, podemos dizer que os dois discursos se inscrevem em FDs diferentes, pois como sabemos, a fome vai além de um retrato biológico da condição nutricional de uma pessoa, mas configura um problema social e depende de políticas públicas para ser ao menos amenizada.

Ao negar que haja pessoas passando fome no Brasil, o presidente da república (2019-2022) inscreve o dizer na FD do negacionismo histórico, isto é, ele nega/distorce/apaga não apenas dados de pesquisas confiáveis sobre a fome no país, como “tapa os olhos” para um problema social que afeta o território nacional e as famílias brasileiras.

Em síntese, “falar que passa-se fome no Brasil é uma mentira” silencia dizeres que afirmam que no país há pessoas com fome. Indo mais além, dizer que a fome é uma mentira, é oprimir os que passam fome, bem como todos os sujeitos que se inscrevem em uma ideologia contrária a essa afirmação. Isso porque, “a ideologia representa a saturação, o efeito de completude que, por sua vez, produz o efeito de ‘evidência’ [...] admitidos por todos como ‘natural’ (ORLANDI, 2007, p 96-97).

Estes efeitos de sentido são diferentes significados possíveis que um mesmo dizer pode assumir de acordo com a Formação Discursiva na qual é (re)produzido. “Esses sentidos são todos igualmente evidentes por efeito ideológico que provoca no gesto de interpretação a ilusão de que um enunciado quer dizer e o que realmente diz (sentido literal)” (FERREIRA, 2005).

Cabe lembrar, que nos dias atuais, os “retirantes” não são apenas os nordestinos que fogem da seca, mas sujeitos de todas as raças, idades e lugares do país, que vagam todos os dias em busca de melhores condições de vida. Um exemplo bem atual, é a crise humanitária que atingiu os *yanomamis*, nesse ano de 2023, resultado do garimpo ilegal, da falta de fiscalização e da ausência de políticas públicas para assegurar o bem-estar e o mínimo de dignidade dos indígenas, nos últimos anos.

Na SD 14, a jornalista critica a fala do presidente e diz que a “a fome ganhou outras caras quando saiu do campo e invadiu as cidades” e que não pode mais ser associada à imagem do sertanejo faminto, com os ossos à mostra.

SD 14: LUCIANA BARRETO: Pois é, presidente, talvez a gente não se depare com tanta frequência com esse perfil do faminto que você descreveu. Para muita gente, a imagem da fome no país é aquela imagem do sertanejo com ossos aparecendo. A fome ganhou outras caras, quando saiu do campo e invadiu as cidades. Para a Vera Eunice, a imagem da fome que ela conheceu quando ainda era criança é mais ou menos essa aqui:

O êxodo rural é um movimento migratório caracterizado pela saída do homem do campo para a zona urbana, em busca de melhores condições de vida. As principais causas desse tipo de emigração interna são: a modernização/mecanização do campo; a implantação de novas técnicas de cultivos agropecuários geradas pela Revolução Verde; acentuação da concentração latifundiária; aceleração do processo de industrialização nos principais centros urbanos e a busca por melhores condições de emprego, renda e vida nos grandes centros urbanos. Como consequências, podem ser citados o aumento dos problemas ambientais e urbanos, o crescimento do mercado informal e a aceleração da urbanização<sup>29</sup>.

“Pois é” aponta para efeitos de sentido de ironia, já que de acordo com a jornalista, a fome não pode mais ser associada à imagem do sertanejo com ossos à mostra. Ser “faminto” e “estar com fome” se inscrevem, portanto, em diferentes sítios de significação.

Em seguida, a jornalista traz uma das últimas falas de Vera Eunice, no *podcast*, que conta como era o perfil e a vida da sua mãe.

SD15: VERA EUNICE: Minha mãe pouco comia, minha mãe era muito magra, subalimentada, subnutrida. A gente saía para catar papel e ela passava mal na rua. E minha mãe passava muito mal, vomitava, via tudo amarelo, vomitava bÍlis. Ela via tudo amarelo, ela dizia: estou vendo tudo amarelo, a fome é amarelo.

Na SD 15, Vera Eunice significa a mãe como magra, subalimentada e subnutrida e que nessa SD encaminham para o mesmo sentido. Segundo Orlandi (1999, p. 36), “em princípio, não há sentido sem metáfora” e na AD, essa noção significa basicamente “‘transferência’, estabelecendo o modo como as palavras significam”. Citando Pêcheux (1975) a autora afirma “que o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora (realizadas em efeitos de

<sup>29</sup> Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/efeitos-exodo-rural.htm> Acesso em 10 de fev. 2023.



substituição, paráfrases, formação de sinônimos) das quais uma formação discursiva vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório” (ORLANDI, 1999, p. 44). Para Vera Eunice, as três palavras tinham o mesmo sentido.

Nessa SD retorna, no eixo da formulação, o verbo “catar”, que como já mencionamos, aponta para a prática de (es)colher dentre os restos, aquilo que ainda poderia ser aproveitado. “Catar papel” e “passar mal na rua” era uma constante na vida cotidiana de Carolina. Note-se que Vera Eunice diz duas vezes que Carolina passava mal, mas na segunda ocorrência, essa situação é intensificada pelo advérbio “muito” e pela repetição de “vomitava” e “via tudo amarelo”.

Para Carolina, a fome tinha cor. A frase “estou vendo tudo amarelo. A fome é amarelo” ressoa o vômito amarelo da bÍlis, quando o estômago está vazio. Amarela era a bÍlis, amarelo era o vômito, assim como o seu mundo embaçado pela tontura. Para Carolina, a vida tinha cores, tanto que em uma das passagens de Quarto de Despejo, ela diz que após ter comido, o céu, as árvores e as aves deixaram de ser amarelos e ganharam outras cores.

Vera Eunice inscreve o dizer em uma formação discursiva daqueles que sentem fome, entretanto, essa fome ultrapassa os limites do discurso, pois é também da ordem do já sentido, do já vivido. Esse dizer funciona, como já mencionamos, como testemunho de um sujeito que viu e sentiu a fome de perto, produzindo efeitos de sentido de angústia.

Para introduzir outra fala de Vera Eunice, a jornalista diz que dará um exemplo do que é a “insegurança alimentar”, recorrente em discursos sobre a fome e que ecoa no discurso da jornalista e de Vera Eunice. Talvez sem mesmo nem o saber, a filha de Carolina, em seu dizer, estabelece a diferença entre “fome” e “insegurança alimentar”.

SD 16: VERA EUNICE: Passar fome, não é muito fácil passar fome. Só quem passou é quem sabe, porque quando eu digo fome, é a fome de comer no lixo. Eu não digo uma fome que hoje você tem e amanhã você vai ter. É uma fome que você nunca sabe quando você vai comer, porque lá na favela, quando a gente morava com minha mãe, nós nunca sabíamos quando íamos comer. Se almoçasse não sabia se ia ter café, se ia ter janta.



No discurso de Vera Eunice, “fome” entra em relação parafrástica com “insegurança alimentar” e essa substituição de uma palavra por outra produz seus efeitos no processo discursivo. Contudo, “fome” e “insegurança alimentar”, apesar de serem conceitos bastante próximos, já que ambos dizem respeito à ausência de alimentos e à violação de um direito humano, não são equivalentes, pois enquanto “insegurança alimentar” tem um sentido mais amplo, porque abrange o direito à alimentação, “fome” é a sensação fisiológica decorrente da necessidade de reposição nutricional, ou seja, da falta de alimentação. No entanto, tanto a insegurança alimentar como a fome decorrem da pobreza, isto é, da falta de condições mínimas para a existência humana.

De acordo com a Oxfam Brasil, organização da sociedade civil brasileira, sem fins lucrativos e independente, criada em 2014, com o fito de construir um Brasil mais justo e com menos desigualdade social, “a insegurança alimentar tem se agravado no Brasil, e a fome está ainda mais presente na vida dos brasileiros em 2022”.

A Organização Não-Governamental (ONG) alerta que segundo dados do novo Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia de Covid-19 no Brasil, apenas 4 entre 10 famílias conseguem acesso pleno à alimentação no país e que a fome já atinge 33,1 milhões de pessoas. Os dados do novo relatório, elaborado pela rede Penssan, com apoio da Oxfam Brasil e de outras organizações, mostram que a situação piorou muito desde a publicação dos primeiros dados, em 2021<sup>30</sup>. De acordo com o relatório, esse aumento decorre do aprofundamento da crise econômica, do agravamento da pandemia de covid-19, que levou vidas e empregos e do desmonte de políticas públicas que buscavam reduzir as desigualdades sociais da população<sup>31</sup>.

De acordo com a Rede Pensam, a pobreza/insegurança alimentar é maior entre “as famílias chefiadas por mulheres” e entre aquelas que têm “criança pequena”. Ainda conforme a *Rede Penssam*, 6 em cada 10 domicílios liderados por mulheres apresentam algum grau de insegurança alimentar<sup>32</sup>. Isso significa

---

<sup>30</sup> Pesquisa realizada pela **Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede PENSSAN)**, com execução do Instituto Vox Populi e apoio e parceria da **Oxfam Brasil**, Ação da Cidadania, ActionAid Brasil, Fundação Friedrich Ebert Brasil, Ibirapitanga e Sesc.

<sup>31</sup> Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/especiais/olhe-para-a-fome-2022>

Acesso em 27 de out. de 2022.

<sup>32</sup> Disponível em: <https://www.brasilemfome.org.br>. Acesso em 27 de out. de 2022.

que a fome tem gênero. Dito de outro modo, mulheres e crianças enfrentam mais a fome do que outros grupos.

Em outro momento do *podcast*, na última fala de Vera Eunice (SD17), ela revela a satisfação de poder comer à vontade, lembrando a infância, quando não podia escolher o que comer. Esse efeito de sentido de falta é produzido por “comida nunca foi suficiente pra dizer ‘estou cheio, estou satisfeito’”. Para ela, “comer até encher” é uma das “melhores coisas da vida”.

Há, no discurso, um recorte temporal, marcado por “hoje, hoje, atualmente” e “no tempo em que eu morava com minha mãe”, que marca a mudança de vida de Vera Eunice, bem como sua relação com a comida.

SD 17: VERA EUNICE: Hoje, hoje, atualmente eu sempre digo, uma das melhores coisas da vida é poder comer, e comer até encher, porque no tempo que eu morava com minha mãe, a gente comia o que tinha. E comida nunca foi suficiente pra dizer “estou cheio, estou satisfeito”.

Antes dessa última fala de Vera Eunice, a jornalista Luciana Barreto define o que é “insegurança alimentar” e traz, para o fio do discurso, uma pesquisa realizada pelo Datafolha, em 2021. Os dados apontavam que a maioria dos moradores das favelas brasileiras não faz nem duas refeições por dia. Conforme a jornalista, isso significa, “literalmente escolher entre o almoço e a janta”.

Nessa SD, podemos observar que ela estabelece a diferença entre insegurança alimentar moderada, que segundo ela, cresceu muito durante a pandemia e é caracterizada pela “redução da quantidade de alimentos que os adultos de uma casa consomem e pela ruptura do padrão de alimentação” e a insegurança alimentar leve, vivenciada por aqueles que ainda tem o que comer, mas não sabem sobre o futuro.

SD18: LUCIANA BARRETO: A insegurança alimentar moderada, que tá a um passinho dessa situação também cresceu muito durante a pandemia. Ela é caracterizada principalmente pela redução da quantidade de alimentos que os adultos de uma casa consomem e pela ruptura do padrão de alimentação. Uma pesquisa do Datafolha, divulgada no começo desse ano, mostrou o que isso significa, na prática. Eles entrevistaram moradores de 76 favelas no Brasil e concluíram que em média, essas pessoas não comem nem duas refeições por dia. É literalmente escolher comer entre o almoço e a janta. Para completar, a insegurança alimentar leve é como conviver com o

fantasma da fome sempre à espreita, quem vivencia essa situação ainda tem o que comer no presente, mas o medo de faltar comida na mesa é constante.

Em 2020, no início da pandemia no Brasil, apesar de o Governo Federal ter anunciado um auxílio no valor médio de R\$ 191, para pessoas em vulnerabilidade social, por apenas quatro meses, o Congresso Nacional, após intensa mobilização dos setores da sociedade civil, aprovou o “auxílio emergencial” no valor de R\$ 600 por trabalhador. Nas casas com dois ou mais trabalhadores e com mães chefes de família esse valor chegou até R\$ 1.200. O direito foi assegurado à ampla parcela de trabalhadores(as) incluindo autônomos, informais, MEIs e desempregados com renda mensal de até três salários mínimos ou com renda per capita de até  $\frac{1}{2}$  salário mínimo<sup>33</sup>.

O Auxílio Emergencial (antes Bolsa Família), como foi designado, beneficiou cerca de 68 milhões de pessoas e mesmo não tendo alcançado boa parte da população, foi fundamental para assegurar a sobrevivência das pessoas mais vulneráveis da sociedade brasileira. No entanto, não foi capaz de erradicar a fome.

Na sequência (SD19), a jornalista Luciana Barreto comenta que as pessoas que comem pouco ou que vivem em algum grau de insegurança alimentar comem “mal, muito mal” e dá voz a Tereza Campello, economista e professora titular da Cátedra Josué de Castro, da Faculdade de Saúde Pública, da USP, que esteve à frente da pasta de Desenvolvimento Social e Combate à fome entre 2011 e 2016. Essa pasta tinha como objetivo desenvolver políticas públicas de combate à fome e erradicar a extrema pobreza no país, o que vinha sendo feito por meio do plano Brasil Sem Miséria.

A pergunta a ser respondida por Tereza Campello foi: “o que é que nos recolocou nos trilhos de volta ao mapa da fome?”

SD 19 TEREZA CAMPELLO: Talvez para responder essa pergunta, um gancho de como nós saímos possa nos dar uma luz, porque o Brasil historicamente vinha sendo marcado por ser um país de fome, onde uma parcela da sua população passava fome e de certa forma isso era naturalizado, simplificado. Então, “A fome sempre existiu”, “Ah,

<sup>33</sup> Disponível em: [https://ibase.br/2021/03/15/auxilio-emergencial-precisa-corresponder-a-realidade/opinioao/?qclid=CjwKCAiAxP2eBhBiEiwA5puhNZO7GqLTGF4Ik9JYi9Ws8aojbgbp7tIFRdSy7SjebvYWKn2gzedBZxoCfi0QAvD\\_BwE](https://ibase.br/2021/03/15/auxilio-emergencial-precisa-corresponder-a-realidade/opinioao/?qclid=CjwKCAiAxP2eBhBiEiwA5puhNZO7GqLTGF4Ik9JYi9Ws8aojbgbp7tIFRdSy7SjebvYWKn2gzedBZxoCfi0QAvD_BwE) Acesso em 04 de fev. de 2023.

é por conta da preguiça", " é por conta da seca". Então, algumas explicações eram dadas e se tratava como natural ter fome, apesar de o Brasil ser um grande produtor de alimentos, então a gente vivia com esse paradoxo.

Conforme a ex ministra, para pensar o presente é necessário olhar para o passado. Nesse sentido, ela diz que, apesar de o país ser um grande produtor de alimentos, vinha sendo marcado por ser um país de fome, mas que isso era naturalizado. Ela cita alguns pré-construídos acerca da fome no Brasil "A fome sempre existiu", "Ah, é por conta da preguiça", " é por conta da seca".

Para responder à pergunta, a economista cita o conjunto de políticas públicas voltadas ao combate da pobreza e da fome efetivadas nos governos de Lula e de Dilma Rousseff, que em menos de dez anos, segundo os dados da Organização para a Alimentação e a Agricultura (FAO), conseguiram reduzir em 82% o índice da subalimentação e o quadro de fome.

Isso aconteceu por conta de algumas razões: a) não naturalizar a fome e assumir que ela era um problema; o desenvolvimento de um conjunto de políticas públicas voltadas a ela; criação do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; criação de agenda pública para dizer que era um problema e precisava ser combatido. Conforme a ex-ministra, quando tudo isso deixou de ser prioridade do governo, a fome e a insegurança alimentar voltaram a crescer no país; b) A segunda grande questão e a mais importante de todas é que a população passava fome não porque não tinha comida no Brasil, mas porque não tinha acesso ao alimento, porque não tinha renda.

A partir dessa compreensão, um conjunto de políticas de acesso à renda foi implementado, no governo Lula, como a criação do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), criado em janeiro de 2004, com o objetivo de promover a inclusão social, a segurança alimentar, a assistência integral e uma renda mínima de cidadania às famílias que viviam em situação de pobreza.

Para isso, o órgão implementou inúmeros programas e políticas públicas de desenvolvimento social nas três esferas de Governo, em parceria com instituições da sociedade civil, organismos internacionais e instituições de financiamento. Essa articulação estabeleceu uma sólida rede de proteção e

promoção social que quebrou o ciclo de pobreza e promoveu a conquista da cidadania nas comunidades brasileiras<sup>34</sup>.

Segundo ela, as políticas públicas desenvolvidas pelo primeiro governo de Lula, como a criação do Bolsa Família, a geração de 20 milhões de empregos formais, com carteira assinada e o aumento do salário mínimo possibilitaram que o Brasil saísse do Mapa da Fome.

Num tom de denúncia, diz que a desvalorização dessas políticas públicas e a reforma trabalhista implementada por Jair Bolsonaro, que jogou boa parte dos trabalhadores na informalidade, foram os responsáveis pelo aumento da insegurança alimentar. Para a ex-ministra, a informalidade leva o trabalhador de volta à insegurança alimentar, pois ele nunca sabe se terá trabalho e, por conseguinte, comida na mesa.

SD20: TEREZA CAMPELLO: Essas três questões que garantiram acesso à renda elas foram não só desvalorizadas, deixou de ter um aumento do salário mínimo acima da inflação. Segunda questão, toda reforma trabalhista que jogou uma parcela da população na informalidade. Que mostram que hoje os brasileiros estão em insegurança alimentar. Aliás, um dado que não foi divulgado pra ninguém, vocês vão ser um dos primeiros a saber disso aqui nessa nossa conversa, está na informalidade. O trabalhador informal está numa situação de insegurança alimentar quatro vezes maior do que quem está no emprego com carteira assinada. Isso mostra que essa ideia de jogar as pessoas na informalidade, né, ter um trabalho precário não é bom para o trabalhador. Ele ganha menos, ele tem menos segurança.

Ainda de acordo com Tereza Campello, o Brasil voltou a figurar no Mapa da Fome não por causa da pandemia de COVID19, porque isso já vinha acontecendo, paulatinamente, desde 2016, mas teria se acentuado em 2017 e 2018, por conta do desmonte e sucateamento das políticas públicas. Outra questão apontada por ela, foi o fim dos programas voltados para a agricultura familiar, que é “quem produz a comida de verdade” e o desaparecimento de aquisição de alimentos, do programa de cisternas, a diluição do PRONAF<sup>35</sup>, que

<sup>34</sup> Disponível: <http://www.abc.gov.br/training/informacoes/InstituicaoMDS.aspx> Acesso em 03 de fev. de 2023.

<sup>35</sup> PRONAF é a sigla de Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar. Disponível em: <https://www.bndes.gov.br> acesso em 20 de fev de 2023.

visava fortalecer o pequeno agricultor e, por fim, a extinção do Ministério do Desenvolvimento Agrário.

Para a jornalista, esse desmonte das políticas públicas formam um cenário “desolador”. Ela justifica que usou essa palavra porque, na época, o governo federal não dava sinais de mudar a situação. Conforme ela, “a gente não consegue ver um caminho bem traçado e bem trilhado para combater esses pontos”. Sobre isso, é importante lembrar, que no auge da pandemia, quando a recomendação era “ficar em casa”, Jair Bolsonaro, incentivava a população a continuar trabalhando, segundo ele, “porque o país não podia parar”.

Tereza Campello concorda com a jornalista e diz que “as pessoas não se dão conta”, que são “117 milhões de brasileiros que não têm acesso ao alimento ou em quantidade ou em qualidade e que isso soma mais da metade da população brasileira.

Na sequência, a jornalista pergunta à economista como a fome se distribui regionalmente no país. A SD 21 mostra a resposta da economista e ex-ministra Tereza Campello,

SD 21: TEREZA CAMPELLO: O percentual da população em insegurança e em fome é maior no Nordeste, mas se a gente olhar os números absolutos, eles são iguais. A população do nordeste, sul e sudeste os números absolutos da população que está em insegurança alimentar é igual. Agora, a gente sabe que essa fome também tem cor, né? Em geral, quem está em insegurança alimentar, em pobreza é a população negra. Essa pobreza é maior quando a gente olha as famílias. Então, as famílias chefiadas por mulheres, e as famílias que têm criança pequena, tem a situação de insegurança alimentar mais grave que as demais. Então, a fome tem cor e tem esse lado da desproteção das mulheres e das crianças.

A primeira afirmação, “a gente sabe que essa fome também tem cor, né?”, ressoa, pelo funcionamento da memória discursiva, sentidos referentes à parcela da população que mais comumente passa fome: a população negra, que mesmo após a abolição, continuou a ter direitos básicos vilipendiados. Isso porque, ao se referir à fome, atribuindo uma característica, a da cor, a fome passa a ser elemento constitutivo do sujeito negro, sentido reforçado por: “quem está em insegurança alimentar, em pobreza é a população negra”.

O que o discurso não deixa apagar é que ao longo da História, os negros sempre foram atingidos pelas raízes do racismo, traduzidas pela falta de

emprego digno, do acesso à educação de qualidade e, como discursivizado nessa SD, pela falta do que comer.

Conta a história, que nos navios negreiros, a alimentação se restringia a pequenas porções de farinha e de carne seca e um pouco de água potável, rara até mesmo para a tripulação. Chegando ao Brasil, nas propriedades mais abastadas, em geral, os escravos comiam, feijão, carne seca ou toucinho e frutas, como bananas e laranjas, não porque os senhores fossem generosos, mas para evitar o escorbuto, doença causada pela falta de vitamina C, no organismo. Como se pode verificar, a fome e a insegurança alimentar são uma herança histórica da colonização para as populações negras, no Brasil.

Ao afirmar “a gente sabe que essa fome também tem cor, né?”, a entrevistada convoca dizeres sobre o passado da população negra, isto é, faz retornar, no eixo da formulação, discursos sobre as heranças da escravidão, cantada em poemas de Castro Alves e em tantas outras discursividades que circulam em nosso meio e que perpassam a história do Brasil. O que o sujeito materializa em seu discurso são dizeres sobre a fome a qual está submetida, em especial, a população negra. Isso significa que a fome tem cor. No entanto, ao formular o discurso, o sujeito, de maneira inconsciente, se esquece de que este dizer já foi dito, mas reverbera em sua prática discursiva.

Na SD 22, Tereza Campello diz ser necessário discutir as questões postas por ela, não apenas para denunciar, mas para que as políticas públicas de combate à fome voltem a vigorar. Segundo ela, é necessário desmistificar a imagem de que o brasileiro passa fome porque é preguiçoso. Há, nas palavras da economista um tom de ironia, quando diz “Tinha caído pela metade o número de preguiçosos e depois voltou a aumentar. Por que será?”.

O que ressoa, no discurso de Tereza Campello, é que a criação de políticas públicas que visem a acabar com a fome no país é um problema do Estado e não é resultado da preguiça do brasileiro. Esse imaginário de que o brasileiro é preguiçoso ainda ressoa até mesmo dentro do nosso país, quando, por exemplo, circulam discursos de que “o baiano é preguiçoso” ou que o “nordestino não gosta de trabalhar”. Talvez esses discursos ainda circulem, porque essas regiões sejam as mais afetadas pela falta de políticas públicas para acabar com a miséria e não por ser uma característica peculiar dos habitantes dessas regiões.

No seu discurso, Tereza Campello reitera inúmeras vezes que são necessárias políticas públicas que visem a atacar diretamente os problemas por ela elencados, como o aumento do salário mínimo, a criação de mais empregos com carteira assinada, a valorização da agricultura familiar, entre outros.

SD22: TEREZA CAMPELLO: Então, esse é um aspecto que a gente tem que trazer pra cima da mesa pra poder fazer políticas, não só denunciar, mas reivindicar, que as políticas que tiraram o Brasil do Mapa da fome elas têm que voltar. Sair do mapa da fome, mostra pra gente, pra mim o que é mais relevante, é que aquilo que se dizia eram os motivos da fome, não é verdade, você vê porque se dizia que a população era preguiçosa. Quem tá passando fome é porque não trabalha porque é preguiçoso. Tinha caído pela metade o número de preguiçosos e depois voltou a aumentar. Por que será? Lógico que não é isso. Então, mostra que é possível combater a fome. Eu acho que essa é a grande questão que está colocada. Nós temos que reivindicar que essas políticas públicas voltem a funcionar, para que a gente possa reverter esse quadro.

Na SD 23, Luciana Barreto corrobora a necessidade de políticas públicas para, pelo menos, amenizar o problema da fome e da insegurança alimentar no país e cita as ações realizadas pela comunidade, em geral, para amenizá-las. No entanto, de acordo com ela, “as campanhas de solidariedade não vão resolver esse problema”, porque são “ações pontuais”. Ao se posicionar e corroborar o discurso de Tereza Campello, a jornalista se identifica com a posição política-ideológica da ex-ministra, que culpa a falta de políticas públicas do governo de Jair Bolsonaro para diminuir a fome e a insegurança alimentar.

Para produzir o efeito de sentido de que o combate à fome e à insegurança alimentar se faz urgente, cita novamente a pesquisa da Data Favela, já mencionada no início do *podcast* e segundo a qual, as pessoas que vivem nas favelas precisam decidir qual das refeições diárias vai fazer.

O Data Favela é um instituto de pesquisa fundado em novembro de 2013, no Rio de Janeiro, por Celso Athayde, fundador da Central Única das Favelas, e Renato Meirelles, presidente do Data Popular cujo principal objetivo é a atividade econômica das favelas brasileiras. Uma das suas ações é estudar o comportamento e as formas de consumo de seus moradores, para identificar oportunidades de negócios para quem deseja desenvolvê-los nesse espaço, sejam empreendedores da própria comunidade ou externas a elas. No que se refere ao alcance social, o Data Favela treina os próprios moradores das favelas para abrir o seu próprio negócio e assim poder melhorar sua qualidade de vida.



O que fica patente, nessa SD, é que assim como Tereza Campello, a jornalista defende que apenas a solidariedade não irá acabar com a fome e a insegurança alimentar, mas são necessárias políticas públicas para efetivamente resolver o problema.

SD23: LUCIANA BARRETO: Políticas públicas são o combate persistente à fome. Nesse momento, a gente vê movimentações pontuais. Pessoas que distribuem cestas básicas, especialmente nas grandes cidades. Tem até uma pesquisa do Data Favela que foi divulgada no começo do ano que mostrou o que significa isso na prática, que entrevistaram moradores de 76 favelas do Brasil e concluíram que em média essas pessoas não comem nem duas refeições por dia. Literalmente, escolhem entre o almoço e a janta. Não necessariamente e pontualmente o que se faz agora, as campanhas de solidariedade não vão resolver esse problema.

Na sequência (SD24), Tereza Campello admite que as campanhas solidárias são essenciais, mas que não são efetivas. De acordo com ela, trata-se de “enxugar gelo” e que isso significa jogar nos ombros da população pobre a responsabilidade de um problema que é social. Conforme ela, a filantropia é fundamental, mas o problema da fome e da insegurança alimentar é do Estado. Ainda de acordo com ela, ações pontuais apenas amenizam, mas não resolvem um problema que é “estrutural”. O que ressoa por meio dessa palavra é que, nas favelas, a fome e a insegurança alimentar são mais sentidas. Isso não significa que não haja fome em outros lugares, mas que nesses lugares, ela é mais recorrente, por que há má distribuição de renda e maior déficit habitacional.

Desse modo, as ações que convocam a população a ajudar no combate à fome e à desigualdade social são importantes, mas não dão conta de resolver um problema que é “estrutural” e que diz respeito ao Estado que falta e falha. E se posiciona contra o governo Bolsonaro quando diz “Então assim não dá certo”.

Ao dizer que “o Brasil já provou para o mundo que “é possível sim superar uma situação de fome e de insegurança alimentar”, faz retornar, no fio do discurso, sentidos sobre as políticas públicas de governos anteriores, que apesar de não terem acabado com o problema, ao menos tiraram muitos brasileiros do Mapa da Fome.

Na sua fala, Tereza Campello, estabelece uma diferença entre fome e insegurança alimentar. Para ela, para uma vida digna, não é necessário apenas comer, mas comer com qualidade e quantidade suficientes.

SD24TEREZA CAMPELLO: Exatamente, é fundamental o que está acontecendo. A população se solidariza e inclusive a população pobre, a periferia. Parcela do que tá acontecendo, os movimentos de solidariedade são entre a própria população pobre. Agora, isso não só é enxugar gelo, mas é jogar nos ombros da população, a própria população pobre tem essa responsabilidade. Então, primeiro, ações pontuais como você colocou ações focalizadas não vão resolver o problema de modo estrutural e o que nós precisamos são políticas públicas. Essas ações são fundamentais. A filantropia é fundamental, mas a responsabilidade tem que ser do estado. A responsabilidade tem que ser pública. Isso já funcionou, né? Então, assim não dá certo, o Brasil provou pro mundo que é possível sim superar uma situação de fome e de insegurança alimentar. É porque não é só comer mal, não é só comer menos do que seria o necessário, mas também comer com a qualidade e quantidade insuficiente.

Na sequência, lembra que o auxílio emergencial de R\$600 pago pelo Estado não foi suficiente para que a população pobre conseguisse (sobre)viver durante o período pandêmico. De acordo com o *site* da CNN Brasil, 40 produtos básicos sofreram aumento de preço, em média, de 29,44% acima da inflação entre abril de 2020 e outubro de 2021, de acordo com os cálculos do Instituto de Planejamento e Tributação (IBPT).

Nesse período, a inflação acumulou alta de 12, 53%, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Segundo a pesquisa, o principal vilão foi a carne bovina, com um aumento de 146, 23%<sup>36</sup>, o que talvez explique as cenas que vimos pela mídia, de pessoas “catando” ossos nos caminhões que os levariam para as fábricas de sabão e de ração animal.

O gás de cozinha, citado pela economista, também teve um aumento expressivo (quase 50%) durante a pandemia, o que levou pessoas de baixa renda a voltarem a cozinhar em trempes e/ou fogões improvisados com tijolos, nos fundos das casas.

SD25: TEREZA CAMPELLO: Então, o que tá acontecendo, que é uma outra questão que eu acho importante lembrar aqui, Luciana é o aumento do preço dos alimentos. Aumentou o preço do feijão, do arroz, da cebola e do óleo. Então, quando a gente lutava pelos 600 reais, que é o auxílio emergencial. O valor de 600 reais era um valor de março do ano passado. Hoje, depois desse aumento gigantesco, inclusive do gás de cozinha, esses 600 reais sequer seriam suficientes e não só tinha caído pela metade, outubro, novembro e dezembro, como foi interrompido ao longo de quatro meses. A população passou quatro meses, se a gente for fazer essa pesquisa agora, tanto a pesquisa do Data Favela, quanto a pesquisa do PENSSAN. A gente vai ver que a situação hoje, provavelmente, é muito mais dramática.

<sup>36</sup> Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/precos-de-produtos-basicos-cresceram-acima-da-inflacao-durante-a-pandemia-diz-ibpt/> Acesso em 03 de fev. de 2023.

Conforme a economista, o auxílio emergencial foi insuficiente para que as pessoas conseguissem suprir suas necessidades básicas, como alimentar-se adequadamente e cozinhar. Cabe lembrar, que o Auxílio Brasil, voltou a ser chamado de Bolsa Família, no Governo Lula e deverá voltar a ser pago em meados de 2023.

A segunda entrevistada é a advogada Valéria Burity, atual secretária pela FIAN Brasil, organização que defende o direito humano à alimentação e à nutrição adequadas. A FIAN Internacional foi fundada em 1986 e está presente em cerca de 50 países, com seções, coordenações e grupos-semente consolidados em diversos países como Alemanha, Áustria, Bélgica, Brasil, Burkina Faso, Colômbia, Equador, Filipinas, Gana, Honduras, Índia, Indonésia, México, Nepal, Paraguai, Suécia, Suíça e Zâmbia.

Em 30 anos de história, a FIAN trabalhou diretamente com mais de 700 casos ao redor do planeta, assessorando agricultores/as familiares, povos e comunidades tradicionais e movimentos populares na busca pela realização dos direitos humanos, em especial, do Direito Humano à Alimentação e à Nutrição Adequadas (Dhana)<sup>37</sup>.

O braço brasileiro da FIAN foi fundado em 2000 e desde 2015, tem Brasília como sua sede. Ao longo dos anos, a FIAN Brasil vem lutando por direitos já assegurados por lei, junto aos povos em situação de vulnerabilidade social, como quilombolas e indígenas, entre outros. A organização compreende que grande parte da fome e da desnutrição existentes no país não tem relação com a escassez de alimentos ou com a limitação geral de recursos, mas resultam “de relações e estruturas sociais altamente desiguais que violam **o direito humano à alimentação e à nutrição adequadas (Dhana)**”<sup>38</sup>.

A pergunta dirigida à Valéria Burity, por Luciana Barreto, é se as pessoas que vivem a insegurança leve ou moderada podem ser vítimas da fome invisível já descrita por Josué de Castro. Para responder, Valéria Buriti (SD26), traz, para o fio do discurso, o termo *fome invisível* ou oculta, para se referir à carência de micronutrientes na alimentação, que afeta mais de 2 bilhões de pessoas, no

---

<sup>37</sup> Disponível em: <https://fianbrasil.org.br/fian-internacional/#> Acesso em 03 de fev, de 2023.

<sup>38</sup> Disponível em: <https://fianbrasil.org.br/fian-no-brasil/> Acesso em 03 de fev. de 2023.

mundo, de acordo com um relatório publicado em 2014, pelo Instituto Nacional de Pesquisas sobre Alimentação (IFPRI)<sup>39</sup>.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde e o Relatório Global de Nutrição, o termo *fome oculta* se caracteriza pela deficiência silenciosa de vitaminas e nutrientes presentes nos alimentos, originando doenças crônicas como câncer, diabetes, enfermidades ósseas entre outros malefícios. Portanto, como o próprio nome indica, a fome invisível ou oculta é um distúrbio alimentar que tem como principais alvos as crianças e os idosos e nem sempre apresenta sintomas aparentes.

Relacionada à má nutrição e à deficiência de micronutrientes, vitaminas e minerais, como o zinco, o ferro e o iodo, a fome oculta/invisível causa impactos negativos na saúde e na produtividade das pessoas e nem sempre tem relação direta com o peso corporal, tanto que pessoas com sobrepeso ou obesas não estão livres desse tipo de fome.

A entrevistada reafirma a distinção proposta pelo autor do livro “Geografia da Fome”, entre a fome total, que existe nas regiões que são afetadas pela extrema miséria e a fome parcial ou oculta, marcada pela falta de acesso aos alimentos importantes para a nutrição saudável e para a saúde como um todo. Esse sentido é reforçado pela expressão “viver em plenitude”.

Valéria entremeia, ao seu discurso, as palavras de Josué de Castro, que funcionam como discurso de autoridade, já que ele conhecia bem a realidade brasileira quando escreveu o Geografia da Fome, há mais de 70 anos. Para ela, a fome invisível ou oculta é uma “ação que mata lentamente mesmo as pessoas que conseguem comer todos os dias”.

Note-se que desde a publicação do Geografia da Fome, a situação pouco mudou, pois a fome oculta/invisível continua fazendo suas vítimas. Além disso, esse discurso faz cair por terra o argumento do ex presidente Jair Bolsonaro, para quem, somente aqueles que têm um “físico esquelético” têm fome. O que funciona, no discurso, é uma total desidentificação entre o discurso do ex-presidente da república e da ex-secretária da FIAN.

---

<sup>39</sup> Disponível em: [http://cristinatrovo.com.br/podcast/fome-invisivel#:~:text=%22Fome%20invis%C3%ADvel!%22%2C%20uma%20condi%C3%A7%C3%A3o,sobre%20a%20Alimenta%C3%A7%C3%A3o%20\(IFPRI\)](http://cristinatrovo.com.br/podcast/fome-invisivel#:~:text=%22Fome%20invis%C3%ADvel!%22%2C%20uma%20condi%C3%A7%C3%A3o,sobre%20a%20Alimenta%C3%A7%C3%A3o%20(IFPRI).). Acesso em 03 de fev. de 2023.

Ao destacar que a fome oculta assola o país e, de modo invisível, atinge tantas famílias, a economista utiliza a expressão “e aí”, sinalizando para uma conclusão, isto é, ela concorda com Josué de Castro, quando ele afirma que as pessoas que vivem em restrição de quantidade e qualidade de alimentos podem sofrer com a *fome oculta/invisível*.

SD26: VALERIA BURITY: Sim, achei super importante vocês trazerem esse ponto da fome invisível, ou oculta. De fato Josué de Castro ele olha para essa fome total, que é essa fome presente nas regiões que são afetadas por extrema miséria, mas ele também olha para o que ele chama de fome parcial, fome oculta, que é essa fome marcada pela falta de acesso a alimentos que são nutritivos, que vão garantir que o corpo aproveite o alimento e fique cheio de saúde, que as pessoas possam viver a vida em plenitude. Então, quando ele fala de fome oculta ele fala dessa ação que mata lentamente mesmo as pessoas que conseguem comer todos os dias. E aí, isso faz a gente afirmar que pessoas que vivem em insegurança alimentar leve ou moderada, que tem medo de passar fome e que de fato tem que restringir a quantidade e qualidade dos alimentos elas podem sim sofrer de fome oculta e fome invisível.

Na SD27, a advogada e ex-secretária da FIAN continua a falar sobre a fome oculta, que castiga os lares brasileiros. Para produzir o efeito de sentido de verdade, cita uma pesquisa realizada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), que aponta que para alimentar “de forma segura” uma família de quatro pessoas, o valor da cesta básica deveria girar em torno de 5.300 reais. No entanto, em 2021, o valor da cesta básica variou entre R\$ 690,51 (São Paulo) e R\$ 480,05 (Aracaju)<sup>40</sup>.

Um dos objetivos do DIEESE é realizar pesquisas mensais acerca do aumento de preço dos alimentos que compõem a cesta básica nas diferentes capitais do país, a fim de balizar quantas horas diárias de trabalho são necessárias para que uma pessoa que recebe salário mínimo possa arcar com os custos dos alimentos.

Em Nota à Imprensa, em 07 de janeiro de 2022, o DIEESE divulgou que, em 2021, o valor da cesta básica aumentou em 17 capitais e que “as altas mais expressivas, quando se compara dezembro de 2020 com o mesmo mês de 2021,

---

<sup>40</sup> Disponível em: <https://www.dieese.org.br/analisecestabasica/2021/202112cestabasica.pdf>  
Acesso em 05 de fev. de 2023.

foram registradas em Curitiba (16,30%), Natal (15,42%), Recife (13,42%), Florianópolis (12,02%) e Campo Grande (11,26%)<sup>41</sup>”.

A Cesta Básica Nacional é uma lista formada por 13 produtos (carne, arroz, tomate, banana, feijão, açúcar, manteiga, leite, pão, café, óleo, batata e farinha) considerados fundamentais para a subsistência de uma pessoa durante um mês, assim como a quantidade necessária de cada um deles. No entanto, a quantidade desses itens pode variar de acordo com os hábitos alimentares das diferentes regiões do país.

Regulamentada pelo decreto nº 399, do governo federal, de 30 de abril de 1938, a cesta básica nacional foi criada na mesma época em que os trabalhadores brasileiros travavam lutas por direitos. O objetivo principal era fazer com que ela servisse de referência para definir o valor anual do salário mínimo, que deveria ser suficiente para que o trabalhador pudesse arcar com despesas básicas, como alimentação, saúde, educação e moradia.

Importante mencionar que Valéria Burity ocupou o cargo de secretária geral da FIAN por oito anos e assumiu, recentemente, a Secretaria Extraordinária de Combate à Fome do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS), do novo governo Lula.

Conforme o site da FIAN Brasil, neste momento, em que o número de pessoas que passam fome é assustador, Valéria irá gerir o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Sisan) e facilitar as articulações necessárias para a integração da Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional<sup>42</sup>, conduzindo assim, uma agenda urgente e necessária para a garantia do direito humano à alimentação.

SD27: VALÉRIA BURITY: Só mais um dado importante sobre essa questão da fome oculta, o DIEESE por exemplo, ele pegando o valor ali da cesta básica que tenha o valor mais caro, como Florianópolis por exemplo, ele afirma que para uma família de quatro pessoas possam comer de forma segura precisaria de pelo menos 5.300 reais.

<sup>41</sup> Disponível em: <https://www.dieese.org.br/analisecestabasica/2021/202112cestabasica.pdf>  
Acesso em 05 de fev. de 2023.

<sup>42</sup> Disponível em: <https://fianbrasil.org.br/tag/valeria-burity/> Acesso em 15 de fev. de 2023.

A fala de Valéria Burity (SD28) é entrecortada pela voz da jornalista que, em tom de denúncia, diz que “e a gente tá muito longe disso, né?” produzindo o efeito de sentido de que o valor da cesta básica está muito aquém do que deveria estar. Para responder a pergunta, Valéria retoma a voz de Luciana Barreto e diz que “a gente tá bem longe disso” e “a gente está bem distante disso”, referindo-se ao valor da cesta básica que deveria ser de R\$5.300.

Para produzir efeitos de sentido de que o problema é abissal, Valéria faz retornar no fio do discurso, números que revelam a quantidade de pessoas que vivem em condição de pobreza e de extrema pobreza.

SD28: VALÉRIA BURITY: A gente tá muito longe disso, ainda mais em um contexto de pandemia, que há mais de 61 milhões de pessoas que vão viver na pobreza. Mais de 19 milhões de pessoas na extrema pobreza. Então, a gente tá bem distante disso.

Cabe lembrar que os termos “pobreza” e “extrema pobreza” são utilizados para nomear famílias de baixa renda. No entanto, têm significados diferentes e que foram cristalizados no governo de Jair Bolsonaro, que em 05/11/2011, assinou um decreto, apontando essas diferenças. De acordo com o documento oficial, uma família vive em condição de pobreza, quando a renda *per capita* é de até R\$200 e em extrema pobreza quando essa renda é de até R\$100.

O que ela não diz, mas que significa nas suas palavras, é que o estar distante de uma alimentação digna é uma consequência não apenas da pandemia de COVID19, mas também de um da falta de políticas públicas para ao menos amenizar a fome.

Na sequência, a jornalista afirma que aumentou muito a quantidade de pessoas que moram nas ruas, e que a pandemia, é apenas uma das causas para isso. Essas pessoas que moram nas ruas, segundo ela, não entram nas estatísticas de fome do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). A pergunta a ser respondida por Valéria Burity é: “há mais gente passando fome do que as estatísticas apontam?”

SD29: VALERIA BURITY: Eu acredito que sim, pois as últimas pesquisas, que usam a EBIA, que é a Escala Brasileira de Insegurança Alimentar, você falou, e ela se baseia nos números de domicílios. E aí a gente tem aí uma população que está na rua. Eu acho que o último dado que a gente tem que é do IPEA também aponta que

tá crescendo o número da população em situação de rua, cresceu 140% de março de 2012 a março de 2020, a gente tem mais de 220 mil pessoas em situação de rua e acredito que com o aumento da pobreza, recém saiu um estudo da USP que fala que tá aumentando também com muita força que a gente tenha aí mais de 61 milhões na pobreza e mais de 19 milhões na extrema pobreza e acredito que vai aumentar, porque a população de rua fica fora dessa pesquisa.

Para a ex secretária da FIAN, há sim, mais gente passando fome no país, porque a população em situação de rua não entra na estatística de fome levantada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Com isso, os dados das pesquisas são obtidos a partir dos domicílios, ou seja, se a população em situação de rua não entra no EBIA (Escala Brasileira de Insegurança Alimentar) por exemplo, ficando fora da pesquisa, os dados dos sujeitos que passam fome são ainda mais alarmantes.

Para produzir o efeito de sentido de verdade, cita ainda, uma pesquisa do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), fundação pública federal vinculada ao Ministério do Planejamento e Orçamento e cujas pesquisas fornecem suporte técnico e institucional às ações governamentais para a formulação e reformulação de políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiros. De acordo com a pesquisa, a população em situação de rua cresceu 140% entre março de 2012 a março de 2020<sup>43</sup>. De acordo com esses números, seriam aproximadamente 200 mil pessoas em situação de rua. Cita ainda, uma pesquisa da Universidade São Paulo, de acordo com a qual havia mais de 61 milhões de pessoas na pobreza e mais de 19 milhões na extrema pobreza e que esses números poderiam aumentar, porque a população de rua não está computada nesses números.

O apagamento desses corpos dos sujeitos que não possuem moradia, causa um efeito de invisibilidade e descaso com a própria existência humana. Nesses casos, o Estado falta quando não proporciona condições dignas de moradia e alimentação e falha quando nem mesmo consegue contar quantas são as pessoas que passam fome nas ruas das grandes ou pequenas cidades.

Ao passo que é alarmante haver tantas pessoas em situação de insegurança alimentar, segundo as pesquisas do IBGE, se torna ainda mais

---

<sup>43</sup> Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/coluna-3/institucional-sep/quem-somos> Acesso em 15 de fev. de 2023.



grave o fato de existir uma parcela da população que não é vista e mesmo que percebida, é negada socialmente. Assim, a população em situação de rua, ao ter seus corpos invisibilizados, tem seus direitos negados socialmente, ou seja, não há a garantia para sobre(viver).

De acordo com pesquisas<sup>44</sup> realizadas em 2021, pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), cujo objetivo é garantir o desenvolvimento social e difundir o conhecimento científico, 31% das pessoas estão na rua há menos de um ano, sendo 64% por perda de moradia, renda ou trabalho. Desses números, 42,8% afirmaram que se estivessem empregados, sairiam das ruas. Portanto, é falacioso o discurso de que as pessoas moram na rua porque querem.

Na sequência, Luciana Barreto diz que estamos acostumados a “falar sobre a fome no campo, mas que não é raro ver pessoas passando fome nas cidades. A pergunta a ser respondida por Valéria Burity é se a fome na cidade já está superando a do campo.

É bastante comum ouvirmos notícias nos meios de comunicação de massa de que o Brasil vem batendo, ano após ano, recordes de produção de grãos. Em 2021, em meio à pandemia, seca e supersafra de 272 milhões de grãos, milhões de brasileiros sofreram por causa da situação de pobreza extrema e fome. Segundo a Organização Mundial do Comércio (OMC), mesmo sendo o segundo maior país exportador do mundo, cerca de três a cada quatro domicílios nas áreas rurais brasileiras (75,2%) viveram em condição de insegurança alimentar entre agosto e dezembro de 2020.

Os dados são de um estudo publicado em abril de 2021 pela Universidade Livre de Berlim, que revelaram que o percentual de domicílios enfrentando insegurança alimentar no campo ultrapassa as marcas obtidas em grandes cidades (55,7%) e a média nacional (59,4%). Para Valéria Burity, a fome e a insegurança alimentar grave são muito acentuadas no campo. Para sustentar o seu discurso, ela cita a IBEA, que analisou os dados de 2017 e 2018, de 10 milhões de pessoas que passam fome. No entanto, o aumento da fome, conforme ela, está nas cidades, porque ela está intimamente relacionada com a falta de renda, ou seja, com o desemprego, que leva ao aumento nos índices da fome no meio urbano.

---

<sup>44</sup> <https://portal.fiocruz.br/observatorio-covid-19> - Acesso em 20 de fev de 2023.

SD 30: VALERIA BURITY: Olha, a gente tem uma população grande nas cidades, mas acho muito importante a gente falar, que no rural a fome é mais acentuada. Antes da pandemia, a gente tinha a última IBEA, que pega dados de 2017 e 2018, de 10 milhões de pessoas que passam fome. Desse percentual, 4,1% estavam no urbano e 7,1% estavam no rural. Então, a insegurança alimentar grave, ela ainda é muito acentuada no meio rural, mas claro, o aumento de fome está nas cidades, porque quando a gente fala de fome, tem uma relação grande com a falta de acesso à renda. Com o número de pessoas que estão desempregadas nas cidades, a gente tem o aumento no número de fome no meio urbano.

Na sequência, Luciana Barreto pergunta à entrevistada sobre qual é o perfil racial, socioeconômico e de gênero de quem passa fome no Brasil. De acordo com ela, as “vítimas da fome” são as pessoas empobrecidas, isto é, aquelas que recebem toda a carga da desigualdade social no país.

De acordo com a Oxfam Brasil, “entende-se a desigualdade social como a **diferenciação de classes** por questões de renda, cultura, política, espaço geográfico e demais atribuições que evidenciam o favorecimento de determinadas pessoas em detrimento de outras”<sup>45</sup>.

SD 31: VALERIA BURITY: Olha, quem são as vítimas de fome são todas aquelas que recebem toda a carga de desigualdade do nosso país, como sempre. São pessoas empobrecidas. É muito importante a gente entender que quando a gente fala de fome a gente tá falando de um processo todo que falhou, seja porque as pessoas não tinham terra para produzir, ou um território de acordo com sua cultura, seja porque as pessoas não conseguem vender o que produzem ou porque não tem incentivo para produzir, especialmente pequenos e pequenas agricultores. Seja porque as pessoas não têm acesso à renda, porque essas pessoas não conseguem trabalhar. Seja porque os preços tem um valor acima do que você consegue comprar.

Nessa SD, a ex secretária da FIAN Brasil lista as causas da fome e de um processo que falhou, dentre elas, cita: a falta de terra para produzir ou de um território de acordo com a sua cultura; porque as pessoas não conseguem vender o que produzem; porque os pequenos agricultores não têm incentivo para

---

<sup>45</sup> Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/blog/entenda-as-causas-da-desigualdade-social-e-como-afeta-a-populacao/#:~:text=A%20desigualdade%20social%20por%20aqui,s%C3%B3%20agravam%20a%20desigualdade%20brasileira>. Acesso em 13 de fev. de 2023.

produzir; porque não têm acesso à renda; porque não conseguem trabalhar; porque os preços estão aquém do que podem comprar.

No Brasil, a desigualdade social é um legado da colonização ibérica, dos tempos da escravidão e da má distribuição de terras, isto é, da posse da terra pelos grandes latifundiários. Ainda de acordo com o *site* da Oxfam Brasil, “aspectos como racismo estrutural, discriminação de gênero, alta tributação de impostos e o desequilíbrio da estrutura social só agravam a desigualdade brasileira”.

A expressão adverbial comparativa de tempo “como sempre” produz sentido de que as vítimas são as mesmas desde que o país iniciou sua formação remetendo à memória da escravidão, das formações das favelas, e todo o processo de empobrecimento das pessoas. Nesse sentido, o verbo na sua forma nominal no particípio “empobrecidas” produz um efeito de sentido de uma ação sofrida e não praticada. Quem sofre a ação de empobrecer está submisso a um sistema capitalista que conduz o outro ao empobrecimento. O sujeito nesta formação discursiva, compreende as falhas das relações nas formações sociais.

Ainda com a palavra, a advogada diz que “a gente” está falando de um processo “hiper falho”, isto é, responsabiliza o Estado pela total falta de políticas públicas para erradicar a fome e a insegurança alimentar. Há, segundo ela, um “desmonte” dessas políticas públicas.

SD32: Valéria Burity: Então, a gente tá falando de um processo hiper falho e quando esse processo falha, a gente tem que ter ação de seguridade social para cobrir as falhas desse processo, que também a gente vê um desmonte em nosso país. Então, as pessoas que passam fome em nosso país, são as pessoas vítimas dessa omissão ou dessa ação direta que afeta diretamente mulheres negras, afeta povos e comunidades tradicionais, afeta os grupos empobrecidos. Todas as pesquisas antes da IBEA, antes da pandemia, indicam que os domicílios de maior vulnerabilidade em relação à insegurança alimentar são aqueles que a referência se autodenominou como negra ou parda e que são aqueles que têm a mulher como referência. Quando você vem para essa nova pesquisa que saiu, que vem a segurança alimentar realizada por pesquisadores de soberania alimentar, os dados também são esses, são as mulheres negras que são as mais afetadas pela fome, e quando também você compara as regiões, então a gente tá falando das regiões nordeste e da região norte.

Segundo o 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia de Covid-19, lançado em 08/06/2022, a fome no Brasil voltou a patamares registrados pela última vez na década de 90. Isso ocorreu

por conta do desmonte das políticas públicas no governo do ex presidente Jair Bolsonaro, ao que se somou o agravamento da crise econômica, o acirramento das desigualdades sociais e o segundo ano da pandemia. Desse modo, em 2021, o número de brasileiros que não tinham o que comer era de 19 milhões.

O estudo apontou ainda, que em comparação com 2020, os números das pessoas que viviam em insegurança alimentar aumentaram consideravelmente, tanto que mais da metade da população brasileira (58,7%) convive com algum grau de insegurança alimentar, seja ele leve, moderado ou grave<sup>46</sup>. No entanto, de acordo com Valéria Burity, “todas as pesquisas antes da IBEA, antes da pandemia, indicam que os domicílios de maior vulnerabilidade em relação à insegurança alimentar são aqueles que a referência se autodenominou como negra ou parda e que são aqueles que têm a mulher como referência”.

Ainda de acordo com o o 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia de Covid-19, lançado em 08/06/2022, a fome atinge o país de maneira desigual, especialmente nas regiões norte e nordeste. A situação também é pior entre os negros e as mulheres. Nos lares comandados por pessoas pretas e pardas há restrição alimentar em 65% das casas. Nas casas em que a mulher é a pessoa de referência, a fome passou de 11,2% para 19,3%. Essa desigualdade ocorre por conta da desigualdade salarial entre os gêneros.

Esses dizeres sobre a desigualdade social que afeta, especialmente, os lares comandados por mulheres negras ecoam no discurso de Valéria Burity. Ou seja, retornam no eixo da formulação, produzindo o efeito de sentido de que isso nunca foi dito antes, em outro lugar e independentemente.

Na sequência, a entrevistadora do *podcast* questiona a ex secretária da FIAN Brasil sobre se há um caminho para solucionar o problema da fome. Para isso, ela faz a retomada de uma fala do sociólogo Betinho de Souza: “quem tem fome tem pressa”, que ecoa sentidos sobre a urgência de saciar a fome de quem não tem o que comer, daqueles que são excluídos, marginalizados e se tornam invisíveis na sociedade capitalista.

---

<sup>46</sup> Disponível em: <https://www.psb40.org.br/noticias/fome-com-bolsonaro-33-milhoes-de-pessoas-nao-tem-o-que-comer-e-mais-da-metade-do-povo-sofre-com-inseguranca-alimentar/>  
Acesso em 14 de fev, de 2023.

A entrevistada encaminha para o fechamento, relatando acreditar que a luta por igualdade pode garantir aos sujeitos a possibilidade de terem minimamente condições de uma vida mais digna. Na SD30 há, novamente, o movimento de reafirmação da falta de políticas públicas que pensem na população que (con)vive com a fome todos os dias.

SD33: VALERIA BURITY: Olha, eu acredito que sim, reforçando Josué de Castro, né? Se a gente lutar por igualdade, a gente consegue assegurar que as pessoas tenham condições mínimas de se alimentar. Um dos caminhos de fato é o acesso à renda, o auxílio emergencial deveria ser um caminho, o governo deveria se organizar melhor para garantir isso. E políticas de transferência de renda, além de garantir o combate à fome, elas têm um efeito multiplicador, então, isso também é importante para a economia, então acho que tem um mito no Brasil, que responsabilidade fiscal é a coisa mais importante do mundo, nem que isso dê à custa da vida e da dignidade das pessoas, mas você consegue conciliar um projeto fiscal fixado com a garantia de dignidade das pessoas, mas para isso é preciso muito compromisso político, que é isso que tá faltando no nosso país, compromisso político com o povo brasileiro.

Para Valéria Burity, o caminho para minimizar ou acabar com a fome no país é o acesso à renda, isto é, o combate à desigualdade social. Esse discurso, como ela própria cita, não é novo. Como já dissemos, Josué de Castro, clássico fundador dos estudos sobre a fome, há mais de 70 anos já defendia que a fome não resulta de condições climáticas, da falta de alimentos nem do crescimento populacional, mas é resultante das ações humanas.

O discurso do escritor retorna, portanto, atualizado no fio do discurso de Valéria, que afirma que a distribuição de renda, além de garantir o combate contra a fome, faz com que a economia seja aquecida.

As políticas de transferência de renda são ações que devem/deveriam ser implementadas pelo governo, com o intuito de assegurar a sobrevivência de famílias em situação de pobreza e de pobreza extrema, por meio do acesso à renda, gerando a autonomia dessas famílias, ou como diz Valéria, garantindo a “dignidade” das pessoas.

Dentre os Programas de Transferência de Renda (PTRs) do governo federal que estão ou estiveram sob a responsabilidade do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), podem ser citados: Benefício de Prestação Continuada (BPC), Renda Mensal Vitalícia (RMV), Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), Agente Jovem, Programa Bolsa Escola

(BES), Programa Bolsa Alimentação (BAL), Auxílio-Gás, Programa Cartão Alimentação (PCA) e Programa Bolsa Família (PBF)<sup>47</sup>.

O Programa Bolsa Família (PBF) foi criado em 2003, com o objetivo de melhorar as condições socioeconômicas das famílias em condição de pobreza, ou de pobreza extrema por meio de transferência direta de renda. No governo de Jair Bolsonaro, o Bolsa Família passou a se chamar *Auxílio Brasil*, e durante a pandemia, foi pago a milhões de famílias brasileiras, que receberam em torno de R\$600,00, para ajudar nas despesas com alimentação. Cabe lembrar que a proposta inicial do governo era pagar até R\$400,00, mas o Senado Federal aprovou a quantia de até R\$600,00 por família. No entanto, essa quantia não foi suficiente para resolver o problema da fome e da insegurança alimentar de milhões de brasileiros.

Valéria Burity assinala que há um mito no Brasil de que responsabilidade fiscal importa mais do que as vidas humanas. A Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF) estabelece um conjunto de normas de finanças públicas voltadas para a responsabilidade na gestão fiscal, mediante ações para prevenir riscos e corrigir desvios que possam afetar o equilíbrio das contas públicas<sup>48</sup>.

Assim, “então acho que tem um mito no Brasil, que responsabilidade fiscal é a coisa mais importante do mundo, nem que isso se dê à custa da vida e da dignidade das pessoas”, encaminha para sentidos de que é fantasioso, isto é, não é real que a responsabilidade fiscal seja mais importante do que a vida do brasileiros. Cabe lembrar, que Dilma Rousseff foi tirada do cargo de presidenta, porque supostamente teria violado a Lei de Responsabilidade Fiscal.

Essa era a alegação de Jair Bolsonaro para não pagar a quantia determinada pelo Senado Federal. Ao incentivar a população para não parar de trabalhar mesmo na fase mais aguda da pandemia, apesar das comprovações científicas sobre a letalidade da doença e da necessidade de isolamento social, o ex-presidente dizia, em seus discursos que estava preocupado com a LRF, esquecendo-se que vidas humanas importam mais do que cifras.

---

<sup>47</sup> Disponível em:

[https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia\\_social/Cadernos/Suas\\_Evolucao\\_Recursos\\_III.pdf](https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/Suas_Evolucao_Recursos_III.pdf) Acesso em 15 de fev. de 2023.

<sup>48</sup> Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/entenda-o-assunto/lrf#:~:text=A%20Lei%20de%20Responsabilidade%20Fiscal,o%20equil%C3%ADbrio%20das%20contas%20p%C3%BAblicas>. Acesso em 15 de fev. de 2023.

A “falta de compromisso político”, termo usado pela entrevistada, ressoa a falta de comprometimento do governo com a população mais pobre e a fragilidade econômica e social na qual o país se encontrava no período em que o *podcast* foi produzido. Conforme Valéria, é necessário “conciliar um projeto fiscal fixado com a garantia de dignidade das pessoas”. Ou seja, é possível assistir a população mais pobre sem extrapolar as contas públicas, mas isso não se faz sem a “boa vontade” dos políticos.

Já encaminhando para o final do episódio, ao som de uma música de fundo, que marca o fim de um bloco de entrevista, a jornalista delimita os dois grupos que são as maiores vítimas da fome no Brasil e que, não por coincidência, foram também os que mais morreram por COVID-19. Para sustentar o que diz, cita um levantamento feito pela emissora na qual trabalha.

SD34: LUCIANA BARRETO: Negros, pobres, periféricos. Essas características conseguem resumir dois grupos de uma só vez. Aqueles mais suscetíveis à fome no Brasil e os que mais morrem pela COVID19. No ano passado, a CNN fez um levantamento e concluiu que pessoas negras morrem 40% mais que as pessoas brancas pelo vírus.

Isso significa que a pandemia não atingiu a todos da mesma forma. De acordo com Márcia Pereira Alves dos Santos, integrante do Grupo de Trabalho (GT) Racismo e Saúde da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco) e docente colaboradora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), “embora muita gente acredite que todos nós somos iguais, essa assertiva é injusta e não verdadeira. Nós somos diferentes”. Quando se olha para os dados, afirma Santos, “é fácil reconhecer que determinados grupos são afetados de forma desigual”<sup>49</sup>. Na prática, isso significa que as condições de vida de determinados grupos os tornam mais suscetíveis à doença e à morte e explica porque houve muito mais mortes entre negros, pobres e periféricos do que entre brancos, durante a pandemia de COVID-19.

Na sequência, a médica Denize Ornelas corrobora o discurso da jornalista em relação à população que mais perdeu a vida por COVID-19. De acordo com ela, o trabalho informal e a dificuldade de acesso à rede pública de saúde foram

---

<sup>49</sup> Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/podcast/negros-sao-os-que-mais-morrem-por-covid-19-e-os-que-menos-recebem-vacinas-no-brasil> Acesso em 10 de fev. de 2023.

as principais causas do grande número de mortes por COVID-19 entre a população negra.

SD35: Denise Ornelas: As pessoas negras são mais colocadas no mercado de trabalho informal, tendo muito mais dificuldades de procurar o serviço de saúde no tempo adequado, já chegando então em condições piores, são pessoas que também têm localização geográfica que não favorece a busca por hospitais, ficando em prontos socorros e centros de saúde periféricos.

De acordo com estudo publicado no *site* da faculdade de medicina da UFMG, pretos e pardos têm mais chance de ser infectados e correm maior risco de hospitalização. Citando os dados de uma pesquisa realizada pelo Instituto Polis, que analisou os casos da cidade de São Paulo entre 01 de março e 31 de julho de 2021, evidenciou-se que num universo de 100 mil pessoas, foram computadas 250 mortes de homens negros e 157 mortes de brancos. No que se refere às mulheres, foram computadas 140 mortes de mulheres negras a cada 100 mil óbitos, contra 85 mortes de mulheres brancas. Outra pesquisa feita pelo IBGE apontou que a cada dez pessoas que relataram mais de um sintoma da COVID-19, sete eram pretas ou pardas<sup>50</sup>.

De acordo com o médico infectologista e professor de Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da UFMG, Unaí Tupinambás, a explicação para essa diferença é a desigualdade social e econômica, que foi escancarada durante a pandemia. Conforme ele, “os negros e periféricos moram em condições precárias, trabalham em condições precárias, não podem fazer trabalho remoto e têm que sair de casa para ganhar o pão, pegam transporte público inadequado<sup>51</sup>”. Para o médico, essas variáveis colaboraram para que o índice de mortalidade entre a população negra e periférica fosse mais acentuado.

Ainda de acordo com o Professor Unaí Tupinambás, além das diferenças socioeconômicas, existe também o fator biológico. Ele cita um estudo do *King's College de Londres* que concluiu que as pessoas negras apresentam um risco três vezes maior de serem internadas quando infectadas pelo vírus, se

---

<sup>50</sup> Disponível em: <https://www.medicina.ufmg.br/negros-morrem-mais-pela-covid-19/> Acesso em 16 de fev. de 2023.

<sup>51</sup> Disponível em: <https://www.medicina.ufmg.br/negros-morrem-mais-pela-covid-19/> Acesso em 16 de fev. de 2023.



comparadas aos brancos. As condições socioeconômicas, a pouca renda e a alimentação inadequada/insuficiente, além da dificuldade de acesso a serviços de saúde somados aos fatores biológicos pode ser fatal, segundo o médico.

Pelo mesmo viés, na SD 36, Luciana Barreto também lembra que doenças como hipertensão e diabetes formam grupos de risco da COVID19 e também são bastante frequentes entre as pessoas negras, justamente porque elas não têm acesso a uma alimentação saudável.

SD36: LUCIANA BARRETO: Algumas comorbidades, que formam grupos de risco da COVID 19, como hipertensão e diabetes também são mais comuns entre as pessoas negras justamente por elas terem acesso desigual e mais precário à alimentação. Com tudo isso, só dá para chegar a uma conclusão: Os tempos de pandemia encurralaram ainda mais essa parcela da população. É passar fome ou se expor ao risco de um vírus.

Nessa SD, o que retorna, no fio do discurso são dizeres sobre a desigualdade social, que impacta diretamente na alimentação das pessoas em vulnerabilidade social. Como vimos mostrando neste trabalho, a fome e a insegurança alimentar aumentaram muito durante o governo de Jair Bolsonaro, “encurralando” essa parcela da população, a ponto de as pessoas precisarem “catar” restos de comida nos caminhões de lixo ou ossos que seriam destinados às fábricas de sabão e de ração animal para se alimentarem. De acordo com a jornalista, a opção era passar fome ou se expor ao risco de um vírus.

Enquanto isso, insensível à condição de pobreza e de extrema pobreza dessa parcela da população, o então presidente fortalecia laços com o agronegócio, flexibilizava a legislação ambiental, estimulando o aumento do desmatamento, das queimadas e das invasões de territórios tradicionais e promovia o desmanche das instituições e programas voltados à produção e distribuição de alimentos. Um exemplo disso é que logo no primeiro dia do seu governo, ele assinou a Medida Provisória 870, que entre outras coisas, extinguiu o Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA).

Já no final do *podcast*, Luciana Barreto diz haver um “sopro de esperança” no meio do caos que se instalou no Brasil durante a pandemia e que agravou ainda mais o problema da fome e da insegurança alimentar. Lembra também que além da crise sanitária, o desemprego também bateu à porta dos brasileiros, fazendo com que mais famílias necessitassem das políticas públicas para amenizar a fome.

SD37: Luciana Barreto: Mas ainda existe um sopro de esperança no meio de tudo isso, para ajudar principalmente aquelas pessoas que sequer puderam escolher trabalhar, já que o desemprego também é recorde. Organizações da sociedade civil, se articulam num verdadeiro cabo de guerra contra a fome. Entidades, iniciativas e projetos se multiplicam no país todo em prol da doação de alimentos e já conseguiram alimentar milhares de famílias. A campanha 'tem gente com fome', por exemplo, mapeou 222 mil famílias e arrecada doações por meio do site: [temgentecomfome.com.br](http://temgentecomfome.com.br) depois essas doações são convertidas em alimentos e distribuídas nas comunidades.

No entanto, como já mencionamos, o que se viu foi um desmonte dessas políticas públicas, que deveriam proteger a população da miséria e da doença. Não foram poucas as vezes que vimos/ouvimos o ex-presidente negando a ciência e estimulando os cidadãos a não deixarem de ir trabalhar, mesmo quando o vírus fazia centenas de mortes diárias.

De acordo com Luciana Barreto, como o Estado faltou/falhou, “Organizações da sociedade civil se articulam num verdadeiro cabo de guerra contra a fome. Entidades, iniciativas e projetos se multiplicam no país todo em prol da doação de alimentos e já conseguiram alimentar milhares de famílias”.

Dentre essas campanhas, cita a “Tem gente com fome”, lançada em 16 de março de 2021, que mapeou 222 mil famílias em situação de pobreza ou de extrema pobreza. A campanha foi uma iniciativa da Coalizão Negra por Direitos, que reúne 250 organizações, grupos e aliados do movimento negro brasileiro em todo o território nacional. O *slogan* da campanha é “Se tem Gente com Fome, Dá de Comer”, referência aos versos de Solano Trindade.

De acordo com o *site* que hospeda a campanha, a fome ainda afeta a população brasileira de forma avassaladora e após 4 anos do desmonte de políticas públicas, da pandemia de COVID-19, que tirou a vida de milhares de pessoas e continua infectando outras tantas, “ainda sofremos com mais de 10 milhões de desempregados e 33 milhões de brasileiros passando fome. A maioria, famílias negras, indígenas e quilombolas, ribeirinhas, faveladas e periféricas<sup>52</sup>”.

---

<sup>52</sup> Disponível em: <https://temgentecomfome.com.br/#block-40814> Acesso em 17 de fev. de 2023.

A SD38 traz a última fala *podcast* e pela qual a jornalista Luciana Barreto, convoca os brasileiros a se solidarizar “com essa parcela da população”, que vive em condição de pobreza e de extrema pobreza.

SD38: Luciana Barreto: Esse episódio do Entre Vozes é também um convite para que você se solidarize com essa parcela da população. A gente fica por aqui, até a próxima.

Vale ressaltar, também, que os que ouvem o *podcast* não são os que fazem parte dessa “parcela da população”, pois estão excluídos, inclusive do espaço digital. O que funciona, no processo discursivo, é, portanto, um jogo imaginário, segundo o qual, aqueles que passam fome, não têm também acesso às mídias digitais, bem como não possuem condições de ouvirem um *podcast*.

Convém destacar também, que conforme já mencionado, a jornalista não fala em seu próprio nome, mas ao usar a locução pronominal “a gente”, ela se coloca como parte de um todo, isto é, fala em nome de um “nós”. Por fim, deixa o convite para que os ouvintes ouçam os próximos episódios. Ao se referir ao ouvinte como “você” produz um efeito de sentido de proximidade e ao dizer “até a próxima”, assegura a audiência

Finalizando nosso gesto interpretativo, podemos dizer que uma das noções mais significativas para compreender o(s) sentido(s) do texto é o de formação discursiva. Tributária a Foucault, foi incorporada por Pêcheux em seus escritos, que a compreende como aquilo que pode/não pode ou deve/não deve ser dito a partir do lugar ocupado pelo sujeito do discurso.

No *podcast* analisado, Luciana Barreto ocupa o lugar de jornalista, profissional responsável pela apuração, investigação e apresentação de informações de interesse público em forma de notícias, reportagens e/ou entrevistas. Para produzir o efeito de sentido de verdade, convoca outros sujeitos, como Tereza Campello, Valéria Burity e Denise Dornelas, que também falam dos lugares que ocupam na nossa formação social, afirmando, assim como Josué de Castro, que a fome não decorre das condições climáticas, da falta de alimentos, do crescimento populacional ou da suposta “preguiça” de parte da população brasileira.

## EFEITO DE FECHAMENTO

A fome que assolou e assola o mundo com sua força arrebatadora configurou o caminho que moveu esta pesquisa. Narrada em diversas obras da literatura, como em *Quarto de Despejo*, pintada em quadros como em *Os Retirantes de Portinari*, ou cantada em versos, como os de Solano Trindade que diz que “tem gente com fome, tem gente com fome” e “Se tem gente com fome dá de comer, se em gente com fome, dá de comer”, que dá início ao *podcast*, ela segue fazendo suas vítimas diárias.

Pensamos que a alimentação é essencial para a sobrevivência, mas junto com essa fome “amarela” como dizia Carolina de Jesus, vêm outras que também são necessárias, como o acesso à cultura, lazer, educação e saúde. Podemos dizer que este trabalho tem fome de reflexão sobre a negligência política em um país em emergência, em todos os sentidos possíveis que esta palavra pode produzir.

A partir desse cenário dessolador em que muitas pessoas morrem por não ter o que comer, estabelecemos como principal objetivo para este trabalho: investigar como são produzidos os sentidos sobre a *fome* no episódio de *podcast* intitulado “Entre Vozes: o fantasma da fome volta a assombrar o Brasil”, produzido pela CNN Brasil, pensando o funcionamento discursivo do *podcast*, que circulou no espaço digital, por meio de plataformas de *streaming*, a partir de 2021.

Dentre as diversas materialidades disponíveis, no espaço digital, recortamos o *podcast*, mídia digital que vem se popularizando a cada dia mais, porque permite que o seu conteúdo possa ser consumido quando o sujeito está se locomovendo ou realizando uma atividade que lhe impossibilita de folhear as páginas de um jornal ou revista ou de fazer uso das teclas de um computador ou de um telefone. O *podcast* constitui, portanto, uma forma de otimizar o tempo do sujeito e de colocá-lo a par de conteúdos mais profundos e/ou divididos por nichos.

Compreendemos, então, o *podcast* como uma das novas tecnologias da informação e comunicação que vem afetando o modo como o sujeito se relaciona com o mundo e com o outro. Sobre isso, podemos considerar que, dadas as

condições de produção do discurso do *podcast*, os sujeitos ouvintes que a ele têm acesso, conseguem produzir sentidos a partir do entrecruzamento de vozes, músicas letradas, ou vinhetas, organizadas, pensadas, roteirizadas com antecedência, por um sujeito jornalista.

Diferentemente dos programas de rádio, os podcasts funcionam de forma a poder ser ouvido muitas vezes, já que seu arquivo de áudio é hospedado em plataformas, que podem ser acessadas a depender do interesse e disponibilidade do ouvinte. Nesse sentido, o *podcast* se configura como uma mídia que se adequa à agilidade e rapidez do espaço urbano e, se nesse espaço, os sujeitos têm suas práticas afetadas por leis e regras, no espaço digital, eles também têm suas práticas reguladas. O digital, portanto, modifica o espaço urbano tanto quanto o espaço urbano foi capaz de modificar o espaço digital.

Se nas cidades um zumbido se instala incessantemente, pelo encontro dos ruídos, no digital, o entrecruzamento das vozes ecoa e reverbera em volumes à nossa escolha. O que foge às escolhas, no entanto, são os sentidos. Dizemos isso, porque no *podcast* recortado para análise, as vozes de diferentes sujeitos se embaralham à voz da jornalista Luciana Barreto, produzindo efeitos de sentido de denúncia, de revolta e também funcionam como um gesto de resistência contra as políticas públicas de combate à fome do então presidente Jair Bolsonaro, que em uma entrevista negou que houvesse fome no Brasil, porque aqui não havia “físicos esqueléticos”.

Para resistir a esse discurso, Luciana Barreto se vale de já-ditos, que retornam atualizados no fio do discurso. Uma referência frequente no discurso da jornalista é a obra *Geografia da Fome*, em que Josué de Castro, há mais de 70 anos atrás, negava que ela decorre das condições climáticas, da falta de alimentos e do crescimento populacional desordenado.

Para ele, assim como para a jornalista, a fome decorre da má distribuição de renda e da falta e da falha do Estado, ou seja, ela não é uma fatalidade, mas o resultado de ações humanas. Isso significa que os discursos produzidos por Josué de Castro voltam atualizados no fio do discurso, produzindo o efeito de sentido do já-lá.

Outra referência forte no discurso de Luciana Barreto são os escritos de Carolina Maria de Jesus, que funcionam como “testemunho real da fome”. Para Carolina, a fome tem cor (“é amarelo”) e tem forma (“é horrível ter só ar dentro

do estômago”). O gesto de Carolina que “catava” os restos no lixo, foi repetida recentemente, quando pessoas “cataram” restos de carne em ossos cujo destino eram as fábricas de sabão e de ração animal. Esse movimento de “catar” os restos dentre o resto, ressoa o poema de Manuel Bandeira, e segundo os quais, “*O bicho não era cão/Não era um gato/Não era um rato/O bicho, meu Deus, era um homem*”.

No eixo da formulação, a jornalista retoma, também, o *slogan* da Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria, e pela Vida, “Quem tem fome, tem pressa”. A campanha foi desenvolvida na década de 1990, pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, e colocou o combate à fome no foco das manifestações populares e das políticas públicas, a partir daquele ano. Foi retomada em 2022, apesar de o ex-presidente Jair Bolsonaro negar que houvesse fome no Brasil.

Para conferir ao seu discurso o efeito de sentido de verdade, Luciana Barreto convoca outras vozes, como de Vera Eunice, filha de Carolina Maria de Jesus que diz da fome na infância e sobre como ela afetava a família. Segundo Vera Eunice, a fome deixou nela “manias de favela”, como por exemplo, comer rápido para poder comer o resto de comida que a mãe deixava na panela. Como dissemos no terceiro capítulo, a voz de Vera Eunice funciona como testemunho de um sujeito que sentiu o real da fome, pois “aponta para um falar urgente, para o não esquecer e para um não deixar os outros esquecerem”, conforme Mariani (2016).

Tereza Campello, economista e professora titular da Cátedra Josué de Castro, da Faculdade de Saúde Pública, da USP, que esteve à frente da pasta de Desenvolvimento Social e Combate à fome entre 2011 e 2016, também fala sobre a fome no Brasil. A pasta que ocupou tinha como objetivo desenvolver políticas públicas de combate à fome e erradicar a extrema pobreza no país, o que vinha sendo feito por meio do plano Brasil Sem Miséria.

De acordo com ela, o Brasil havia deixado de figurar o Mapa da Fome devido ao conjunto de políticas públicas voltadas ao combate da pobreza e da fome efetivadas nos governos de Lula e de Dilma Rousseff, dentre as quais, cita reconhecer que a fome é/era um problema social; o desenvolvimento de um conjunto de políticas públicas voltadas para combatê-la; criação do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS); conjunto de medidas para criação de renda, pois a população passa(va) fome não porque não tem comida

no Brasil, mas porque não tinha renda para comprar o alimento. Cita como principais ações do governo a geração de empregos e a criação do Bolsa Família.

Num tom de denúncia, diz que a desvalorização dessas políticas públicas e a reforma trabalhista implementada por Jair Bolsonaro jogou boa parte dos trabalhadores na informalidade, aumentando a insegurança alimentar. Enfatiza, ainda, que os mais afetados pela fome e/ou insegurança alimentar estão na região nordeste, sul e sudeste, são negros e famílias chefiadas por mulheres, com crianças pequenas. Segundo ela, “a fome tem cor”.

Neste ponto, a jornalista fala das ações pontuais desenvolvidas por instituições e até mesmo pela população pobre, que se solidariza e ajuda quem tem fome como pode. De acordo com ela, “a filantropia é fundamental, mas a responsabilidade tem de ser do Estado” e é necessário não apenas comer, mas comer com qualidade e quantidade suficiente.

Na sequência, Luciana Barreto dá voz à advogada Valéria Burity, ex secretária da FIAN Brasil, organização que defende o direito humano à alimentação e à nutrição adequadas e que assumiu, recentemente, a Secretaria Extraordinária de Combate à Fome do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS), do atual governo Lula.

Para falar da fome, Valéria entremeia ao seu discurso, as palavras de Josué de Castro, que no “Geografia da Fome”, propõe uma distinção entre a fome total, que é aquela que existe nas regiões que são afetadas pela extrema miséria, e a fome parcial ou oculta/invisível, marcada pela falta de acesso aos alimentos importantes para a nutrição saudável e para a saúde como um todo.

As palavras de Josué de Castro retornam o discurso de Valéria Burity e funcionam como discurso de autoridade. Para ela, a fome invisível ou oculta é “essa fome marcada pela falta de acesso a alimentos que são nutritivos, que vão garantir que o corpo aproveite o alimento e fique cheio de saúde, que as pessoas possam viver a vida em plenitude”.

Outra parte da população afetada pela pobreza e pela extrema pobreza e que vivem a fome e a insegurança alimentar são os moradores de rua, que não entram nas pesquisas, como, por exemplo do EBIA, que se baseia nos

domicílios, além dos moradores do campo e dos grandes centros urbanos, pois sem emprego não há renda e sem renda, não há comida.

Sobre as vítimas da fome no Brasil, Valéria diz que são “todas aquelas que recebem toda a carga de desigualdade do nosso país, como sempre. São pessoas empobrecidas”. Ela fala de um processo falho, em que as pessoas não têm terra para produzir, não conseguem vender o que produzem, não tem incentivo para produzir, não têm acesso à renda, porque não conseguem trabalhar, porque os preços têm um valor acima do que as pessoas conseguem comprar.

Segundo ela, há um desmonte das políticas públicas no país, que afeta a população negra ou parda e as famílias que têm a mulher como referência e que vivem na região norte e nordeste. A solução, de acordo com ela, já foi apontada por Josué de Castro, há 70 anos atrás: as políticas de transferência de renda pelo governo federal e o auxílio emergencial durante a pandemia.

Para Luciana Barreto, os mais afetados tanto pela pandemia quanto pela fome são os negros, pobres, periféricos. Essa constatação sobre o maior índice de mortes de pessoas negras é reforçada pela médica de família Denise Ornelas, porque são as que mais trabalham na informalidade, têm acesso precário à saúde e moram em locais distantes.

Segundo Luciana Barreto, algumas comorbidades como a hipertensão e o diabetes também são mais comuns entre as pessoas negras justamente por elas terem acesso desigual e mais precário à alimentação. Além disso, essa população é a que mais trabalha na informalidade. Então, na pandemia, “é passar fome ou se expor ao risco de um vírus”.

Ao fim do *podcast*, a jornalista diz que “ainda existe um sopro de esperança no meio de tudo isso”, já que organizações da sociedade civil, entidades, iniciativas e projetos se articulam num verdadeiro “cabo de guerra” contra a fome.

Pelo viés do discurso, podemos dizer que Luciana Barreto entremeia ao seu discurso, outras vozes, que do lugar que ocupam, estão autorizadas a dizer o que dizem. Essas vozes falam da fome, “sentida” como de Carolina Maria de Jesus e de Vera Eunice e de uma fome “percebida” por Luciana Barreto, Tereza Campello, Valéria Burity e Denise Ornelas. Todas falam de suas experiências em ministérios e secretarias, pois estão “acostumadas” com a dor da fome.



Nas análises, verificamos, portanto, uma total desidentificação entre o discurso do ex- presidente da república Jair Bolsonaro e dessas mulheres, que mesmo em tempos de pandemia e em que a fome atingia milhares de brasileiros, assim como fez com a vacina, negou que houvesse brasileiros passando fome.

Importante destacar também o uso da voz, no *podcast*, como processo de subjetivação do sujeito e como acontecimento único, que não se repete (SOUZA, 2018). Não há imagem no *podcast*, então a voz constitui o elo entre a jornalista/as entrevistadas e o sujeito que ouve. O que funciona, nesse processo discursivo, são projeções imaginárias dos sujeitos em suas condições históricas de produção de sentido. Cabe lembrar, que Luciana Barreto é negra e mulher, e diz o que diz a partir desse seu lugar de jornalista, mulher e negra.

Compreendemos também que esta pesquisa é um recorte e um (novo) olhar sobre estas SDs pode ecoar sentidos outros, a depender da inscrição do sujeito em uma ou outra FD. Esse é próprio da língua, ser fluida e não hegemônica. No entanto, o que fica, é a urgência de resolver ou pelo menos amenizar a dor da fome no Brasil, pois citando Betinho, “Quem tem fome, tem pressa”.

## REFERÊNCIAS

- ACHARD, P. et al. Papel da memória. Tradução e introdução: José Horta Nunes. 3.ed. Campinas: Pontes Editores, 2010.
- ALBERGARIA, D. Motivações e consequências sociais das reformas urbanas no Rio. Com Ciência, Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Unicamp. 2010. Disponível em [http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-76542010000400003&lng=pt&nrm=iso](http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542010000400003&lng=pt&nrm=iso) Acesso em 17 de set. de 2022.
- AULETE, C. Dicionário contemporâneo da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1980. in:<https://aulete.com.br/> . Acesso em 04 de ago. de 2022.
- ALTHUSSER, L. P. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1995.
- BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003
- BANDEIRA, Manuel. “O bicho”, in \_\_\_\_\_, Estrela da vida inteira, Rio de Janeiro, Fronteira, 1947.
- BRASIL. A Trajetória Histórica da Segurança Alimentar e Nutricional na Agenda Política Nacional: Projetos, Descontinuidade e Consolidação. Texto para discussão / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. - Brasília : Rio de Janeiro : Ipea , 2014.
- CALVINO, I. *As cidades invisíveis*. Companhia das Letras, 1990. 1ª ed. [Le città invisibili, 1972] Tradução: Diogo Mainardi.
- CASTELLS, M. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTRO J. *Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço*. 10.ed. Rio de Janeiro: Antares; 1980.
- COURTINE, JJ. *Análise do Discurso Político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. Trad. Patrícia C. R. Reuillard. São Carlos(SP): EdUFSCar, 2009.
- COURTINE, JJ. O tecido da memória: algumas perspectivas de trabalho histórico nas ciências da linguagem – Languages (114:5 - 12). Paris, Jun. 1994. Tradução: Roberto Leiser Baronas & Nilton Milanez.
- DE CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis, Rio de Janeiro:Vozes, 1994.
- DIAS, C. *e-Urbano: a forma material do eletrônico no urbano*. In. DIAS, Cristiane. *E-urbano: Sentidos do espaço urbano/digital* [online]. 2011, Consultada no Portal

Labeurb – <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/> Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

DIAS, C. “*Não é só a morte que nivela*”: o discurso da cultura digital. In: Orlandi, E.P./Massmann, D. (Orgs) *Cultura e Diversidade. Trilogia Travessia da Diversidade- Vol.1/* Campinas, SP: Pontes Editores, 2016a.

DIAS, C. *A materialidade digital da mobilidade urbana: espaço, tecnologia e discurso*. 2016b IN: <http://www.revistalinguas.com/edicao37/artigo7.pdf> Acesso em 26 de jun. de 2022.

DIAS, C. *Análise do discurso digital: Sujeito, espaço, memória e arquivo*. Campinas, SP: Pontes Editores, 202 pp. (2018).

DUCARD, D. Dar a palavra: da reportagem radiofônica à ficção documental. In: LARA, G.; R. LIMBERTI. *Discurso e (des)igualdade social*. São Paulo: Contexto, 2015.

FANTASMA. In: DICIO, *Dicionário Online de Português*. Curitiba, 2022. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/fantasma/>> Acesso em 20 de jun. de 2022.

FERRAÇA, M. *Prostituição: vozes que ecoam, sereias que (en)cantam*. Dissertação de Mestrado. Cascavel, PR: UNIOESTE, 2013.

FERRAÇA, M. *(R)esistir no Jardim Itatinga: laços entre sujeitos e espaço urbano*. Tese de Doutorado. Campinas, SP; Unicamp, 2020.

FERREIRA, M. C. L. *Glossário de Termos do Discurso*. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, 2005.

INDURSKY, F. *A memória na cena do discurso*. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas, Mercado de Letras, 2011.

JESUS, M.C. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10. ed. - São Paulo : Ática, 2014. 200p.

LEMOS, André (org). *Cibercidade: as cidades na cibercultura.*, Editora e-papers, Rio de Janeiro, 2004

LENHARO, R. I. CRISTÓVÃO, V. L. *Podcast, participação social e desenvolvimento*. Educação em Revista Belo Horizonte v.32 n.01 p. 307-335 Janeiro-Março 2016.

MARIANI, B. Testemunho: um acontecimento na estrutura. Revista do programa de pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. V12. Nº1. P48-68 - jan/jul de 2016.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso*. In: ORLANDI, E.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Org.). Discurso e textualidade. Campinas, São Paulo: Pontes, 2006, p. 11-31.

ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*/ Eni Puccinelli Orlandi. – 6ª ed.- Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas/SP: 1999.

ORLANDI, E. *A cidade dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2004.

ORLANDI, E. *Discurso e texto: Formulação e circulação dos sentidos*- 4ª Edição, Pontes Editores Campinas, SP, 2012.

PAVEAU, Marie-Anne. Os pré-discursos: sentido, memória, cognição. Tradução Graciely Costa e Débora Massmann. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, M. *Análise Automática do Discurso (AAD-69)*. In: *Por uma Análise Automática do Discurso: Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux*. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução: Eni P. Orlandi - 7ª Edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, Michel. *Materialidades discursivas/ organização: Bernard Conein... [et al]* - Campinas, SP: Editora Unicamp, 2016

PÊCHEUX, M. Delimitações, Inversões, Deslocamentos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 19, p. 7–24, 2012. DOI: 10.20396/cel.v19i0.8636823.

Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636823>. Acesso em: 14 fev. 2023.

RAMOS, G. *Vidas secas* Rio de Janeiro: José Olympio, 1953

RASIA, G. S. *Da parede ao corpo social: a carne que não satisfaz*. RUA [online]. 2010, no. 16. Volume 1 - ISSN 1413-2109.

VIECELI.L. Pessoas procuram restos de alimentos em caminhão de lixo no rio - REVISTA FOLHA <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/07/pessoas-procuram-restos-de-alimentos-em-caminhao-de-lixo-no-rio.sht>

SANTOS, M. *Território, Globalização e fragmentação*. Editora HUCITEC. São Paulo, 1998.

SEM AUTOR. Uso da internet no Brasil cresce, e chega a 81% da população, diz pesquisa | Tecnologia | G1. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2021/08/18/uso-da-internet-no-brasil-cresce-e-chega-a-81percent-da-populacao-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 29 de jun. de 2022.

SEM AUTOR. Pandemia provoca aceleração do consumo de podcasts no Brasil, revela pesquisa - Economia e Finanças - Extra Online, 2021. Disponível em: <<https://extra.globo.com/economia-e-financas/pandemia-provoca-aceleracao-do-consumo-de-podcasts-no-brasil-revela-pesquisa-25120095.html>> Acesso em: 30 de jun. de 2022.

SILVA, Mariana Zache; DALL'ORTO, Felipe Campo. Streaming e sua influência sobre o Audiovisual e o Product Placement. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., 2017, Curitiba. Anais... Curitiba: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2017. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2757-1.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2022.

SILVEIRA, J. *Rumor(es) e humor(es) na circulação de hashtags do discurso político ordinário no twitter*. 2015, p. 211 Tese (Doutorado em Letras departamento de Letras). Universidade Estadual de Maringá.

SIPIONI, M. E. Riquieri, M. R. L., Barbosa, J. P. M., Biscotto, D. B., Sarti, T. D., & Andrade, M. A. C. (2020). *MASKS COVER THE FACE, HUNGER UNMASKS THE REST: COVID-19 AND THE FIGHTING AGAINST HUNGER IN BRAZIL*. In *SciELO Preprints*. Disponível em <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.660>. Acesso em 14 de set. de 2022.

SOUZA, P. *Elementos para a escuta e jogo de análise do simbólico*. In: Reflexão e Ação. 2015. SSN on-line: 1982-9949 Doi: 10.17058/rea.v23i1.5640

VASCONCELOS F.A.G. *Combate à fome no Brasil: uma análise histórica de Vargas a Lula*. Rev. Nutr. Campinas, 18(4): 439-457, jul./ago, 2005.  
SEM AUTOR. *País que mais consome podcast no mundo - Exame Online*, 2022. Disponível em: < <https://exame.com/pop/brasil-e-o-3o-pais-que-mais-consome-podcast-no-mundo/>> Acesso em: 10 de set. de 2022

**ANEXO I**  
**TRANSCRIÇÃO DO PODCAST *ENTRE VOZES O FANTASMA DA FOME***  
***VOLTA A ASSOMBRAR O BRASIL***

**LUCIANA BARRETO:** Tantas caras tristes querendo chegar em algum destino, em algum lugar. Trem sujo da Leopoldina, correndo, correndo, parece dizer: - Tem gente com fome, tem gente com fome! Só nas estações quando vai parando lentamente começa a dizer: - “Se tem gente com fome, dá de comer, se tem gente com fome, dá de comer”.

E como tem gente com fome! tem gente com fome na Leopoldina, no Rio de Janeiro, que foi o bairro que inspirou o artista e militante Solano Trindade a escrever esses versos há uns 70 anos. Também tem gente com fome na Brasilândia em São Paulo. Tem ainda mais gente com fome no bairro Mar à Baixo no Macapá, já que uma pesquisa de segurança alimentar divulgada em abril mostrou que esse mal castiga ainda mais quem mora no Norte e Nordeste do Brasil. Essa mesma pesquisa também revelou que nos últimos três meses de 2020, 19 milhões de brasileiros passavam fome no país. Como dar de comer a toda essa gente? Nos seus dois livros mais famosos, o “Geografia da Fome” e o “Geopolítica da Fome”, o escritor Josué de Castro teve um daqueles *insights* geniais, que hoje pode até parecer uma obviedade, mas, na época, revolucionou a forma como se pensava a falta de comida no prato. Ele concluiu que fome não é fatalidade, mas sim o resultado de uma porção de ações humanas. E entre as principais causas dela tá uma palavrinha, que convenhamos, o Brasil sempre conheceu muito bem, mas que ganhou uma proporção assombrosa na Pandemia, e eu tô falando da Desigualdade Social.

**LUCIANA BARRETO:** Não é fácil concluir que em tempos de Pobreza e desigualdade recorde, a fome também cresceria.

**LUCIANA BARRETO:** Eu sou Luciana Barreto e nesse episódio Entre Vozes, a gente fala do Fantasma da Fome que voltou a assombrar o Brasil.

**Música:** “Pobre só pensa no arroz e no feijão, pobre só pensa no arroz e no feijão, pobre não tem dote nos negócio da nação, pobre não tem nada com a desorganização.”

**LUCIANA BARRETO:** 27 de maio de 1958, favela do Canindé, zona norte de São Paulo.

“Percebi que no frigorífico jogam creolina no lixo para o favelado não catar a carne para comer. Não tomei café, fui andando meio tonta. A tontura da fome é pior que a tontura do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar, mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago”.

**LUCIANA BARRETO:** Quando pegou seu diário e escreveu essas palavras no fim do dia, Carolina Maria de Jesus provavelmente estava com fome, muita fome. Talvez tenha sido uns daqueles tantos dias que ela tenha ido dormir de estômago vazio, já que o pouco de comer que tinha em casa ela dividiu entre os três filhos: José Carlos, João José e Vera Eunice. Vera Eunice, que hoje tem 67 anos, lembra bem dessas ocasiões. Aliás, guarda bem essa voz, pois ela vai aparecer algumas vezes aqui no episódio.

**VERA EUNICE:** O problema da minha mãe era que ela tinha que alimentar os filhos. A grande preocupação dela era que os filhos fossem alimentados e que como ela tinha compulsão pela escrita, pois era o alimento para a alma. Mas quando não tinha comida em casa, ela não conseguia. Quando a gente estava com fome, ela não conseguia escrever. Várias vezes ela deixava de comer, primeiro os filhos.

**LUCIANA BARRETO:** É claro que uma fome assim deixa cicatrizes!

**VERA EUNICE:** Nós fomos morar numa sala de visitas, como ela dizia, era uma casa de alvenaria. Apesar de ter comida em casa, a gente ia catar comida no lixo. Eu falo que eu tenho umas manias da favela que me acompanham até hoje: por exemplo: Comer rápido. Por que comer rápido? Porque minha mãe sempre deixava um pouquinho na panela e quem acabasse primeiro poderia comer aquele restinho. Comer de colher para comer rápido.

**LUCIANA BARRETO:** Apesar de ter deixado esse testemunho real da fome, que é o livro Quarto de Despejo, a Carolina Maria morreu em 1977 e não viveu para ver a fome no Brasil ser mundialmente reconhecida, em 1990. Esse foi o ano em que a ONU divulgou pela primeira vez em quais países do mundo pelo menos 5% da população estava ingerindo menos calorias por dia do que o recomendado. Desde então, o Brasil seguiu sendo figurinha carimbada nesse mapa e as coisas só foram mudar em setembro de 2014.

**Voz de outra repórter:** “Pelo menos 100 milhões de pessoas não passam mais fome no mundo. O resultado foi alcançado na última década. De acordo com o relatório das Nações Unidas, o Brasil foi um dos países que deixou de fazer parte do mapa mundial da fome.”

**LUCIANA BARRETO:** Naquele ano, o Brasil registrou um índice de 3% de subalimentação, o que para um país do tamanho do nosso, ainda é bastante coisa, mas bem, as coisas ainda estavam andando e zerar a fome ainda era uma esperança um tanto palpável no horizonte. Ou pelo menos era o que parecia.

**LUCIANA BARRETO:** Se a gente olhar para os números assustadores dos últimos meses que acusam que quase 20 milhões de brasileiros não tem o que comer ou que 70% de moradores das favelas não tem dinheiro para a comida, dá até pra pensar que a culpa é a crise gerada pela Pandemia. E é mesmo, mas não é só dela não. Pelo menos, desde 2017, o Brasil vem dando passos largos de volta para o Mapa da Fome. Uma pesquisa divulgada pelo IBGE, de 2017 e 2018, 10,3 milhões passaram fome em todo país. Se a ONU levasse esse dado em conta, o Brasil estaria desde lá com o pezinho de volta no mapa da fome.

2017 também foi o ano em que a campanha Natal Sem Fome foi retomada, depois de quase uma década. Um dos organizadores, o Daniel de Souza, chegou a dizer que encarou com muita tristeza esse relançamento. Parecia um termômetro e também um presságio para os dias de miséria que viriam. Ah, pra quem não sabe, Daniel é filho do sociólogo Beto de Souza, O Betinho de quem é a frase “Quem tem fome tem pressa”.

É por tudo isso que quando o presidente Jair Bolsonaro disse essa fatídica frase, que você vai escutar agora, em julho de 2019, a situação por aqui já estava bem ruim.

**JAIR BOLSONARO:** “Falar que passa-se fome no Brasil é uma mentira. Passa-se mal, não come bem, aí eu concordo. Passar fome, não. Não se vê gente mesmo pobre na rua com o físico esquelético como a gente vê em alguns outros países aí pelo mundo”.

**LUCIANA BARRETO:** Pois é, presidente, talvez a gente não se depare com tanta frequência com esse perfil do faminto que você descreveu. Para muita gente, a imagem da fome no país é aquela imagem do sertanejo com ossos aparecendo. A fome ganhou outras caras, quando saiu do campo e invadiu as cidades. Para a Vera Eunice, a imagem da fome que ela conheceu quando ainda era criança é mais ou menos essa aqui:

**VERA EUNICE:** “Minha mãe pouco comia, minha mãe era muito magra, subalimentada, subnutrida. A gente saía para catar papel e ela passava mal na rua. E minha mãe passava muito mal, vomitava, via tudo amarelo, vomitava bÍlis. Ela via tudo amarelo, ela dizia: estou vendo tudo amarelo, a fome é amarelo”.

**LUCIANA BARRETO:** Vou dar um outro exemplo... insegurança alimentar grave.

**VERA EUNICE:** “Passar fome, não é muito fácil passar fome. Só quem passou é quem sabe, porque quando eu digo fome, é a fome de comer no lixo. Eu não digo uma fome que hoje você tem e amanhã você vai ter. É uma fome que você nunca sabe quando você vai comer, porque lá na favela, quando a gente morava com minha mãe, nós nunca sabíamos quando íamos comer. Se almoçasse não sabia se ia ter café, se ia ter janta”.

**LUCIANA BARRETO:** A insegurança alimentar moderada, que tá a um passinho dessa situação também cresceu muito durante a pandemia. Ela é caracterizada principalmente pela redução da quantidade de alimentos que os adultos de uma casa consomem e pela ruptura do padrão de alimentação. Uma pesquisa do Datafolha, divulgada no começo desse ano, mostrou o que isso significa, na prática. Eles entrevistaram moradores de 76 favelas no Brasil e concluíram que em média, essas pessoas não comem nem duas refeições por dia. É literalmente escolher comer entre o almoço e a janta. Para completar, a insegurança alimentar leve é como conviver com o fantasma da fome sempre à espreita, quem vivencia essa situação ainda tem o que comer no presente, mas o medo de faltar comida na mesa é constante.



**VERA EUNICE:** Hoje, hoje, atualmente eu sempre digo, uma das melhores coisas da vida é poder comer, e comer até encher, porque no tempo que eu morava com minha mãe, a gente comia o que tinha. E comia nunca foi suficiente pra dizer “estou cheio, estou satisfeito”.

**LUCIANA BARRETO:** E digo mais, as pessoas que comem pouco ou que vivem em algum grau de insegurança alimentar comem mal, muito mal, mas isso eu deixo para os nossos convidados de hoje explicarem melhor. Quem participa do episódio de hoje são duas grandes especialistas no tema: fome e insegurança alimentar. A primeira delas é Tereza Campello, economista e professora titular da Cátedra Josué de Castro, da Faculdade de Saúde Pública, da USP. A Tereza esteve à frente na pasta de desenvolvimento social e combate à fome entre 2011 e 2016. Essa pasta que foi descontinuada em 2019, focava na elaboração, implementação e na da política nacional do combate à fome e erradicação da extrema pobreza aqui no nosso país. Tudo isso era feito por meio do plano Brasil Sem Miséria. Seja muito bem vinda ao entre vozes, Tereza.

**TEREZA CAMPELLO:** Obrigada, Luciana e estou aqui à disposição.

**LUCIANA BARRETO:** Tereza, vamos começar pela pergunta básica: O que foi que nos recolocou nos trilhos de volta ao mapa da fome?

**TEREZA CAMPELLO:** Talvez para responder essa pergunta, um gancho de como nós saímos possa nos dar uma luz, porque o Brasil historicamente vinha sendo marcado por ser um país de fome, onde uma parcela da sua população passava fome e de certa forma isso era naturalizado, simplificado. Então, “A fome sempre existiu”, “Ah, é por conta da preguiça”, “ é por conta da seca”. Então, algumas explicações eram dadas e se tratava como natural ter fome, apesar de o Brasil ser um grande produtor de alimentos, então a gente vivia com esse paradoxo. Quando se inicia o conjunto de políticas públicas voltadas ao combate da pobreza e ao combate à fome, o resultado aparece muito rapidamente. Você vê que em menos de dez anos, segundo os dados da Fao, o Brasil conseguiu reduzir em 82% a população que estava em subalimentação, com quadro de fome. Então talvez fosse interessante eu levantar e apontar para vocês quais são as razões que a Fao listava para o Brasil ter conseguido esse feito, que é o Brasil ter saído do mapa da fome. A primeira delas é assumir que a fome era um problema, não naturalizar. Então dizer ó, deve haver um conjunto de políticas públicas voltadas a isso. Se criou o Ministério que o nome inclusive tinha fome, né. Se construiu agenda pública para dizer que a fome existe, ela é um problema ela tem que ser combatida. Isso deixou de acontecer. Então, isso já é um dos elementos. Então, uma das coisas que a FAO levantava primeiro já deixou de ser prioridade. A fome deixou de ser prioridade. A segunda grande questão e que eu considero a mais importante de todas é que a população passava fome não porque não tinha comida no Brasil, mas porque ela não tinha acesso ao alimento, porque não tinha renda. Então um conjunto de políticas que garantiu que essa população tivesse acesso à renda foi implementado. Tem muita gente que acha que é o bolsa família. O bolsa família foi uma dessas ações também muito importantes, mas uma delas, a principal foi a geração de

empregos, 20 milhões de empregos, segundo fonte da própria FAO, 20 milhões de empregos formais, com carteira assinada. E empregos, e essa não é uma questão menor, pois vai explicar pra gente porque que hoje existe uma população em insegurança alimentar apesar de estar trabalhando. Então, aumento de salário mínimo e empregos formais. Essas três questões que garantiram acesso à renda elas foram não só desvalorizadas, deixou de ter um aumento do salário mínimo acima da inflação. Segunda questão, toda reforma trabalhista que jogou uma parcela da população na informalidade. Que mostram que hoje os brasileiros estão em insegurança alimentar. Aliás, um dado que não foi divulgado pra ninguém, vocês vão ser um dos primeiros a saber disso aqui nessa nossa conversa, está na informalidade. O trabalhador informal está numa situação de insegurança alimentar quatro vezes maior do que quem está no emprego com carteira assinada. Isso mostra que essa ideia de jogar as pessoas na informalidade, né, ter um trabalho precário não é bom para o trabalhador. Ele ganha menos, ele tem menos segurança. Um dos motivos principais não é só ter o aumento no desemprego como o aumento da informalidade, lembrando aqui, Luciana, que o Brasil não volta ao mapa da fome por conta do coronavírus, da pandemia, isso já vinha acontecendo desde 2016, se acentuou em 2017 e 2018 e continuou sendo aprofundado, exatamente porque essas políticas que garantiam a proteção de renda e segurança alimentar para essas famílias acabou sendo desorganizada. A terceira grande questão é o fim dos programas voltados para a agricultura familiar, que são quem produz a comida de verdade. A comida que vem para a mesa do trabalhador, que é o feijão, que é a verdura, que é o legume, que é a fruta, esse alimento é produzido majoritariamente pela agricultura familiar. A agricultura familiar também passou por uma desorganização enorme. O programa de aquisição de alimentos praticamente desapareceu, o programa de cisternas desapareceu, o PRONAF foi diluído dentro do CRESSE, o PRONAF que era para fortalecer o agricultor familiar, o pequeno agricultor, aquele que produz, nos cinturões verdes da cidade, ele parou de ter um crédito e uma política voltada para ele. O ministério que cuidava dessa agenda foi extinto, que é o Ministério do Desenvolvimento Agrário. Quer dizer, um conjunto de políticas foi desorganizado.

**LUCIANA BARRETO:** Eu iria te pedir aqui, os motivos que nos colocaram no mapa da fome e o retrato que você traçou aqui para mim é desolador. Por que desolador? Porque nesse momento, de todos os elementos que você me traçou aqui, que foram quatro: assumir que o Brasil passa fome, a população passava fome porque não tinha renda. De todos esses elementos, eu digo desolador porque justamente daqui pra frente a gente não consegue ver um caminho bem traçado e bem trilhado para combater esses pontos.

**TEREZA CAMPELLO:** Você está coberta de razão e os dados que a gente tem de dezembro eles ainda mostravam uma situação que era gravíssima, 9% da população em situação de fome, 55% dos brasileiros, às vezes a gente fica falando de percentual. Luciana, e as pessoas não se dão conta, são 117 milhões de brasileiros que não têm acesso ao alimento ou em quantidade ou em qualidade, mais da metade da população brasileira.

**LUCIANA BARRETO:** E como essa fome se expressa regionalmente no Brasil? Se passa fome no Sudeste, como se passa fome no Nordeste?

**TEREZA CAMPELLO:** O percentual da população em insegurança e em fome é maior no Nordeste, mas se a gente olhar os números absolutos, eles são iguais. A população do nordeste, sul e sudeste os números absolutos da população que está em insegurança alimentar é igual. Agora, a gente sabe que essa fome também tem cor, né? Em geral, quem está em insegurança alimentar, em pobreza é a população negra. Essa pobreza é maior quando a gente olha as famílias. Então, as famílias chefiadas por mulheres, e as famílias que têm criança pequena, tem a situação de insegurança alimentar mais grave que as demais. Então, a fome tem cor e tem esse lado da desproteção das mulheres e das crianças. Então, esse é um aspecto que a gente tem que trazer pra cima da mesa pra poder fazer políticas, não só denunciar, mas reivindicar, que as políticas que tiraram o Brasil do Mapa da fome elas têm que voltar. Sair do mapa da fome, mostra pra gente, pra mim o que é mais relevante, é que aquilo que se dizia eram os motivos da fome, não é verdade, você vê porque se dizia que a população era preguiçosa. Quem tá passando fome é porque não trabalha porque é preguiçoso. Tinha caído pela metade o número de preguiçosos e depois voltou a aumentar. Por que será? Lógico que não é isso. Então, mostra que é possível combater a fome. Eu acho que essa é a grande questão que está colocada. Nós temos que reivindicar que essas políticas públicas voltem a funcionar, para que a gente possa reverter esse quadro.

**LUCIANA BARRETO:** Políticas públicas são o combate persistente à fome. Nesse momento, a gente vê movimentações pontuais. Pessoas que distribuem cestas básicas, especialmente nas grandes cidades. Tem até uma pesquisa do Data Favela que foi divulgada no começo do ano que mostrou o que significa isso na prática, que entrevistaram moradores de 76 favelas do Brasil e concluíram que em média essas pessoas não comem nem duas refeições por dia. Literalmente, escolhem entre o almoço e a janta. Não necessariamente e pontualmente o que se faz agora, as campanhas de solidariedade não vão resolver esse problema.

**TEREZA CAMPELLO:** Exatamente, é fundamental o que está acontecendo. A população se solidariza e inclusive a população pobre, a periferia. Parcela do que tá acontecendo, os movimentos de solidariedade são entre a própria população pobre. Agora, isso não só é enxugar gelo, mas é jogar nos ombros da população, a própria população pobre tem essa responsabilidade. Então, primeiro, ações pontuais como você colocou ações focalizadas não vão resolver o problema de modo estrutural e o que nós precisamos são políticas públicas. Essas ações são fundamentais. A filantropia é fundamental, mas a responsabilidade tem que ser do estado. A responsabilidade tem que ser pública. Isso já funcionou, né? Então, assim não dá certo, o Brasil provou pro mundo que é possível sim superar uma situação de fome e de insegurança alimentar. É porque não é só comer mal, não é só comer menos do que seria o necessário, mas também comer com a qualidade e quantidade insuficiente. Então, o que tá acontecendo, que é uma outra questão que eu acho importante lembrar aqui, Luciana é o aumento do preço dos alimentos. Aumentou o preço do feijão, do arroz, da cebola e do óleo. Então, quando a gente lutava pelos 600 reais, que é

o auxílio emergencial. O valor de 600 reais era um valor de março do ano passado. Hoje, depois desse aumento gigantesco, inclusive do gás de cozinha, esses 600 reais sequer seriam suficientes e não só tinha caído pela metade, outubro, novembro e dezembro, como foi interrompido ao longo de quatro meses. A população passou quatro meses, se a gente for fazer essa pesquisa agora, tanto a pesquisa do Data favela, quanto à pesquisa do PENSSAN. A gente vai ver que a situação hoje, provavelmente, é muito mais dramática. E políticas públicas poderiam estar sendo construídas para evitar inclusive o aumento do preço dos alimentos. Nós já tivemos aqui no Brasil políticas que conseguiam fazer esse equilíbrio, que impediam esse aumento dos alimentos fundamentais. Não adianta dizer: troca o arroz e o feijão pelo macarrão. O macarrão nunca vai conseguir substituir o arroz e o feijão porque ele é uma comida vazia do ponto de vista de qualidade nutricional. E o arroz e o feijão, além de ter uma qualidade nutricional fantástica, ele chama outras coisas. Por exemplo, quando você bota arroz e feijão no prato, chama aquele chuchu, chama a abobrinha, chama o quiabo. Então, ele acaba compondo um prato. Quando você bota um macarrão no prato, aquele macarrão instantâneo que não só não alimenta, como também não é bom pra saúde, aquilo é um veneno.

**LUCIANA BARRETO:** Tereza, muito obrigada por nos ajudar a entender as características da fome nesse momento aqui no Brasil.

**TEREZA CAMPELLO:** Obrigada você, Luciana, Parabéns pelo trabalho e vamos continuar juntas aqui, ajudando a informar a população.

**LUCIANA BARRETO:** Nossa segunda convidada aqui desse episódio é a advogada Valéria Buriti. A Valéria é a atual secretária pela FIAN Brasil, que é a instituição pelo direito humano à alimentação e a nutrição adequadas, seja muito bem vinda, Valéria, obrigada por aceitar nosso convite aqui no Entre Vozes

**VALÉRIA BURITY** Eu que agradeço, Luciana.

**LUCIANA BARRETO:** Valéria, as pessoas que vivem a insegurança leve ou moderada podem ser vítimas da fome invisível que é o que o Josué de Castro descreveu?

**VALERIA BURITY:** Sim, achei super importante vocês trazerem esse ponto da fome invisível ou oculta. De fato, Josué de Castro, ele olha para essa fome total, que é essa fome presente nas regiões que são afetadas por extrema miséria, mas ele também olha para o que ele chama de fome parcial, fome oculta, que é essa fome marcada pela falta de acesso a alimentos que são nutritivos, que vão garantir que o corpo aproveite o alimento e fique cheio de saúde, que as pessoas possam viver a vida em plenitude. Então, quando ele fala de fome oculta ele fala dessa ação que mata lentamente mesmo as pessoas que conseguem comer todos os dias. E aí, isso faz a gente afirmar que pessoas que vivem em insegurança alimentar leve ou moderada, que tem medo de passar fome e que de fato tem que restringir a quantidade e qualidade dos alimentos elas podem sim sofrer de fome oculta e fome invisível. E se você pega alguns dados, por exemplo, a FAO faz um relatório sobre os indicadores de insegurança alimentar e fome no mundo. No último relatório, eles já colocam que quase metade da

população mundial não consegue bancar uma alimentação adequada. Uma alimentação saudável, porque o preço da alimentação adequada, o preço da alimentação saudável ela tá muito acima da capacidade de compra das pessoas. E é por isso que a gente afirma a alimentação como um direito. Essa afirmação para dar ênfase de você garantir o acesso à comida, mas antes de tudo, que você consiga se alimentar de comidas de verdade, que façam uma pessoa saudável. Só mais um dado importante sobre essa questão da fome oculta, o DIESE por exemplo, ele pegando o valor ali da cesta básica que tenha o valor mais caro, como Florianópolis, por exemplo, ele afirma que para uma família de quatro pessoas possam comer de forma segura precisaria de pelo menos 5.300 reais, uma média de 5.300 reais.

**LUCIANA BARRETO:** E a gente tá muito longe disso, né?

**VALERIA BURITY:** A gente tá muito longe disso, ainda mais em um contexto de pandemia, que há mais de 61 milhões de pessoas que vão viver na pobreza. Mais de 19 milhões de pessoas na extrema pobreza. Então, a gente tá bem distante disso.

**LUCIANA BARRETO:** Uma outra coisa perceptível, Valeria, é a quantidade de pessoas nas ruas, morando nas ruas nesse momento. Por vários problemas, também pela pandemia. E a população de rua não entra nessas estatísticas de fome do IBGE. Então a gente pode concluir que tem mais gente passando fome nesse país do que os números apontam?

**VALERIA BURITY:** Eu acredito que sim, pois as últimas pesquisas, que usam a EBIA, que é a Escala Brasileira de Insegurança Alimentar, você falou, e ela se baseia nos números de domicílios. E aí a gente tem aí uma população que está na rua. Eu acho que o último dado que a gente tem que é do IPEA também aponta que tá crescendo o número da população em situação de rua, cresceu 140% de março de 2012 a março de 2020, a gente tem mais de 220 mil pessoas em situação de rua e acredito que com o aumento da pobreza, recém saiu um estudo da USP que fala que tá aumentando também com muita força que a gente tenha aí mais de 61 milhões na pobreza e mais de 19 milhões na extrema pobreza e acredito que vai aumentar, porque a população de rua fica fora dessa pesquisa.

**LUCIANA BARRETO:** Tradicionalmente, nós nos acostumamos muito a falar sobre a fome no campo, mas atualmente a gente vê muita mobilização para as pessoas que estão passando fome nas cidades. A fome na cidade já está superando a do campo?

**VALERIA BURITY:** Olha, a gente tem uma população grande nas cidades, mas acho muito importante a gente falar, que no rural a fome é mais acentuada. Antes da pandemia, a gente tinha a última IBEA, que pega dados de 2017 e 2018, de 10 milhões de pessoas que passam fome. Desse percentual, 4,1% estavam no urbano e 7,1% estavam no rural. Então, a insegurança alimentar grave, ela ainda é muito acentuada no meio rural, mas claro, o aumento de fome está nas cidades, porque quando a gente fala de fome, tem uma relação grande com a

falta de acesso à renda. Com o número de pessoas que estão desempregadas nas cidades, a gente tem o aumento no número de fome no meio urbano.

**LUCIANA BARRETO:** Para encerrar, Valéria. Qual é o perfil racial, socioeconômico e de gênero de quem passa fome no Brasil?

**VALERIA BURITY:** Olha, quem são as vítimas de fome são todas aquelas que recebem toda a carga de desigualdade do nosso país, como sempre. São pessoas empobrecidas. É muito importante a gente entender que quando a gente fala de fome a gente tá falando de um processo todo que falhou, seja porque as pessoas não tinham terra para produzir, ou um território de acordo com sua cultura, seja porque as pessoas não conseguem vender o que produzem ou porque não tem incentivo para produzir, especialmente pequenos e pequenas agricultores. Seja porque as pessoas não têm acesso à renda, porque essas pessoas não conseguem trabalhar. Seja porque os preços tem um valor acima do que você consegue comprar. Então, a gente tá falando de um processo hiper falho e quando esse processo falha, a gente tem que ter ação de seguridade social para cobrir as falhas desse processo, que também a gente vê um desmonte em nosso país. Então, as pessoas que passam fome em nosso país, são as pessoas vítimas dessa omissão ou dessa ação direta que afeta diretamente mulheres negras, afeta povos e comunidades tradicionais, afeta os grupos empobrecidos. Todas as pesquisas antes da IBEA, antes da pandemia, indicam que os domicílios de maior vulnerabilidade em relação à insegurança alimentar são aqueles que a referência se autodenominou como negra ou parda e que são aqueles que têm a mulher como referência. Quando você vem para essa nova pesquisa que saiu, que vem a segurança alimentar realizada por pesquisadores de soberania alimentar, os dados também são esses, são as mulheres negras que são as mais afetadas pela fome, e quando também você compara as regiões, então a gente tá falando das regiões nordeste e da região norte.

**LUCIANA BARRETO:** Valéria, você vê um caminho pra gente traçar muito rapidamente, porque como diz o Betinho, quem tem fome tem pressa

**VALERIA BURITY:** Olha, eu acredito que sim, reforçando Josué de Castro, né? Se a gente lutar por igualdade, a gente consegue assegurar que as pessoas tenham condições mínimas de se alimentar. Um dos caminhos de fato é o acesso à renda, o auxílio emergencial deveria ser um caminho, o governo deveria se organizar melhor para garantir isso. E políticas de transferência de renda, além de garantir o combate à fome, elas têm um efeito multiplicador, então, isso também é importante para a economia, então acho que tem um mito no Brasil, que responsabilidade fiscal é a coisa mais importante do mundo, nem que isso dê à custa da vida e da dignidade das pessoas, mas você consegue conciliar um projeto fiscal fixado com a garantia de dignidade das pessoas, mas para isso é preciso muito compromisso político, que é isso que tá faltando no nosso país, compromisso político com o povo brasileiro.

**LUCIANA BARRETO:** Valeria Burity, muito obrigada por essa entrevista.

**VALERIA BURITY:** De nada, eu que agradeço mais uma vez o convite.

**LUCIANA BARRETO:** Negros, pobres, periféricos. Essas características conseguem resumir dois grupos de uma só vez. Aqueles mais suscetíveis à fome no Brasil e os que mais morrem pela COVID19. No ano passado, a CNN fez um levantamento e concluiu que pessoas negras morrem 40% mais que as pessoas brancas pelo vírus. E a médica de família Denise Ornelas, explicou um pouco porque isso acontece.

**DENISE ORNELAS -GRAVAÇÃO:** As pessoas negras são mais colocadas no mercado de trabalho informal, tendo muito mais dificuldades de procurar o serviço de saúde no tempo adequado, já chegando então em condições piores, são pessoas que têm localização geográfica que não favorece a busca por hospitais e ficando em prontos de socorros e saúdes periféricos.

**LUCIANA BARRETO:** Algumas comorbidades, que formam grupos de risco da COVID 19, como hipertensão e diabetes também são mais comuns entre as pessoas negras justamente por elas terem acesso desigual e mais precário à alimentação. Com tudo isso, só dá para chegar a uma conclusão: Os tempos de pandemia encurralaram ainda mais essa parcela da população. É passar fome ou se expor ao risco de um vírus. Mas ainda existe um sopro de esperança no meio de tudo isso, para ajudar principalmente aquelas pessoas que sequer puderam escolher trabalhar, já que o desemprego também é recorde, organizações da sociedade civil, se articulam num verdadeiro cabo de guerra contra a fome. Entidades, iniciativas e projetos se multiplicam no país todo em prol da doação de alimentos e já conseguiram alimentar milhares de famílias. A campanha 'tem gente com fome', por exemplo, mapeou 222 mil famílias e arrecada doações por meio do site: [temgentecomfome.com.br](http://temgentecomfome.com.br) depois essas doações são convertidas em alimentos e distribuídas nas comunidades.

**LUCIANA BARRETO:** Esse episódio do Entre Vozes é também um convite para que você se solidarize com essa parcela da população. A gente fica por aqui, até a próxima.